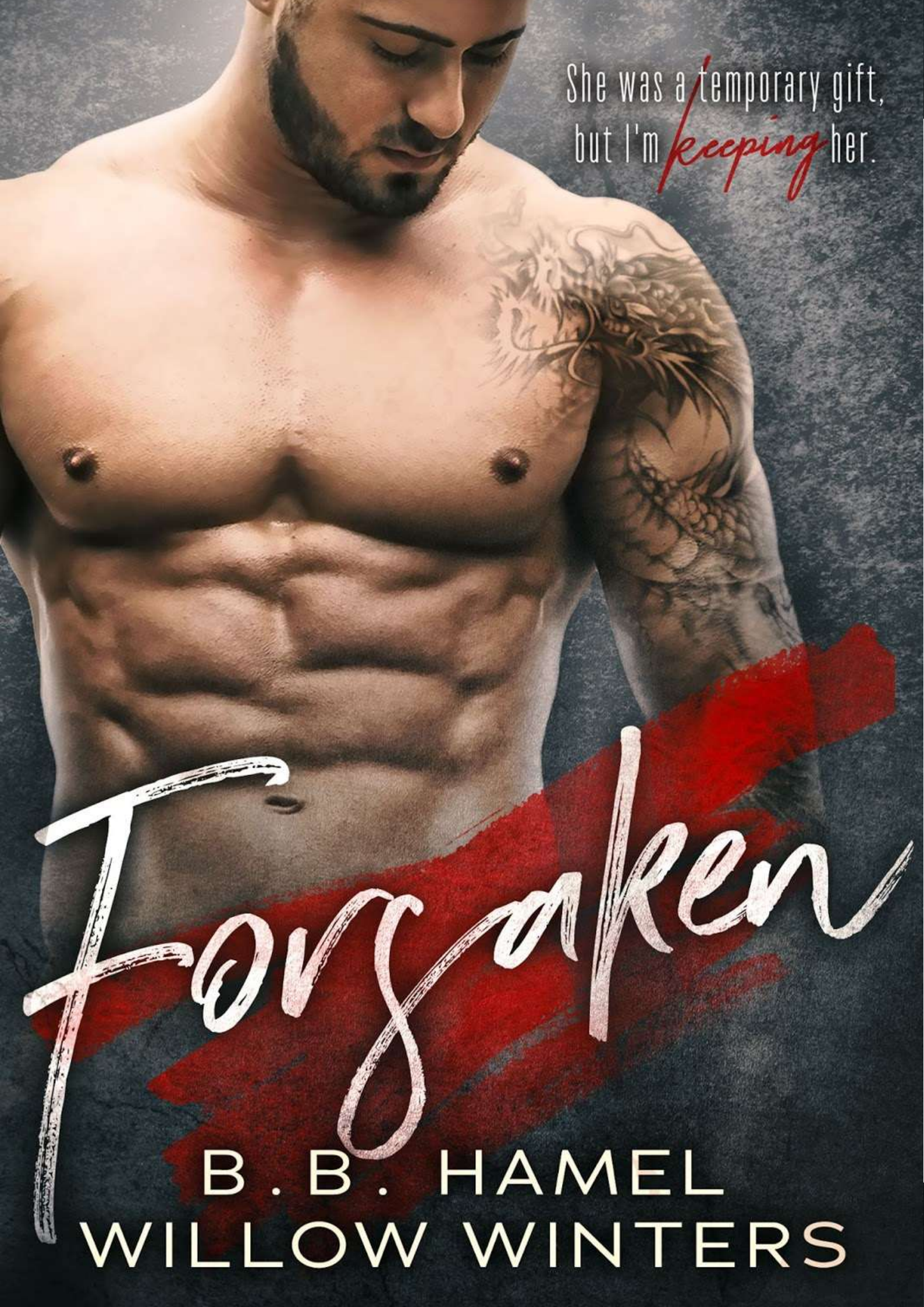

She was a temporary gift,
but I'm keeping her.
Forsaken
B.B. HAMEL
WILLOW WINTERS



Pégasus Lançamentos

# Forsaken

BB Hamel

**Tradução**: *Márcia de Oliveira*
**Revisão Inicial**: *Lesca*
**Revisão Inicial**: *Mari*
**Leitura final**: *Shay M*
**Formatação**: *Vivi*

# Aviso

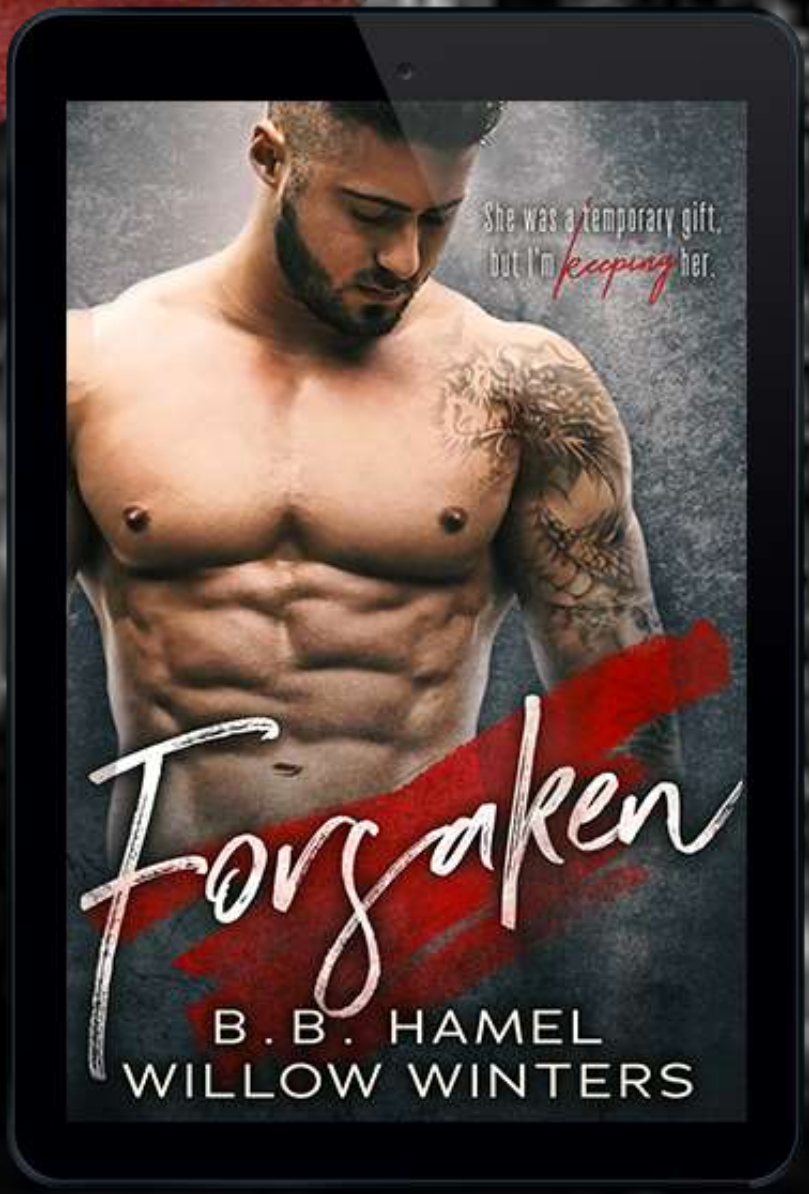
"A tradução em tela foi efetivada pelo Grupo Pégasus Lançamentos de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição integral da obra literária física ou em formato e-book. O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros, cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderá individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998."

# Forsaken


She was a temporary gift,
but I'm keeping her.
Forsaken
B.B. HAMEL
WILLOW WINTERS

Depravação. Assassinato. Escuridão.

Como assassino, estou confortável com os três, não preciso de mais nada.

Até que a vida me concede um bônus que eu não estava esperando. Grace Rossi. Uma princesa mafiosa.

Ela é um presente temporário para submeter e transformar em uma escrava obediente para meus empregadores.

Ela não tem qualquer lugar em minha vida, mas o próprio pensamento dela implorando por meus comandos me faz desejar algo muito mais escuro do que eu já tive antes.

Dei-lhe uma gaiola; É seu lugar seguro. Se ficar lá, não a tocarei. Preciso fazê-la sair e ganhar sua confiança. Tenho que conseguir sua submissão.

Ela me olha com seus lindos olhos azuis através das barras e mal consigo conter o desejo de tomá-la. Quase quebro todas as minhas regras para conseguir o que quero.

Não deveria ficar com ela, mas um gosto seu e me recuso a devolvê-la.

No momento em que ela sai da gaiola, é minha. Abandono todo o resto.

# Prólogo

## Grace

**Meus passos pesados ecoam no corredor quando vou até ela. Minha pulsação acelera quando vejo sua porta, mal posso esperar para ver a minha princesa.**

Posso ouvi-lo chegando, meu coração bate forte e meus dedos agarram as barras finas da gaiola. Não estou com medo, mas ansiosa para vê-lo. Isso deve significar que estou doente.

**Há uma escuridão dentro de mim. Ela precisa se alimentar. Toda vez que matei, ela aumentou um pouco mais. Mas quando estou perto de Grace, a escuridão fica em silêncio. Ela acalma a besta dentro de mim.**





Espancada. Devastada. Abandonada. Deixada para morrer. Estive no inferno. Ele não pode fazer nada pior do que já me fizeram. Ao contrário, ele me mostra ternura, bondade, prazer. Não sabia que precisava disso.

**Preciso sentir suas curvas, além de que almejo sua reação. A necessidade de se submeter.**

O som da porta do carro e suas botas pesadas no chão me faz soltar um gemido de luxúria, ao mesmo tempo que meus mamilos endurecem e meu clitóris pulsa.

**— Minha princesa, senti saudade. — Eu sou um idiota depravado por fazer isso com ela, mas eles me forçaram e agora estou viciado em seu toque.**

Não me importo se estou doente. Eu quero o seu conforto, sua atenção, seu carinho.

**— Te trouxe um presente. — Agacho na entrada da gaiola, ela se ajoelha, apresentando-se a mim mesmo que saiba que não precisa.**

Minha vida está arruinada. Tudo que tenho agora é o que ele me dá. Estendo a mão na frente dele, grata e ansiosa para ver o que me trouxe.

**Eu quero protegê-la. Quero fazê-la sentir coisas que nunca experimentou antes, mas ela precisa se submeter primeiro. Precisa se render a mim, se entregar completamente.**

Estou desesperada e ele sabe. Quero negar. Quero resistir contra qualquer doença que está tomando conta de mim, mas não posso. Ele é demais. *É tudo.*





**Eu abandonei tudo, menos ela. Eles não sabem, mas nunca vou devolvê-la.**

***Ela é minha.***

Não quero voltar a ser como era. Eu sei que é errado, mas quero ficar com ele. Estou embriagada por seu toque, suas palavras. Ele é tudo o que preciso. Ele me mostrou isso. Estou doente, destruída. Mas sou *dele.*





# Um

## Gio

Arremesso a bola vermelha, assisto-a voar longe no meu quintal. Rig[1], meu labrador preto leal, persegue a bola o mais rápido que pode, correndo pela grama.

Sorrio para mim mesmo, olhando pela propriedade. Gosto do isolamento e da privacidade de viver fora da cidade e fui capaz de construir uma casa com tudo que precisaria. Comprei o lugar mais pela terra do que qualquer outra coisa. Seria feliz morando em um trailer simples se isso significasse que poderia fazer o que bem quisesse, mas felizmente ganho muito dinheiro para fazer o que faço.

— Você sabe que não podemos recusar.

Olho para o meu pai ao ouvir sua voz. Ele está impaciente encostado a uma árvore próxima, fumando o seu charuto preferido. O cabelo branco e ralo o faz parecer dez anos mais velho, embora a dureza em seus olhos o faça parecer mais jovem. Ele usa sua habitual camisa azul e jeans com uma jaqueta

[1] Nome do Cachorro. Preferi deixar em inglês pois em português ficaria Equipamento.





marrom e com botas quase caindo aos pedaços. Bruno parece um trabalhador de construção civil e ele com certeza trabalha com as mãos.

Mas não é um fodido auxiliar.

— Sabe que se fizermos isso, as consequências podem ser catastróficas. — Digo.

Rig pega a bola e a traz de volta, seu rabo abanando. Bruno resmunga, balançando a cabeça.

— Entendo sua preocupação, mas isso está além de nós.

— Exatamente. É grande demais para controlar. — respondo, sem me preocupar em encará-lo.

— Controle? — Ele ri. — Não há nenhum controle em nossa profissão.

— Talvez da maneira que você opera, mas não é como faço as coisas.

Ele se empurra da árvore e vem até mim, assim que Rig deixa cair a bola aos meus pés. A pego e lanço novamente, fazendo o cachorro correr.

— Escute, filho. Você sabe o quanto isso é importante para mim.

— Eu sei o quanto *poderia* ser, pelo menos.

— Fomos forasteiros nossa vida toda.

—Eu sei. — digo, a mandíbula tensa.

— Eles acham que somos insignificantes. — diz, quase cuspindo as palavras. — Mas esta é a nossa chance de mostrar que somos confiáveis. Que fazemos parte.





Eu resmungo e observo o cão perseguindo a bola à distância. Meu pai está certo, mesmo que suas razões sejam um pouco distorcidas. Ele viveu a vida toda deixado de fora da família Romano, desejando fazer parte deles, mas incapaz de se juntar. Ele só é meio italiano porque seu pai desgraçado fugiu e comeu uma garota irlandesa. Pouco me importa, mas meu pai nunca superou o fato de que seus primos italianos puros fossem autorizados a entrar para Família, mas ele sempre foi mantido à distância.

Quanto a mim, nunca me interessei na porra dos meus primos italianos puros. Se quisesse poderia matar um por um.

Foi por isso que ele entrou nessa profissão e me treinou para trabalhar ao seu lado. Ser assassino significa que podemos existir na periferia da família. Merecemos ao menos um pouco de respeito, embora o medo possa ser a melhor palavra para isso. Ao longo dos anos, meu pai reuniu um conjunto específico de habilidades e as ensinou para mim, continuando a tradição familiar.

Eu era dois terços italiano e tinha mais chance de entrar para a Família do que ele. Minha mãe era italiana pura, embora não fizesse parte dessa vida. Ela morreu de câncer quando eu era criança e meu pai sempre falou dela como se fosse uma santa.

Nada disso importa. Não dou à mínima para a Família como meu pai. Ele tem este enorme peso em seu ombro e age como se todos os nossos problemas tivessem a ver com a Família rejeitá-lo. Ele não consegue parar de olhar o próprio umbigo, o mesquinho precisa ser aceito por eles.





Ser um observador combina comigo. Gosto da minha vida fora da cidade e fora da Família. Recebo o pagamento e faço os serviços que mandam, porque essa é a vida que conheço, mas não quero fazer parte de sua política e besteiras.

Pegar este trabalho destruiria qualquer aparência de forasteiro e nos empurraria para o mundo dos jogos de poder dos mafiosos. Não quero isso e nem estou interessado.

— Pense no dinheiro. — ele continua. — Sei que não liga para a Família, como eu, o que é uma pena, mas acho que com a grana que estão oferecendo você deveria se interessar.

Ele tem um bom ponto. Os Romano estavam oferecendo o triplo do valor normal, que já é significativo. O alvo é um desafio, mas o dinheiro é absurdamente bom.

Um homem se aposentaria com essa grana.

— Se fizermos isso, nossas vidas mudarão. — digo.

— Exatamente.

Balanço a cabeça.

— Você vê isso como bom, mas para mim isto destruiria tudo que construímos.

Ele vem até mim e, de repente, pega meu casaco pela gola, me erguendo. Vejo a raiva em seus olhos, a fúria intensa que habita profundamente dentro dele. É uma escuridão que o corrói e eu sei que ele bebe mais do que devia para tentar manter essa escuridão no fundo.

Tenho a mesma escuridão dentro de mim. Ela surge de maneira diferente, mas está lá, me apodrecendo lentamente por dentro. Odeio meu pai neste momento porque me vejo nele e me





enoja. Minhas mãos se fecham e adrenalina corre no meu sangue, mas fico quieto, esperando ele desabafar.

— Você não pode me ferrar nessa. — ele rosna. — A família me renegou por muito tempo. Esta é a nossa chance de fazer as coisas certas para a nossa família.

Rig retorna com a bola e rosna para meu pai.

— Me soltaria se fosse você. — digo tranquilamente, erguendo uma sobrancelha e Bruno me olha nos olhos.

— Vai fazer o que, mandar aquele maldito cachorro atrás de mim?

— Não. — digo olhando-o. — Sabe que não preciso de sua ajuda.

Há um momento de tensão entre nós. Posso ver meu pai analisando, se perguntando se seria capaz de me enfrentar em uma luta justa. Estivemos perto de lutar no passado, mas nunca chegamos a esse ponto. No entanto, ambos sabemos que tenho a juventude e experiência do meu lado e então ele me solta lentamente e respira fundo. Pega o charuto e dá uma longa tragada, desviando o olhar.

Me abaixo, pego a bola e a jogo. Rig vai atrás dela.

— Pense nisso. — diz finalmente. — Se matamos esse filho da puta, podemos ficar tranquilos por um longo tempo.

— Se matamos esse filho da puta, podemos começar uma guerra.

Ele resmunga. — Vamos esperar e ver o que eles dirão. — Ele me olha, balança a cabeça e volta para sua caminhonete.





Não o vejo ir. Sei que está aborrecido e entendo isso. Porra, nem posso culpá-lo, não mesmo. Juntar-se a família é o seu maior sonho e se alguém ficasse no caminho do que eu queria, sem dúvida, iria matá-lo.

Pena que o infeliz precisa de mim.

Sou o seu legítimo sucessor. Ele está ficando velho, muito velho para esses serviços e nos últimos dois anos sou eu quem tem feito a maior parte do trabalho. Na verdade, ele não matou um homem em uns seis meses, o que é estranho para alguém que ganha a vida com isso.

Meu pai me criou para ser um assassino e ser o melhor no que faço. Desde a tenra idade lembro de praticar tiros, treinar habilidades com faca, aprender a lutar, perseguir, matar com eficiência e em silêncio. Bruno me ensinou a ser um assassino e rapidamente descobriu que eu era muito bom nisso.

E eu gosto. Gosto de perseguir minhas vítimas e tirar suas vidas. Todos eles merecem e sabem disso. Se eu parar para pensar, estou fazendo um favor ao mundo. Eu gosto do poder e respeito por ser um assassino habilidoso e por demanda. Ninguém se mete comigo porque sabem quem eu sou e do que sou capaz.

Mas não posso negar que isso me ferrou, me mudou. Lembro como eu era quando criança, antes da morte se tornar parte da minha vida. A escuridão não estava lá na época. Não nasci com isso. Ela foi criada.





Ela surgiu no dia que meu pai me trouxe completamente para esta vida e me obrigou a matar um homem pela primeira vez.

*Meu pai se aproxima de mim no escuro. Minha respiração está ofegante.*

*— Não seja covarde. — me diz. — Está com medo?*

*— Não. — eu digo, mas estou mentindo. Estou apavorado. Tenho dez anos e nunca vi um homem morrer antes.*

*Meu pai está na minha frente. O homem está amarrado a uma cadeira com uma mordaça na boca. Seus olhos são grandes e castanhos, está ficando careca e ele tem provavelmente cinquenta anos, mas eu realmente não sabia naquela época. Era apenas uma criança, não sabia de nada.*

*— O que ele fez? — Tento perguntar, gaguejando de nervoso. Meu coração batendo tão alto que mal posso ouvir a resposta do meu pai.*

*Meu pai vira para mim. — Sabe que não deve fazer perguntas.*

*— Eu sei... — digo, evitando seu olhar. Esperava que ele me batesse, mas não. Meu corpo está tão quente. Sinto como se não pudesse respirar.*

*— Não importa o que ele fez. Tudo o que importa é que somos pagos. Esses caras, eles são tudo lixo. Você tem que entender isso. — O homem grita por trás da mordaça, mas tudo o que está dizendo é abafado. Gostaria de ouvir.*





*— Entendo. — Olho fixamente para o homem quando meu pai vai até ele. Pega o homem pelo cabelo que lhe resta e puxa para trás seu rosto.*

*— Olhe para ele, Gio. — meu pai diz. — Olhe para este homem. Você está olhando?*

*— Sim, pai. — Eu digo, olhando para o homem.*

*— Esta é a nossa presa. Ele é a vítima. Ele não é nada. — Meu pai libera o homem. — Você é um maricas de merda?*

*— Não. — eu digo... E passo para o homem. Meus nervos abalados, mas tenho que fazer isso.*

*— Bom. Muito bom Gio.*

*O homem se esforça e tenta dizer alguma coisa. Meu pai acertou-lhe no rosto e puxou sua cabeça para trás. Ele está atordoado, mas não inconsciente.*

*— E agora? — Pergunto a meu pai. Tenho treinado para isso desde que era muito jovem. Sei como disparar, lutar e caçar, mas esta é a primeira vez que meu pai está me fazendo assistir.*

*Só que não estou assistindo. Papai segura sua arma para mim primeiro. — Pegue. — ele diz.*

*Eu olho para ele, chocado. — Por quê? — pergunto-lhe.*

*— Faça o que eu digo.*

*Estou morrendo de medo. Eu esperava que ele me batesse de novo por não seguir as ordens imediatamente, mas não. Minhas mãos tremem.*

*Eu sei que algo está acontecendo. Mas não entendo o que, não ainda.*

*— Pressione-a contra a cabeça dele. — papai ordena.*





*Ando para o homem. Seus olhos estão arregalados, suplicantes. Ele se esforça. Eu pressiono a arma na cabeça dele. Vejo como o homem começa a chorar, soluços profundos. Eu seguro a arma lá e olho para o meu pai.*

*— Olhe de volta para ele. — comanda meu pai. — Você está pronto, Gio?*

*Olho fixamente para o homem e eu sei que chegou o momento. É a razão pela qual ele não está me batendo. Porque ele sabe que estou prestes a fazer algo importante. Não quero isso. Seguro a pistola firmemente em seguida seguro-a com as duas mãos.*

*— Eu... — hesito. Não posso fazer isso. Eu não sou como ele.*

*— Você vai fazer isso ou o soltarei e o deixarei te bater até a morte. — meu pai zomba. Meu sangue corre frio e eu engulo o caroço formando na minha garganta.*

*— Estou pronto. — digo com uma voz que não reconheço.*

*Dez anos de idade. Meu pai coloca uma mão no meu ombro.*

*— Faça. — diz.*

*Puxo o gatilho. O crânio do homem explode em um banho de sangue e cérebro. O som, a sensação, a visão do homem, pendurado e mole na cadeira me assombraram durante anos. Mas as vítimas seguintes que meu pai tinha que matar não me surtiram qualquer efeito. Não me lembro delas.*

Eu o odeio pelo que me fez, mas também estou feliz por isso. Agora posso tirar vidas facilmente. Elas não significam nada





para mim. A primeira vez foi difícil, mas também foi surpreendentemente fácil. A escuridão dentro de mim precisa. A escuridão anseia pela adrenalina e a emoção de caçar e matar, e se eu passar muito tempo sem um trabalho, encontro aquela escuridão chegando à superfície de formas novas e inesperadas.

Não quero mudar minha posição no mundo. Gosto de ser o forasteiro, recebendo meu dinheiro e vivendo a vida que quero. Eu farei seus trabalhos, mas não quero fazer parte da sua Família.

Rig retorna com a bola. Eu agacho e lhe dou um tapinha no ombro. — Bom rapaz. — digo suavemente. — Da próxima vez, arranque as bolas dele.

Rig lambe minha mão. Sorrio, pego a bola e jogo-a.

Meu pai quer ouvir, pelo menos, o que eles têm a dizer, e posso fazer isso. Ouvirei porque lhe devo muito. Mas não consigo imaginar como eles vão me fazer mudar de ideia desta vez. Não quando este sucesso poderia desencadear a maior guerra da máfia na história de toda a cidade.





# Dois

## Grace

TOC, TOC. A batida na porta do meu quarto faz com que eu abra os olhos. Não tive nem tempo para me mexer enquanto a porta se abre.

Estou me acostumando.

A porta range e depois fecha com um clique alto. Não sei quanto tempo eu estava dormindo, mas isso não importa. Não é como se eu tivesse alguma coisa para fazer ou onde ir.

Eu me alongo e me sento na beira da cama, minhas mãos entrelaçadas em meu colo enquanto assisto meu pai andar na minha direção. Meu coração acelera com medo. Tudo o mais eu posso controlar, mas não meu coração. Não importa o quanto eu queira que pare, sempre acelera e é como se tentasse escapar pela minha boca, quando ele vem me buscar.

Se eu fosse um garoto, não seria assim. Mas sou uma decepção. Uma lembrança de minha mãe e como ela o traiu. Isso





é tudo o que sou. Ele nunca falha em certificar-se de que eu saiba.

— Você precisa fazer algo para mim. — ele diz com uma voz baixa. Ele sempre mantém o tom ameaçador quando fala comigo. Está sempre lá, como se ele estivesse esperando eu lhe dar uma razão para me atacar. A menos que tio Toni esteja na sala. Apenas a ideia de tê-lo por perto faz meu coração se acalmar. Meu pai não pode me matar com o meu tio por aí. Minha mãe, sim. Mas eu não. Tio Toni nunca permitiria isso.

Meu pai pode ser o Don da família Rossi, pode representar e ser o mais velho, assim como sua alta posição na hierarquia, mas todo mundo sabe que tio Toni é quem faz acontecer. Todos obedecem a ele, não ao meu pai.

— Os Romano estão tramando. Eles estão circulando nosso território à procura de alguma coisa. — Ele começa a falar sem esperar por uma resposta. Ele não precisa. Ambos sabemos disso.

Mantenho a cabeça baixa quando ele começa a andar na minha frente. Ele geralmente não fala de negócios perto de mim. Ele diz que não é para as mulheres, e sinceramente, prefiro que me deixem fora do assunto. — Não gosto disso e você vai dar um jeito. — solta praticamente rosnando.

— Os Romano estão rondando nosso restaurante, eles estão no nosso território à procura de problemas. — Ele para de andar e vira-se para me encarar. Seus pálidos olhos azuis nos meus, segurando-me refém, minha respiração para. — Você será nossa isca.





Não reajo, mas ele ainda mantém seu olhar e abaixa a voz. — Você não tem escolha. Vai nos dar a informação que precisamos e vai até lá.

Por um momento, questiono se ele realmente vai me tirar daqui. Ou se os Romanos vão ter de me manter. Não sei se é muito importante. Pelo menos aqui eu sei o que esperar. Conto com o conforto de familiaridade.

— Eles vão levá-la. Você precisa confiar em mim e manter o foco. Ouçam o que dizem e quando eu for te buscar, você me conta tudo.

Estou estarrecida com suas palavras. Não é a primeira vez que ele me usa para seus próprios planos. Aceno minha cabeça uma vez, embora não fale. Ele não gosta quando falo.

Meu coração salta no meu peito quando ele agarra meu queixo na mão e puxa minha cabeça para o lado.

— Responda! — Grita para mim. Seu mau hálito da manhã enche meus pulmões, eu poderia vomitar.

— Sim, pai. Escutarei tudo e te informarei. — Meu sangue gela, mas não reajo. Ignoro as vozes dentro de mim, uma dizendo para fugir e a outra para lutar. Essas vozes são inúteis. Agora estou mais esperta que isso. Não se trata de medo, apenas sobrevivência.

— Bom, vamos deixá-la no restaurante e você pode caminhar de volta para casa. Eles já foram vistos explorando todos os dias à noite, não deve demorar mais de um dia ou dois antes deles ficarem confiantes e a levarem como refém.





No fundo, espero que ele me diga para não me preocupar. Eu deveria estar preocupada... E eu estou. Mas é claro que ele não diz.

Eu penso no que ele está pedindo e o sentimento de esperança nasce no meu peito.

Ficarei sozinha. Pela primeira vez desde que me lembro, ficarei sozinha. Tento esconder a empolgação crescendo em mim.

Talvez essa seja minha chance de fugir. Não quero mais ser a princesa da máfia Rossi. Não quero ser um peão no jogo do meu pai e casar-me para fazer alianças com quem quiser. As lágrimas nem sequer ameaçam meus olhos ao pensar no que me tornei. Embora haja pouca esperança de que eu consiga fugir e sumir, ela ainda está lá.

Tentei fugir antes e falhei. Eu tenho as cicatrizes para provar isso. A punição não é o que me impede agora, é o detalhe da segurança. Ele diz que é para minha proteção. Mas ele sabe muito bem. Todo mundo sabe, no entanto, ninguém tenta me ajudar. Exceto o tio Toni.

— Compreende, Grace? — Meu pai pergunta, praticamente cuspindo meu nome.

— Sim, pai. — Abaixo meus olhos, é melhor não olhar nos olhos dele. — Tudo o que você precisar que eu faça.

— Ótimo. — Ele me dá as costas e caminha para a porta com passos pesados, falando sem olhar. — Se vista. Vamos sair em breve.





Minhas mãos estão em punhos quando a porta fecha e eu suspiro. Eu o odeio. Com tudo de mim, o odeio. Levanto da cama e olho pela janela. Está travada para impedir-me de saltar.

Lá fora, está escuro e nublado. Reflete bem como me sinto.

Vou até minha cômoda e pego a caixinha de heroína. É um saco que tem que ser engolido, para os ácidos no estômago não abrirem o material. Foram feitos para mulas de drogas mesmo. Coloco meus dedos em torno dele. Nunca usei ou comprei drogas. Eu roubei esses. Peguei alguns ao longo do tempo, e sei que tenho o suficiente para uma overdose agora.

Eu tenho pensado nisso, mas não tive coragem. Não quero morrer, mas não quero mais viver esta vida. Tem diferença.

Meus pés descalços fazem o piso de madeira ranger quando vou ao banheiro e abro a torneira.

Os cantos afiados do saco coçam minha garganta quando eu engulo. Estremeci e tentei beber um pouco de água. Fecho a torneira e sento no chão de ladrilho frio, me encosto na parede e fecho os olhos, ignorando a dor.

Eu seria uma tola se não as levasse comigo. Preciso de uma alternativa para o caso de meu pai me deixar lá. No caso de o destino ser pior do que isso.

Mas espero que isso não seja necessário. Ele está me dando a chance de fugir. Orei para que uma boa oportunidade aparecesse.

Talvez Deus estivesse ouvindo. Talvez eu vá ser livre em breve.

Se não, se eu não puder fugir do meu pai, se não posso fugir dos Romanos... pelo menos eu tenho uma saída.





# Três

## Gio

O Green Parrot [2]está lotado como sempre. É um local popular em um bairro pobre na região sul de Chicago. Vimos aqui o tempo todo para nos encontrar com clientes em potencial, mas normalmente é só para pegar os pagamentos.

Hoje, os riscos são maiores. Sento-me à mesa com meu pai, um copo de uísque na mão enquanto ele solta baforadas do seu charuto. Tomo um longo gole e olho para ele.

— Me deixe falar. — eu disse.

— Por quê? — ele grunhe.

— Porque quem vai fazer o trabalho sou eu. — minha voz é dura, mas ele parece não perceber.

— Não interessa, eu sou o mais velho aqui. Eles vieram a mim.

— Não. — digo, tentando manter meu aborrecimento sob controle. — Se quer conversar, você pode fazer a matança.

[2] Nome do bar. Preferi manter o original, em português é Papagaio Verde





Ele me olha com sobrancelhas arqueadas. — É assim agora?

Eu olho para ele, mas ambos sabemos que estou blefando. Meu pai pode ser um merda, mas eu devo tudo a ele. Nós ainda somos família, mesmo que às vezes eu deseje que não. Sem ele, minha escuridão teria me consumido há muito, muito tempo. Ao mesmo tempo, é por sua causa que ela está lá.

Não tenho chance de responder, porque as portas do bar se abrem e chamam a minha atenção. Entra Marco Romano, o segundo em comando e o segundo mais importante homem na Família inteira dos Romano, seguido por Alex e Ângelo, dois dos nossos primos. Os primos são uns armários, mas não são necessários.

Ninguém se atreve a tocar Marco. Ele tem todo o peso da família Romano atrás de si, e qualquer idiota que se atrevesse cruzar seu caminho, conheceria a ira de toda a porra da máfia. Eles iriam pegar a família do infeliz e torturá-los na frente dele e depois matá-lo, simples assim. Com os Romano não se brinca.

— Eles mandaram Marco. — meu pai disse, parecendo surpreso.

Tenho que admitir que estou surpreso também. Normalmente não lidamos com os membros superiores da família Romano, pelo menos não em pessoa. Enviar Marco aqui para falar conosco é uma grande honra. Como não quero me envolver também, sinto uma onda de orgulho que eles estão mostrando este tipo de respeito.





Mas isso também significa que o sucesso disto é muito importante para eles. Eu sabia, mas agora está muito claro como eles estão lidando com isso. Vejo meu pai incrivelmente animado e encantado que mandaram alguém tão poderoso como o Marco para este negócio, e ele se levanta para mostrar o devido respeito.

Eu lido bem à abordagem dos homens à mesa.

Marco diz: — Bruno. — com um sorriso. — Você parece bem, velho bastardo.

— Marco. — Meu pai e Marco apertam as mãos. Tenho certeza que eles são primos muito distantes, talvez relacionados por um casamento distante, não tenho certeza ainda. É tudo tão chato e complicado. Para mim, eles não são família.

— Gio. — diz Marco, virando-se para mim. Apertamos as mãos. — Se parece com a tua mãe.

— Obrigado. — digo.

— Senta, senta. — meu pai diz rapidamente. Marco se acomoda na cabeceira da mesa, os pés da cadeira arranhando o chão, quando ele a puxa para fora. Alex e Ângelo sentam numa mesa vizinha sem mais uma palavra, olhando-nos sério.

Dou-lhes um pequeno sorriso, mas não olham para mim. Eu sei que eles têm medo e tem sido assim desde que éramos crianças. Lembro-me quando eu tinha dez anos e Ângelo tinha treze anos, ele tentou pegar minha moto e eu o enchi de porrada. Ele tem medo de mim desde então.

E ele deve ter mesmo, porra.

— Estou honrado que veio para esta reunião. — meu pai diz.





— É uma reunião importante com nossos melhores funcionários. — diz em troca.

Nós somos seus melhores assassinos de aluguel, isso é verdade, mas ele está puxando o saco um pouco demais. Sinto o cheiro da balela que ele está tentando enfiar goela abaixo a uma milha de distância, e eu sei aonde isso vai dar.

— Vamos falar de negócios. — eu digo antes que meu pai possa dizer mais alguma coisa.

— Ok, Gio. — Marco diz, sorrindo para mim. Ele tem uns cinquenta anos, alguns anos mais novo que o meu pai. Os dentes são retos e brancos e o cabelo dele é curto. Veste um terno escuro completo com um lenço branco no bolso, como sempre, e eu posso ver o bojo da arma no coldre. Parece um vendedor de carros usados, vestindo um terno caro, ou algo parecido.

Supondo que os vendedores de carros usados matam, extorquem, assassinam, lidam com prostituição e geralmente se envolvem em todos os tipos de coisas ilegais.

— Vocês estão nos oferecendo o triplo por este trabalho. — digo, inclinando-me para ele. — Isso é mais do que justo, dada a situação.

— Eu achei que você pensaria assim.

— Exceto que ignorou a parte sobre a política envolvida.

— A política? — indaga, fingindo inocência.

— Se fizermos este trabalho, isso vai desencadear uma guerra entre sua Família e a Família de Rossi. Você sabe disso, e ainda querem fazer isso de qualquer maneira.





— Não sei nada sobre uma guerra. — diz ele, o sorriso continua estampado em seu rosto.

— Ok, tudo bem. Não é da nossa conta, sei disso. Não estamos na Família.

— Ainda. — diz Marco, olhando para o meu pai.

Quase posso ver meu pai salivando com o comentário.

— Mas nos envolverá. — digo antes de meu pai fale. — Independentemente do resultado.

— Você quer mais dinheiro? — ele pergunta de uma vez.

— Não é o dinheiro. — Sacudo minha cabeça ligeiramente, mantendo o contato visual.

— Você está hesitante. Posso entender isso. Você é jovem e ainda não entendeu o mundo.

Eu cerro meus dentes e tenho que me conter de esmagar sua cabeça na parte superior do cardápio. — Este é um trabalho perigoso, independente da minha idade.

— Quanto a isso. — ele disse. — Usarei a sobrinha do nosso, uh, alvo. Você pode levá-la e treiná-la para nós. Ouvi dizer que ela é uma beleza.

Fico estático. A Família nunca fez uma oferta assim antes.

Meu pai rapidamente fala antes que eu mesmo posso processar a extensão do que ele ofereceu. — Ficaríamos honrados, Marco. — ele diz. — Gio vai aceitar a mulher e transformá-la no modelo perfeito de obediência para você. Você quer uma escrava, ele vai fazer dela uma perfeita. Não é verdade, Gio?





Meu pai olha para mim e estou sem palavras quando memórias me inundam novamente.

Eu tenho onze anos de novo, parado fora do prédio que meu pai me disse para nunca entrar. Posso ver as meninas pela janela, seminuas, jovens e bonitas, trancadas nos estábulos. Eu as vi antes e às vezes até mesmo vi homens irem até lá e fazerem coisas com elas, coisas que eu não entendia na época. Coisas que eu gostava de assistir, mesmo sem compreender o que aquilo significava, mas só isso me despertou mais do que possivelmente jamais poderia explicar.

Essas memórias me assombram. Meu pai parou de manter um estábulo de meninas após alguns anos, mas nunca consegui me livrar das lembranças. Elas eram tão ruins que chegaram a me causar repulsa. O que eu vi os homens que ajudaram meu pai fazer com aquelas mulheres, me fez mudar de tal maneira que eu ainda não entendo completamente.

— Muito bem. — diz Marco, e meu pai aperta sua mão. — Vocês dois vão fazer este serviço e, — Marco aponta para mim. — você irá dobrar a garota. Então vamos discutir seu pagamento total.

Pisco os olhos, surpreso. Meu pai tem um enorme sorriso no rosto. Antes que eu possa mudar de ideia e dizer-lhes que nós não vamos fazer nada, Marco ergue-se. Meu pai pega a deixa e os dois olham para mim. Eu estou abalado por minhas memórias e surpreso com essa sucessão de eventos.

— Eu confio que vocês dois farão isso dar certo. — diz Marco.





— É claro. — responde o meu pai.

— Bom. — Marco acena para mim. — Gio, te enviarei os detalhes para que possa pegar o bônus.

Marco se vira e sai, seguido pelos primos.

— O que aconteceu? — Eu assobio para meu pai.

— Você estava com esse olhar perdido na cara, e então, eu aceitei o trabalho. — ele diz, olhando para mim. — O que foi isso?

— Nada. — digo, desviando o olhar. Não posso admitir qualquer fraqueza, especialmente agora. Para ninguém.

— Vamos fazer esse trabalho. — diz ele, o tom de voz baixo e ameaçador. — Você vai levar a garota e vai fazer o que precisa ser feito. Entendeu?

— Vamos ver. — gemo.

— Você vai fazer. Agora estamos comprometidos e sabe o que acontece se falharmos com a Família.

Eu sei o que acontece. Meu instinto agita e meu sangue gela. Tortura, desfiguração e morte lenta.

— Entendi. — digo, irritado que ele foi contra a minha vontade e aceitou, com raiva de mim por hesitar.

Mas meu coração está martelando no peito enquanto tento lembrar exatamente quem ela é. Sei lá, estou familiarizado com a família Rossi, mas não posso imaginá-la. Em breve, ela vai ser minha prisioneira, e esperam que eu a transforme na escrava sexual perfeita.

Eu deveria estar horrorizado. Em vez disso, estou doentiamente animado.





# Quatro

## Grace

Meus olhos abrem lentamente e eu tenho que me esforçar para não gemer quando sinto a dor na minha nuca.

Não tive uma chance. Meu coração afunda quando eu percebi como era fácil para eles me levarem assim como meu pai falou.

Eu estava tão esperançosa quando os guardas permitiram minha saída pela porta e pude sentir o frio da noite.

Não tive a chance de fugir. Não acho que andei sequer uma quadra antes de três grandes sombras me encurralarem. Me acertam logo na nuca e desmaio.

Cerro os dentes quando raiva sobe em mim. Isso é fodido.

Mereço uma maldita chance! Quero tanto minha liberdade que faria qualquer coisa para consegui-la.

Finalmente abro os olhos totalmente e meu coração começa a martelar. Embora não me mova. Não devo permitir que meu inimigo saiba que estou acordada e consciente.





Há um saco na minha cabeça e minha respiração quente fica estagnada na minha frente. Quando eu engulo sinto-me um pouco tonta. Eu fecho meus olhos e foco em acalmar meu coração.

Eu ainda posso fugir.

Só preciso ser inteligente e aguardar a oportunidade perfeita.

Meu ombro está dolorido e as algemas de metal mantendo meus pulsos atrás de minhas costas estão cortando a pele. Dói demais. Eu percebo que eu estou caída contra a parede, e sinto cada músculo gritando de dor...

A dor diminui quando ouço a porta abrindo. Eu tento ficar quieta e fingir que eu ainda estou nocauteada, mas não funciona.

Eles sabem.

A risada áspera do homem corta o ar, quando ele diz. — Ela está acordada.

Meu coração bate mais forte. Agachada nesta posição, minhas opções são limitadas, mas estou pronta para lutar. Eu só posso ouvir dois homens. Apenas dois pares de passos do meu lado esquerdo. Eu os ouço sentar no que soa como um sofá e eu espero. Mal consigo respirar, esperando por seu movimento.

Essa pode ser minha chance. Meu pai está só Deus sabe onde, e talvez esses homens me subestimem.

O medo do desconhecido é o que me deixa paralisada. Não serei submissa a eles, não manterei a minha cabeça abaixada e esperar que me digam o que eles querem de mim,





porque eu não sei se isso vai me salvar de qualquer que sejam suas intenções.

Neste momento, odeio meu pai... mais do que nunca. Odeio minha vida.

Me odeio por ser tão patética e não lutar com determinação suficiente. A morte é um pensamento reconfortante, mas não cederei a essa fraqueza. Não quando acho que tenho uma chance.

Vozes profundas ecoando palavras em italiano me lembra vagamente minha infância que escoa em meus pensamentos amargos. Eu nunca aprendi a língua. Meu pai não queria que eu aprendesse. Ele gostava de ser capaz de falar sem eu entender. Ele me mandou aqui para espiar, e nem isso posso fazer. O Romano é à moda antiga, mas espero que Inglês seja usado mais que italiano.

Mas aprendi um pouco. Sei as palavras escravo e princesa. Ambos aparecem continuamente na conversa, e eu sei que eles estão falando de mim. A princesa de Rossi. Escrava. Acho que é o que sou agora, ou pelo menos o que eles querem que eu seja. Eu engulo em seco odiando que meu pensamento inicial é querer estar em casa. Voltar para a prisão. Não! Me recuso. Isso é apenas o medo falando. Não quero voltar. Tudo menos isso.

Eu viro de lado e chego para longe do som de alguém se aproximando, mas é inútil. Caio no piso de concreto duro, minha cabeça e ombro batendo nele com nada para amortecer minha queda.





Estremeço de dor e grito, por conta da força violenta contra meus braços, me puxando para o corpo de um homem.

Eu luto contra ele e ele me sacode violentamente, cuspindo palavras em italiano que eu suponho que são uma ameaça, embora eu não entenda.

*Garota estúpida, fica quieta. Guarde suas forças para o momento certo.*

O pensamento faz meu corpo parar e o outro homem ri de minha fraqueza.

Se soubessem que sem nada a perder, sou mais forte do que nunca.

Os pontos de luz que passam pelo saco de serapilheira sobre minha cabeça me fazem perceber que estou fora, devo estar sob um poste de luz porque a luz desaparece rapidamente e o som de uma porta deslizando aberta enche meus ouvidos.

Meu coração acelera, mas ainda não reajo. Escuto e tento avaliar o que está acontecendo. Há um terceiro homem. Eu posso ouvi-lo agora.

O que está me segurando tenta jogar meu corpo para a van, mas eu torço e chuto o seu intestino, caindo no asfalto.

— Porra! — ele grita enquanto estou fraca, equilibrando o meu corpo contra o metal frio da porta da van.

Eu tento correr, mas um punho bate no lado da minha mandíbula. Isso me derruba e faz minha cabeça bater no chão duro.





A dor é avassaladora. Um pé me chuta nas costelas e náuseas ameaçam o seu caminho até a minha garganta com os pulsos de agonia.

*Garota estúpida. Você não pode fugir de mim. Você não pode se esconder.*

Meu corpo congela enquanto as palavras de meu pai me perseguem. Me fazendo encolher-me momentaneamente.

Outro chute na barriga força um grito estrangulado de minha garganta. Dói, porra, e eu sinto que não aguentarei.

Uma profunda voz grita: — Não toque nela. — e o aperto do homem sobre mim escorrega quando ouço um soco e então mais nada. Meu coração acelera, sabendo que eles estão brigando, mas não perco um segundo. Não posso. Eu preciso correr.

Os tolos não amarraram meus tornozelos e eu aproveito a chance e corro. Os músculos das minhas pernas gritam de dor quando eu os estimulo, correndo sem rumo e quase caindo sem equilíbrio com meus braços presos nas minhas costas. Luz e formas passam pelo saco na minha cabeça e eu mal posso ver onde vou.

Não me importo, eu não desperdiçarei este momento. Não posso. Ouço-o atrás de mim, ele está atrás de mim, cada vez mais perto. O som de sua respiração, seus passos duros. Cores piscam e tudo fica louco ao meu redor. Meu coração dá um solavanco e grito quando braços fortes enrolam em volta do meu peito, puxando-me para seu corpo e me levantando do chão.





Não paro de gritar por ajuda, esperneando e me contorcendo tentando sair do seu alcance.

Suspiro e instintivamente toco meu pescoço quando eu sinto a picada de uma agulha.

— Você não vai a lugar nenhum, princesa. — a voz é suave, embora a palavra princesa me irrite muito. Eu caio lentamente na escuridão, minhas mãos apertam e o meu corpo relaxa em um peito duro quando eu ouço-o sussurrar em meu ouvido. — Eu tenho você.





# Cinco

## Gio

Que bagunça fodida.

Eu jogo uma velha caixa de munição de lado e arrasto um banco empilhado com porcaria para fora no corredor. A sala de armas atrás da minha casa é surpreendentemente grande e bem construída, mas reuniu uma tonelada de cacareco ao longo dos anos. Claro que meu pai me largou para resolver a situação sozinho, enquanto a menina está deitada no chão, drogada e inconsciente. Tenho anos de armas, munições e outras boas surpresas escondidas lá dentro, e me levou uma eternidade para finalmente conseguir esvaziar a sala. É perfeito para isso. Equipado com uma tranca que só abre através de impressão digital, um pequeno banheiro completo anexado e sem chance de fuga, é genial.

Quando volto, não posso deixar de olhar para a garota no chão. Ela ainda está onde a deixei, enrolada de lado no canto do quarto e ainda assim tão linda como ela era há alguns minutos.





Não consigo tirar meus olhos dela, mesmo sabendo que é uma droga ter o tipo de pensamentos que estou tendo sobre uma mulher que está drogada e inconsciente.

A coisa toda é uma merda. Alguns dias atrás eu queria desistir do contrato, mas meu pai conseguiu chegar e tomar a decisão por mim. Agora estou preso com ela, Grace Rossi, filha de Martino. Ela é a princesa da máfia e devia de alguma forma, faze-la uma escrava sexual exemplar.

Eu tenho algumas ideias sobre como fazer isso, mas eu nunca fiz isso antes. Francamente, não farei isso agora. Tudo isso é um pé no saco, especialmente esta maldita princesa da máfia. Eu não preciso ou a quero, mas bem ou mal, acabei preso com ela. Não quero ser este monstro.

Meu coração martela quando eu olho todas as curvas do seu corpo. Minha princesa.

Bufo e coloco mais algumas caixas para fora do corredor. Rig dá uma xeretada neles e eu rosno para ele. Ele abana o rabo e olha para mim, ofegante e feliz. Faço um esforço para não olhar para a garota.

Em pé no canto esquerdo, descoberto por anos de lixo acumulado, está uma gaiola grande. Eu olho para ela, sorrindo para mim. Era para ursos e comprei-a há anos em um mercado de pulgas. Achei que talvez pudesse prender algum babaca que não quisesse matar imediatamente ou algo assim, mas acabei só guardando e esquecendo.

Embora, agora....





A garota se agita no canto. Eu olho para ela e franzo a testa, vou até ela.

Ela é linda. Uma deusa. Continuo pensando que toda vez que a ver, minha memória nunca fará justiça a sua beleza. Eu ajoelho-me ao seu lado e delicadamente levanto sua cabeça, certificando-me de que ela ainda está inconsciente.

Eu observo a ferida na sua cabeça e gemo, irritado. Que filho da puta! Não precisava bater e ele fez, mas ele teve o que merecia no final. Eu dei uma boa surra nele e quase matei seu parceiro, o doente que estava chutando ela no chão. Ela é uma coisa pequena nos meus braços, leve e facilmente transportável. Levanto-a de repente, não penso realmente nisso e levo-a ao banheiro.

Delicadamente abaixo ela dentro da banheira, antes de pegar um pouco de álcool e alguns curativos do armário de remédios. Eu limpo cuidadosamente as feridas dela, em seguida, examino-a rapidamente. Preciso ter certeza de que o fodido não quebrou uma costela ou causou algum tipo de hemorragia interna.

Não há nada lá, graças a Deus. Ou pelo menos nada fresco.

Seu corpo está coberto de cicatrizes. Não em cada centímetro, mas existem claramente vários lugares em que normalmente ficam cobertos pela roupa. Brancas equimoses em formas irregulares. Eu respiro afiado quando eu olho por cima deles, me encantando por um segundo com a carga de dor que essa menina teria sido submetida.





Quem diabos faria isso com ela?

Me levanto, balançando a cabeça com raiva. Eu a ajusto para que esteja em uma posição mais confortável na banheira enquanto minha mente divaga em lugares escuros, tentando imaginar o que aconteceu com ela.

Minha princesa parece ter passado por algo muito sério, embora não tenho certeza do que. Talvez abuso, talvez algum tipo de acidente. De qualquer forma, ela conhece a dor e isso poderia ser ruim. Esta menina pode ser mais forte do que parece. Intencionalmente não lhe causarei esse tipo de dor, mas coisas acontecem na minha linha de trabalho que nem sempre podem ser controladas, não importa o quanto eu planeje.

Volto ao trabalho, removendo o espelho do banheiro e qualquer outro objeto que ela poderia ser capaz de usar contra mim, ou ela mesma. Quando termino, o espaço é apenas um chuveiro, uma banheira, um vaso sanitário e a pia. Todo o resto foi retirado.

Voltando à sala principal, minha mente flutua à minha infância. Meu pai me ensinou a desmontar e reconstruir cada uma das armas que possuía com os olhos vendados. Eu cuidadosamente movo-as para fora do quarto e as empilho no corredor. Ele me ensinou a torturar um homem, tanto física como psicologicamente. Conheço cada tática mental que há e nem usei a maioria ao longo de minha curta carreira. Sei como dobrar uma pessoa e fazê-la ficar completamente ao meu dispor se realmente quiser.





Meu pai me ensinou a ignorar a dor. Ele me ensinou a concluir a missão não importa o quê. Me ensinou a ser forte e capaz, e até agora eu vivi minha vida dessa forma.

Mesmo que eu odeie seguir ordens, uma vez que aceito um contrato eu tenho que fazer o que me mandam.

Há uma parte de mim que odeia o quanto estou gostando disso. É nojento pra caralho que amo o desafio de construir uma prisão em um curto espaço de tempo. Sei que as drogas vão perder o efeito em umas duas horas, talvez até menos, então tenho que agir rápido. Gosto de me manter ocupado e construindo coisas, e gosto de olhar para minha princesa. Seu corpo cheio de cicatrizes só me faz querer saber mais sobre ela.

Esses são pensamentos perigosos. Ela precisa se manter como um trabalho para mim e não uma pessoa. Não posso arriscar ficar perto dela. Esse é o perigo com esse tipo de coisa: às vezes, você vê além da história que te contam e o "objeto" ali se transforma em alguém.

Uma vez que a sala está limpa, fico no meio e olho ao seu redor. A gaiola na parte traseira esquerda, o banheiro é no lado direito, e o restante do espaço está vazio. Existem duas janelas pequenas, mas não são grandes o suficiente para ela passar e são inquebráveis e à prova de som. Ela pode gritar, mas não há ninguém ao redor por quilômetros. Tenho câmeras instaladas no teto e vejo cada polegada de seu espaço, incluindo o banheiro. A porta é à prova de explosão e inviolável e só vai abrir com a minha impressão digital. Quando eu construí este espaço, não





poupei quaisquer despesas. Ninguém pode entrar ou sair sem a minha ajuda. É a prisão perfeita para ela.

Estou prestes a sair quando de repente tive uma ideia. Vem a mim como um relâmpago. É a maneira perfeita para chegar até ela, para retirar suas camadas e forçá-la a me mostrar tudo.

É como um jogo, ou talvez seja algo como pena pelo que ela passou antes. De qualquer forma, é uma ferramenta.

A gaiola será seu espaço seguro.

Eu olho para ela e me lembro da minha infância. Lembro das meninas e os homens fazendo o que quisessem com elas. Lembro-me que elas choraram primeiro, mas rapidamente seus rostos tornaram-se consumidos com o prazer. Como elas aprenderam a gostar.

Lembro como me excitou, de como estava envergonhado disso e ainda estou.

A gaiola será seu lugar seguro. Enquanto ela está na gaiola, não a tocarei. Isso será o acordo que farei com ela. Se ela ficar naquela jaula de urso, ela estará a salvo de mim. É alta o suficiente para que ela possa ficar em pé e larga para se deitar.

Mas se ela sair, então será minha. Ela vai desistir e deixar a gaiola com o tempo, e eu farei o que quiser com ela. Se ela voltar, lhe deixarei em paz. Lhe darei comida e água e o conforto de um cobertor.

Meu coração martela no peito. Eu olho para o banheiro e vejo-a na banheira. Ela é muito linda, e imagino-a rastejando na gaiola, implorando-me para entrar no quarto e dar-lhe uma lição.





Sorrio para mim. É o jogo perfeito. Preciso ganhar a confiança dela, se quero fazê-la minha, e a gaiola será a chave para essa confiança.

Você não pode forçar alguém a se render. Não funciona assim. Você pode bater e privá-los do que quiser, mas assim você nunca ganha a confiança deles, então está tudo acabado. Esta gaiola será seu refúgio e serei o homem que lhe dará segurança.

Sinto a escuridão em mim comemorando espalhando excitação pelo meu corpo. Estou em guerra comigo mesmo, odiando esses pensamentos doentios que fui treinado para assumir e ainda animado com a perspectiva de jogar com ela. Eu quero superá-los, mas também quero seguir com a missão e pegá-la para mim. Quero assumir a escuridão.

Não tem problema que ela seja tão linda e corajosa e que eu admire isso.

Entro no banheiro e ajoelho-me ao lado dela. As feridas estão limpas e enfaixadas, e logo as drogas vão se dissipar. Ela acordará e não saberá onde está, mas estará a salvo. Lhe explicarei as regras do jogo.

E então vamos jogar.

Me curvo para dentro da banheira e a pego. A levo de volta para o salão principal e coloco-a suavemente dentro da gaiola. Deixo a porta aberta, mas garanto que ela esteja completamente lá dentro. Não é confortável, mas pelo menos é seguro.

Dou-lhe um último olhar antes de sair fechando a porta atrás de mim.





# Seis

## Grace

Meu corpo está tão dolorido. Dói onde ele me bateu. Papai nunca me bateu antes. Não entendo...

Estava tão assustada. Logo após a minha festa de aniversário. Eu tinha seis anos. Mamãe disse que tínhamos de ir. Ela me tirou da cama tarde da noite e levou-me para o corredor. Estava com tanto medo. — Não, mamãe! Não podemos deixar papai! — Ela cobriu a minha boca e olhou para trás. Era a sua porta. — Não podemos deixar papai!

Eu não entendi. Eu estava com medo. Meu coração acelerava no peito. O medo nos olhos da minha mãe é uma coisa que nunca esquecerei. Quase conseguimos descer as escadas. Sua mão sobre minha boca, quando ela me carregou em seus braços.

Mas ele agarrou seu cabelo. Papai estava tão silencioso até que a puxou para trás, a dor em seu rosto evidente quando





caí de seus braços, rolando escadas abaixo. Mamãe gritou quando lhe bateu várias vezes.

Dói tanto. Minhas mãos cobrindo o corte na cabeça.

— Não, papai! — Por que ele está batendo nela? — Não, pare! — Eu gritei, com lágrimas escorrendo pelo meu rosto. Corri para ajudá-la.

— Papai, está machucando-a! Pare, papai!

Ele me chutou. Seu pé duro acertando na minha barriga me fez rolar na escada de novo. Bati a minha cabeça e ombro na queda.

Doeu, mas mamãe não estava gritando mais.

As mãos dele estavam em torno de sua garganta. Ele estava sufocando-a. Seus dedos como garras em suas mãos. Os Olhos dela ficaram vermelhos.

Eu gritei. Ignorei a dor e corri mais rápido para subir as escadas, atingindo-o tanto quanto pude.

— Pare de machucar a mamãe! Papai, pare! Por favor, pare!

Ele a deixou ir, e ela caiu na escada. Ela não estava se mexendo e ficou lá. — Mamãe? — Eu só queria tocá-la. Eu queria ter a certeza de que ela estava bem.

Seus olhos estavam tão vermelhos. — Mamãe? — Eu chorei.

A mão dele bateu forte na minha cara. Mamãe não estava bem. Papai também não estava.

Minhas mãos cobriram meu rosto. Mas meu peito dói demais. Tudo dói. Nada está bem.





Meu corpo está duro quando eu gemo, abrindo lentamente os olhos. Minha cabeça dói. Ele me bateu de novo. Me sinto zonza. As memórias de meu pesadelo lentamente desaparecendo.

Leva um momento para minha vista entrar em foco. E quando faz, fico o mais imóvel possível, meus membros congelados com o medo.

Onde estou? Meu coração falha quando vejo que as barras finas de prata e o piso raspado embaixo de mim são uma gaiola.

Estou em uma gaiola.

Os últimos dois dias voltam para mim em uma enxurrada. Minhas mãos instintivamente vão para meu estômago, o chute e então meu pescoço, a picada. Eles me drogaram e me colocaram em uma gaiola.

Meu choque inicial e confusão rapidamente se transformam em raiva. Saí de uma prisão para outra. Apenas que esta é literalmente uma maldita gaiola! Meu coração acelera com raiva e meu sangue pulsa em minhas orelhas.

Balanço meus punhos e viro em meus joelhos lentamente, mal fazendo um som e olhando ao meu redor. Estou surpresa com a minha raiva, não me acostumei com isso. Pelo menos não me acostumei a demonstrar. É constante, mas geralmente está enterrada sob o medo e necessidade de mostrar obediência.





Meus olhos se arregalam quando olho para frente e percebo que a porta da gaiola está aberta.

Pisco várias vezes e até rastejo um pouco, mas não muito. Minha mão se estende, meio que esperando a porta fechar, mas não acontece. Bem... estranho.

Conforme eu me movo, o cobertor fino que estava enrolada escorrega até a cintura, expondo meu peito para o ar fresco. Só então percebo que estou nua e a respiração fica presa em meus pulmões.

Aperto o cobertor mais firmemente em torno de mim, me ajoelho. Eu sugo uma respiração irregular... e deixo uma mão derivar até meu sexo. Me estupraram? Eu não me sinto diferente. Não acho que eles me tocaram. Vergonha inunda minhas bochechas.

Quem me dera se eu corresse mais rápido. Se ao menos eu tivesse corrido em outra direção. Talvez eles fossem pegos de surpresa. Talvez conseguisse fugir. Cresce um caroço na minha garganta, mas eu me acalmo. Pensar nas possibilidades é inútil. Só serve para tirar o foco da realidade. Levanto a cabeça e me concentro no que está na minha frente. Agora estou aqui e preciso descobrir o porquê e como dar o fora.

A grelha sobre o chão faz meus joelhos doerem, mas resisto a dor e olho ao redor da sala vazia. E isso é tudo. Uma gaiola aberta, grande o suficiente para que eu fique em pé, mas apenas alguns metros quadrados para me movimentar, em um quarto vazio. Há um vão, a porta foi removida do outro lado e depois outra porta à minha direita.





Ansiedade corre em meu sangue.

Isso é um jogo? Escolha uma porta e o que? Tenho medo de saber.

Parece que o quarto em frente é apenas um banheiro. É despojado e nu, mas está lá. Imagino que seja funcional.

Não me atrevo a sair da gaiola, quando eu considero o que o Romano quer de mim. Eu lentamente afasto-me das portas, adentro mais na gaiola e quase grito quando minhas costas atingem um balde. Está vazio e faz o único som no quarto que não seja a minha própria voz. Isso me assustou. Sou rápida para cobrir minha boca e silenciar o grito estridente que ameaçou sair. Tentei fazer parecer um rosnado.

Quando meu coração finalmente se acalmou e a estupidez de minha ação pesa em minha mente, eu ouço um sinal sonoro fraco da porta à minha direita e em seguida um clique.

Tem alguém aqui. Arrepios passam pelo meu corpo quando aperto o cobertor fino mais perto de mim e volto ao canto mais distante da gaiola, chutando o balde vazio para frente. Agora, minhas opções são limitadas. Não há muito o que possa fazer. Mas eu vou morder, chutar e arranhar quem quer que apareça aqui. Não o deixarei escapar dessa.

Tiraram minha chance de liberdade. É melhor devolverem.

A porta abre lentamente enquanto espero com a respiração rápida e a raiva crescente em meu estômago.

Vejo uma bandeja primeiro. É de prata e um pequeno copo de plástico azul escuro, bem como alguma outra coisa está





lá. Está equilibrada em sua mão enorme quando o homem entra. Meus batimentos cardíacos diminuem conforme ouço os cliques da porta, e ele, olha para mim com olhos azuis penetrantes. Quase como gelo. Seu olhar congela meu coração e minha raiva, medo, confusão, todos desaparecem. No lugar vem luxúria.

Seus músculos ondulam quando ele vem até mim com um ar de autoridade e confiança. Sua presença faz meu coração parar. A maneira que se porta torna óbvio que ele é o epítome do poder e controle. Isso me aterroriza enquanto também faz outra coisa. Acende um fogo em mim que não sabia que existia. É perigoso. Ele é perigoso.

Sua camisa branca e brilhante é justa nos ombros e a calça jeans desbotada está caída no quadril, tão baixa que eu vislumbro o profundo " v " quando ele anda e meus lábios se separam com desejo de ver mais.

Até o som dos seus passos no concreto dá a impressão de um homem com controle, o epítome do poder.

Eu engulo em seco quando ele fecha o espaço entre nós. Ele é um Romano. Vai me machucar, me matar, me torturar? Não sei quais são seus planos, mas talvez possa fazer um acordo. Não tenho nada que ele realmente pode querer ou precisar. Não sei nada sobre os negócios do meu pai e eu duvido que eles estejam me procurando para me resgatar. Me levar foi uma mensagem. Meu pai recebe essa mensagem e eles me deixam ir.

Eu tento reunir a coragem para falar, para me declarar, para lutar. Para fazer alguma coisa. Em vez disso, meu corpo





permanece paralisado quando ele se aproxima, deixando a bandeja no chão na frente da gaiola.

Ele agacha e inclina a cabeça, como se perguntando o que estou pensando. No fundo de seus olhos há uma ameaça fria. Desprovido de emoção. Medo me trava por um momento, mas recupero minha força. Não posso ser fraca. Agora não.

— Que-quem é você? — Me envergonho por gaguejar e pelo tom fraco de minha voz, mas pelo menos consegui falar.

Ele estala sua língua, contemplando a sua resposta e se senta no chão, olhando nos meus olhos. — Pode me chamar de Gio. Não há nenhum mal nisso.

Minhas sobrancelhas arqueiam com seu comentário. Não entendo. — Você é um Romano? — Eu perguntei fracamente. Não acho que meu pai iria mentir sobre quem me levou, mas preciso ter certeza.

Ele dá uma risada sem humor. — Não, te deram para mim.

Fico boquiaberta com sua confissão, deixando afundar lentamente as palavras, uma de cada vez. Sou um presente. Sinto calafrios e instintivamente recuo e seguro o cobertor mais apertado. A garganta fecha e acho que sufocarei. Os Rossi não virão. Como meu pai saberia? Minha respiração está frenética. Ninguém virá me salvar.

— Não se preocupe, Grace. — Encaro seus olhos. Ele sabe meu nome. Mas não reconheço sua voz. — Não entrarei na jaula. Você está a salvo. De tudo e de todos, enquanto você estiver na gaiola.





Ele empurra a bandeja mais perto de mim e ela raspa suavemente pelo piso de concreto. Um copo de suco e um sanduíche. A fome faz meu estômago roncar e ele sorri. Os dentes são de um branco brilhante, apenas deixando mais belo o rosto lindo.

Não é justo. Monstros devem parecer o que são.

— Coma, Grace. — ele me dá o comando e senta-se na entrada.

Isso me irrita.

Eu não sou um objeto para ser doado. Não recebo ordens. Toda a minha vida, isso é tudo que fiz. Me disseram o que fazer e me puniram por desobedecer.

Me recuso a deixá-lo fazer o mesmo comigo. Já estou farta e não me levou a nada nesta vida patética.

— Não. — mal sussurro a palavra. Conhecer meu desafio me ajudará a superá-lo. Não me importo mais.

O homem arqueia uma sobrancelha para mim e sai deixando a bandeja. A porta fecha e um momento depois um sinal sonoro e um clique alto indica que a porta está trancada. Meu coração está acelerado, supondo que ele voltará com algo para me machucar. Espero por muito tempo, olhando para a porta.

Um tempo passa e Gio não volta. Estou hesitante em achar que eu escapei da punição. O meu pai nunca deixou passar nada sem um castigo.

Meu estômago rosna e meus olhos vão para a comida na bandeja. Faz algum tempo que eu comi. Não sei que horas são,





mas julgando a ofuscante luz que vem através das pequenas janelas, é tarde. Talvez um dia?

Mas não comerei isso. Não lhe darei essa satisfação. Nunca mais.

Eu puxo o cobertor para proteger minhas costas das barras frias que já estão me machucando.

Olho bem na minha frente e para o que obviamente é um banheiro. Eu poderia deixar a gaiola e tentar encontrar alguma coisa lá para usar como arma, mas tenho pavor de deixar o lugar seguro, que ele me deu.

Vergonha me consome. Não tenho nem coragem de procurar uma arma. Meu peito aperta e obriga os meus membros congelados a se mover. Saio lentamente da gaiola, meus olhos na porta que ele saiu. Meu coração bate tão forte que dói. Não quero que ele volte e me espanque, mas tenho que tentar.

Eu dou um passo, mas meus dedos envolvem as barras, me arrastando. Puxo uma respiração profunda e solto as barras, o metal fino escorrega passando nos meus dedos, meus olhos cheios de lágrimas vão para porta e eu me movo rapidamente para as pequenas janelas acima da minha cabeça.

Eu sei que é impossível, mas tenho que tentar. Estico na ponta dos pés, tentando desesperadamente alcançá-las. Depois de um rápido momento de falha, dou um passo para trás e olho para elas. Meu corpo nem caberia nesse pequeno retângulo. Eu poderia tentar arrastar a gaiola e subir em cima dela. Olho para a janela novamente. Elas são tão pequenas. Mas eu tenho que





tentar pelo menos. Mesmo se for só abrir a janela e trazer alguém. Ou gritar por socorro.

Eu assisto a porta o tempo todo que eu tento meu melhor para mover a gaiola pesada. Meus ombros doem e respiro, as barras afundam meus dedos, mas é inútil.

Eu puxo com toda a minha força, mas ela ainda não se moveu.

Sem folego e me sentindo patética, eu desisto do pensamento estúpido e meus olhos focam o banheiro. Hesito em pé a distância da sala, mas talvez haja uma saída. Uma janela maior talvez. As janelas estão perto o suficiente para ouvir o clique ou o bip, e dar tempo de correr de volta para a gaiola com segurança antes que ele pudesse me pegar.

O banheiro é muito longe. Eu nunca ia conseguir fugir dele.

Mas se houver uma fuga, uma arma... Só olho a porta antes de seguir meus instintos.

Mais rápido que posso, ando pela sala, sabendo que não posso falhar. Se vier agora, me surraria na gaiola. E pega no banheiro, seria encurralada. Meu coração retumba com medo quando eu chego ao banheiro estéril. Os pés descalços, batendo contra o azulejo frio como o coração martela no peito. Vejo a tubulação de aço de debaixo da pia para o chuveiro. Essas são as duas únicas coisas que eu possa pensar considerar como uma arma. Até a caixa d'água do vaso sanitário foi removida e o espelho também desapareceu.





Eu agacho-me debaixo da pia e puxo o tubo de aço com todo o meu peso, meu punho desliza e eu caio para trás, minha cabeça batendo contra o azulejo.

— Porra! — Eu grito, agarrando a parte de trás da minha cabeça e estremecendo com dor.

Clique. Juro que ouvi um som e me movo o mais rápido possível. As pernas gritam de dor quando corro do banheiro para a gaiola. A unha roça o concreto quando quase tropeço, mas continuo correndo, não paro. Ignoro a dor e foco na entrada da gaiola. Para minha segurança.

Eu bato meu corpo contra a parte de trás da gaiola e respiro pesadamente, olhando para a porta fechada.

Só consigo sentir o sangue pulsando em minhas orelhas e meu coração batendo descontroladamente com medo.

Mas não acontece nada.

Inspiro e tento me acalmar... enquanto espero com a respiração ofegante.

Será que imaginei isso? Puxo as pernas para o peito e olho para a porta.

Muito tempo passa e finalmente percebo que deixei o medo levar vantagem.

Ele não virá aqui. Pelo menos não neste momento. Meus olhos derivam de volta ao banheiro e volto para a janela retangular pequena. São becos sem saída. Sem armas, sem fuga.

Eu olho para a porta e me pergunto quando voltará e o que fará quando vier.

Ele disse que não entrará nessa jaula, então tudo bem.





Eu só ficarei aqui, algo precisa acontecer, mudar. Não podemos ficar presos aqui para sempre. Meu coração aperta. Eu posso. Essa seria minha vida agora.

No fundo da minha mente, lembro-me do saco de heroína parado no meu estômago. Esperando por mim.

Eu preciso encontrar uma maneira de sair daqui, senão eu não tenho muitas opções. Lágrimas ameaçam mostrar-se, mas em seu lugar, há apenas uma dor ardente.

Faz muito tempo que eu chorei. Não chorarei por esse homem. Não chorarei por mim quando falhei em me salvar. Não há ninguém para culpar, além de mim mesma.

Com os pensamentos obscuros consumindo-me, adormeço na gaiola, os meus olhos sobre a comida que eu me recuso a comer.

Os dias passam, e cada dia é o mesmo. Ele vem com uma bandeja, fazendo o ritual de se sentar em frente a minha gaiola com comida intocada. Não bebo água.

Minha boca está seca e minha garganta arde. Algumas vezes eu fui ao banheiro para beber da torneira, mas os últimos dias me deixaram com medo de sair da gaiola.

Durante os primeiros dias, eu testei meus limites. No meio da noite, eu escapulia para a sala e testava tudo. Eu busquei em cada canto das paredes, de todos os lados. Não havia nada.

Eu procurei no banheiro. Rasguei os tubos, fiz tudo o que podia. Minhas mãos estão machucadas e meus pés estão sangrando devido ao esforço, mas nada adiantou.





Cada dia era o mesmo. Ele vem com a comida e esse sorriso diabólico, enlouquecedor. Fala tão suavemente, tão intensamente. Seu olhar me faz tremer. Eu tenho que desviar o olhar, porque fico imaginando coisas que eu nunca pensei que eu faria

Não tenho nada. Não posso escapar não importa quanto tente. Dias passam, saio e faço o que posso, mas nunca ajuda.

Finalmente, a única coisa que posso fazer para continuar lutando para evitá-lo.

Recuso sua comida. Evito suas perguntas. Recuso tudo o que tenta me dar. Talvez não possa escapar fora da minha prisão, mas isso não significa que tenho que ceder a tudo o que ele diz e faz. Escuto e às vezes falo de volta, mas não lhe darei o que quer.

Acho que o silêncio e a falta de interação fariam mais dano do que algum bem, mas não me importo. Sou tão ridícula. Fui apenas transferida da prisão que meu pai me manteve, mas não desistirei.

Todos os dias que assisto Gio entrar no quarto e me pergunto se esse será o dia que sairei da gaiola e então ele fará o que quiser comigo. Às vezes quero que quebre sua promessa e venha para mim. Seria melhor assim.

Ouço sua voz quando fala comigo, mas não registro o que diz. Apenas o comando para comer. O que não faço. Não ligo se isso me matar. A essa altura, prefiro morrer do que ser um brinquedo para ele. Só ficarei aqui, tentar dormir e aguardar a morte. Ignorando a dor.





Durante a terceira noite, fugi da gaiola e tentei trabalhar na tubulação do banheiro. Era alta madrugada e normalmente Gio não vem quando não há luz atravessando as janelas. Estava muito escuro e ele nunca viria tão tarde.

Mas desta vez ele veio. Quase quebrei meu pescoço mergulhando de volta para a jaula enquanto Gio estava parado no vão da entrada do quarto, braços cruzados, seu olhar intenso me pegou.

Vergonha e uma espécie de culpa me consumiram, mas o medo era a principal emoção.

Agora estou morrendo de medo de sair da gaiola e meu corpo dói quando me mexo, então é melhor só ficar aqui. Os dois primeiros dias senti prazer em caminhar, mas agora dói. Talvez porque ainda não comi nada, talvez a desidratação, não sei.

Tudo o que penso é uma saída que me resta. Fome é uma morte lenta e dolorosa, eu deveria levantar o saco de heroína e terminá-la rapidamente. Mas sou covarde. E estou ansiosa para cada momento de atenção que ele me dá.

Há uma cama e uma cadeira no quarto agora. Elas parecem confortáveis, mas são para Gio. Eu não sou idiota. Ele quer que eu saia para que possa jogar comigo, mas não farei.

Quem me dera ter mais opções, mas a porta está trancada. Não há nenhuma maneira de sair.

Submeto-me a ele, ou vivo nessa jaula ou eu morro.

Aguentei por tanto tempo. Por muitos anos, pensando que uma vez que eu escapasse do meu pai, ficaria livre.





Eu escapei dele só para ser colocada em uma gaiola literal, pega pelo inimigo da minha família e entregue como um presente para um homem com más intenções. Minha boceta aquece com os únicos pensamentos interessantes que inundam minha mente. Não sei exatamente o que ele quer de mim, mas estou com medo de descobrir. Não posso evitar, mas tenho fantasias com ele me usando de forma que iria me dar prazer. Isso dá-me uma razão para viver. Só estive com um homem. Foi um erro, paguei muito caro, e quando meu pai descobriu, Derek pagou com a vida. Mas sou humana e tenho desejos.

Eu fico derivando dentro e fora da realidade. Não tenho certeza se estou sonhando. Às vezes estou na gaiola em meus sonhos. É difícil saber quando já acordei, mas a dor é um bom lembrete de que é real.

De repente, movo meus olhos da parede para o banheiro e eu tenho que piscar para espantar a confusão. Gio moveu a gaiola? Minha mente está confusa e eu olho para trás e, depois, para o banheiro. Ele fez isso.

Eu lhe pedi...acho que pedi para mover a gaiola. Talvez ontem, talvez antes disso. É tão difícil lembrar quando já faz tanto tempo que estamos juntos. Mas ele disse que eu tinha que sair. Ele não podia movê-la comigo dentro. E isso não acontecerá. Não deixarei. Não lhe darei minha permissão para encostar um dedo em mim.

Mas agora estou mais perto. A gaiola estava encostada a parede, e agora é ao lado do banheiro. Eu começo a questionar minha sanidade, mas sei que ele fez. Só pode ter sido Gio.





Ele moveu a gaiola enquanto eu estava dormindo? Comigo dentro? Ou ele entrou? Eu puxei o cobertor mais apertado em torno de mim.

Ele disse que não viria. Ele prometeu que não faria. E ele cumpriu até agora.

Com o seu tamanho e todos os músculos, imagino que ele poderia conseguir empurrar a jaula comigo dentro. Fecho os olhos e posso visualizá-lo rastejando a gaiola e me levantando silenciosamente. Meu coração martela no peito, mas por uma razão diferente da que costumava. Não é medo. É desejo.

Meus olhos estalam abertos e eu rapidamente corro da gaiola ignorando meus pensamentos e vou ao banheiro, agora que está perto o suficiente, aliviar minhas necessidades o mais rápido do que nunca. Meus músculos doem com os movimentos rápidos, faz tanto tempo não me estico. Também há a dor de estômago. Faz-me estremecer, mas ao mesmo tempo eu prendo a respiração com os olhos na gaiola. Escuto atenta, esperando o som das botas do lado de fora e o bip do bloqueio. Mas nada vem. Corro de volta e subo na jaula, meu coração retumbando no peito e olho para a porta com meus dedos segurando as barras finas da gaiola. Esperando por ele para abrir. Mas não.

Talvez ele não estivesse vendo. Olho para a câmera à minha direita e, em seguida, à minha esquerda. Talvez estivesse feliz, que fui ao banheiro.

Ele me disse que gostaria que eu saísse da gaiola. Talvez seja o prazer dele.





Minha cabeça está tonta com o pensamento e meu estômago dói mais agora que minha bexiga está vazia, do que antes.

Finalmente, meu coração se acalma e me coloco em uma posição de ioga para esticar minha coluna. A viagem rápida lembrou-me de quão pouco me mexi, quão pouco fiz.

Minhas têmporas pulsam e a dor irradiando em meu estômago é constante. Sinais que estou doente, mas eu não posso ceder. Não posso viver assim.

Eu olho para a comida na bandeja, mas recuso-me a comê-la. Eu me enrolo de lado e caio em um sono leve. Acho que são só mais uns dias. Mais alguns dias até tudo acabar.

O pensamento faz meu coração apertar, ignorando a dor e comemorando o que está por vir.

Parece que só segundos passaram quando o sinal reconhecível me acorda e me viro lentamente para enfrentar a porta. Mesmo o movimento lento me deixa tonta, minha mente está fraca e difusa.

Gio entra e seus olhos azuis e frios já estão em mim.

Espero que haja um objeto na mão dele, ele sempre traz algo consigo.

*Estou certa*, há um pêssego na mão direita. Sinto água na boca com a visão. *Um pêssego.* A fruta de cor profunda com um toque de ouro faz parecer madura. Doce e suculento, posso imaginar a casca em meus lábios e língua.

Engulo em seco, desvio o olhar dela e fico dura, ele se aproxima e agacha na frente da jaula. Seu rosto de beleza





clássica volta a me encarar. Um rosto que tanto assombra os meus sonhos e desperta fantasias em minha mente. A barba áspera ao longo de sua mandíbula instiga meus dedos a tocá-lo. Quero sentir a textura. Quero enroscar meus dedos pelo seu cabelo grosso e fazer muito mais. Fecho os olhos quando os pensamentos me oprimem.

O que há de errado comigo? Isto não está certo. Mas não consigo evitar. Estou consumida pelos pensamentos com ele. As sementes do pecado que ele plantou surgiram e não posso escapar dos desejos obscuros.

Ele me disse que me queria, não foi? Ou sonhei isso? Não lembro.

— Você precisa comer. — diz em um tom baixo. A cadência suave e o tom áspero fazem meus mamilos endurecerem e minha boceta apertar. Fecho os olhos, ignorando meu corpo traiçoeiro e odiando-o. Me odeio ainda mais.

— Não quero. — minto. Eu quero comer. Não sei por que faço isto. Sinto-me fraca e doente e odeio que me deixei chegar a isto. Meus olhos fixam no pêssego em sua mão e ele me prende a sua aproximação.

— É para você, princesa. — Sua voz é fascinante. *É para mim.*

Uma parte doentia de mim está feliz por um momento.

Ele trouxe só para mim. Lembro-me do sabor e o cheiro doce enche meus pulmões. Minha cabeça está tonta com a desidratação e não me sinto bem, mas a visão do pêssego, que Gio me trouxe, me faz querer pegá-lo em minhas mãos.





— Venha, princesa. Quero que fique com isso. — Ele mantém o pêssego na minha frente enquanto me hipnotiza com sua voz. Eu escorrego para frente e pincelo a fruta com a ponta dos meus dedos. Mal está dentro da jaula.

Meus olhos encontram os dele e meu coração dispara. Estou com medo de ir mais longe.

— Vá em frente, não pegarei você. Você está segura. — Suas palavras me confortam, acredito que são verdadeiras. Não é um truque.

Quando pego o pêssego, seus dedos tocam suavemente os meus, meu coração acalma e um calor intenso flui em minhas veias. A faísca que acendeu é tão intensa que quase deixo o pêssego cair, mas pego-o na hora com as duas mãos. Mal saio da gaiola e o encaro, seus olhos azuis gelo, aquecidos e focados em mim. Eu lentamente começo a voltar como se me mover muito rapidamente irá alertá-lo para o fato de que ele podia me tocar se quisesse. Quebraria sua promessa se fizer, mas ele está me olhando com um jeito que nunca vi. Um desejo incontrolável que provoca tanto medo quanto excitação.

Eu empurro minhas costas contra as barras da extremidade da gaiola e espero, o pêssego, meu prêmio e presente, mantido firmemente em ambas as mãos. Meu corpo está tenso quando ele finalmente levanta e sai em silêncio.

Espero ouvir o clique da porta e o bip da fechadura antes de trazer a fruta aos lábios, praticamente gemendo com a doçura e lambendo cada gota do suco delicioso, não deixando nada cair.

Parece que eu só dei uma mordida quando olho para baixo e percebo que acabou. Não foi o bastante. Preciso de mais.





# Sete

## Gio

Ela ainda está na gaiola. Ela está sempre na gaiola.

É impressionante que Grace tenha feito greve de fome por tanto tempo, mesmo estando tão fraca quando acordou. Essa garota é intransigente, raivosa e se recusa a sair da jaula. Finalmente está comendo um pouco de comida, mas o desafio ainda está lá, aquela bela rebelde do caralho.

Nos primeiros dias, ela se esgueirava da gaiola quando pensou que eu não estava vendo. No entanto, estou sempre a vigiando. Deixei-a explorar o quarto, testar seus limites.

Deixei-a descobrir que não havia escapatória real.

Inclino-me na cadeira, olhando para ela. Grace mal se move, balançando de um lado para outro, cantarolando alguma coisa. Não sei qual é a música, mas ela cantarola às vezes, quando não estou na sala. Talvez seja apenas um disparate e ela está só passando o tempo, ou talvez seja uma memória que não pode evitar, apenas vocalizar.





Eu estou fascinado por ela, muito mais interessado do que pensei. Achava que Grace era apenas mais uma princesa da máfia, uma menina mimada sem personalidade. Esperava alguém fraco.

Em vez disso, é o total oposto. De acordo com o mapa das cicatrizes no corpo dela, Grace passou por muita coisa antes que viesse parar aqui. Por causa disso, ela tem uma força que nem imagina. Grace é muito mais do que jamais imaginei e isso me excita demais.

Sei que isso é uma merda, mas já não me preocupo. A escuridão está aqui dentro, implorando para ser alimentada todos os dias. Honro com minha palavra e não a toco quando está na jaula, que é o tempo todo, mas desejo que queira sair. Anseio pelo dia que Grace finalmente sairá e me peça para tocá-la. Eu quero que implore tanto por isso. Lhe darei uma razão para continuar respirando. Farei seu corpo sentir coisas que ela provavelmente nunca sentiu antes e muito, muito mais.

Vai parecer bom submeter-se a mim.

Sei que é assim que a farei se render. Ela finalmente confiará em mim para me querer perto. A desembrulharei do cobertor, lhe darei um banho, irei cuidar dela. E finalmente deslizarei meus dedos suavemente ao longo de sua pele e fazê-la tremer até que implore por mais. Farei tanto isso e logo a terei deitada no chão, contorcendo-se com prazer quando meus dedos fazem o seu trabalho.

Estou duro apenas de observá-la pelas câmaras, imaginando o que faria com ela. Tudo isso é confuso e me sinto





destruído por dentro, mas continuarei. Isso é como viver minha vida, apenas siga em frente.

De repente, há uma batida na porta da frente. Levanto-me, irritado com a interrupção e dou uma última olhada nos monitores. Ela não está se movendo novamente. Saio da sala de controle e fecho a porta atrás de mim, trancando com chave. Vou rápido até a porta quando a batida soa novamente.

É meu pai. — Filho. — ele diz.

— O que faz aqui? — Ele nunca vem aqui. Só vem quando há um trabalho para fazer. E isso é só porque ele depende de mim agora.

— Vim vê-lo. Vai me convidar para entrar ou o que? — indaga.

Aceno e afasto-me. Seus passos pesados pausam quando ele entra no corredor e olha para a confusão de caixas e coisas empilhadas da sala de armas.

— Que merda é essa?

— É da sala de armas. Tive que limpá-la para fazer o quarto para ela.

— Eu sei, mas não encontrou um lugar melhor para isso?

— Tenho andado ocupado. — ranjo os dentes e desvio o olhar. — O que precisa?

— Os Romano têm perguntado de você. — Ele entra na cozinha, como se fosse dele e pega uma cerveja da geladeira. Ele olha sobre a porta aberta da geladeira e pergunta: — Quer uma?

— Não, obrigado.





Ele escolhe um lugar à mesa, se sentindo em casa e toma um gole grande.

— O que querem? — Pergunto. Me inclino para a parede com os braços cruzados.

— Querem saber por que esse bastardo Toni ainda não morreu.

— Tenho andado ocupado. — repito.

— Entendo. Mas ele é apenas um idiota.

— Ele é um idiota bem guardado. Tenho estudado, montando esquemas, procurando fraquezas. — Coloquei as câmeras e conheço suas rotinas, que são mínimas. Toni tem que saber o que está vindo, mas não está facilitando.

— E a garota? Ela te deu alguma coisa?

— Ainda não. — Sua pergunta faz meu sangue ferver. Ela não é parte disso. Não perguntei nada e nem pretendo. Ela não é uma coisa. Ela é minha.

— O que está demorando tanto? — indaga.

— Você sabe que algumas coisas demoram. Eles sempre querem apressar essa merda, mas leva um tempo se quiser fazer isso direito. — Eu posso adiar um pouco mais do que devia. Mas trabalho bem feito é assim e eles sabem disso.

— Sim, entendi. — ele resmunga e bebe a cerveja. — Ainda assim eles estão no meu pé sobre isso. Quanto tempo?

Eu balanço a cabeça. — É difícil dizer. Talvez semanas.

— Vá se foder, Gio. — Ele termina a cerveja e vai até a geladeira pegar outra. Sigo-o, irritado com esta intromissão inútil. Quero voltar para minha princesa.





Meu pai pensa que me engana. A atenção da Família está lhe subindo a cabeça, claramente. Ele sabe quanto tempo demora para pesquisar e planejar um trabalho bem feito. Me cansou com suas queixas ao longo dos anos por eles sempre quererem apressar e ferrar com as coisas, e aqui está ele fazendo a mesma coisa comigo.

— Escuta, eu ouvi alguma coisa. — Ele diz.

— Que tipo de coisa?

— Eles têm se reunido e estão começando a nos deixar entrar.

Eu arqueio uma sobrancelha. Ele parece animado, o que não é seu habitual. O Bruno Luca que conheci por toda a minha vida é cético e pouco tolerante, mas sempre paciente quando se trata de uma morte.

Não conheço este homem. Nós nos separamos por anos, mas agora parece que o intervalo finalmente acabou.

— Farei isso. — ele diz, acabando com outra cerveja. Eu levanto uma sobrancelha para ele e ele repete. — Farei o acerto.

— Não. — disse.

— Eu tenho um plano. Você está demorando demais. Eles querem essa merda feita.

Meus punhos estão fechados e tenho que respirar fundo antes de lhe espancar até a morte. Quase quero que ele siga com este plano e acabe se matando. Provavelmente facilitaria minha vida se nunca mais existisse ou desaparecesse de repente.

Instantaneamente me sinto culpado por esse pensamento. Embora estejamos nos distanciando, ainda é meu





pai. Não concordo sobre esta situação e há um monte de coisas que odeio, mas é minha família. *Tudo o que restou dela.* Não posso lhe virar as costas como realmente gostaria, mas ele já me deu tanto na vida.

— Eu posso fazer isso. — diz com confiança.

— Isso não está em discussão. — Olho para ele e deve haver algo na maneira que estou olhando que o faz recuar. Se ele quer fazer o trabalho que assim seja. Não direi que aprovo, mas de qualquer forma é melhor para mim. Isso me deixará com mais tempo para me concentrar em Grace, minha princesa.

— Tudo bem. — resmunga e bebe a cerveja. Após um segundo de silêncio, ele sorri para mim. — Deixe-me ver a menina.

— O quê?

— Sim, deixe-me vê-la.

— Você sabe que eu não posso fazer isso. — Endireito minhas costas e sinto um calafrio na espinha.

— Vamos, filho. — diz ele, sorrindo para mim. — Só quero ver a garota. Só quero provar um pouco, você sabe o que quer dizer?

— *Não!* — Digo, mais agressivo do que eu esperava. Isso me surpreende e claramente a ele, porque instantaneamente levanta as sobrancelhas em um olhar interrogativo.

Eu tenho que lutar para encobrir a minha reação. — Você sabe como é. — Eu disse. — Não posso te deixar entrar e estragar o meu trabalho. Preciso trabalhar a confiança nela, fazê-la me querer acima de tudo.





— Sim. — ele disse lentamente. — Certo. Eu sei como é.

— Você não pode entrar lá. Não é uma boa hora. — Nunca será um bom momento. Meu coração bate forte cheio de ansiedade e com muita raiva. *Ela é minha.*

— Oh, bem. — ele diz, colocando a garrafa vazia em cima do balcão. — Só resolva isso rápido, Gio. Os Romano querem resultados.

— Tudo bem. — digo e levo-o até a porta. — Farei o melhor que puder o mais rápido possível.

— Ok então, filho. — Ele me dá um olhar que não consigo decifrar então vai embora. Fecho a porta atrás dele, respirando rápido.

Quando eu me escoro na parede, tentando me acalmar, a memória da mão de Grace tocando na minha retorna para mim, do nada. Sinto esse mesmo choque de emoção passar por mim como foi naquele momento e lembro de seu olhar surpreso, mas raivoso.

Não impedi meu pai porque eu quero rende-la, a percepção me atinge com uma força inegável.

Eu o fiz porque quero protegê-la.

Não quero meu pai perto dela porque não quero que a machuque ou a toque. Estou completamente fodido, mas sou protetor com ela. A princesa é minha, toda minha, e não quero que mais ninguém chegue perto dela ou a machuque.

O que torna as coisas um pouco mais difíceis para mim.

Vou à cozinha lhe preparar uma refeição. Estou muito ocupado, revendo cada detalhe da minha conversa com meu pai,





querendo saber se ele tem ideia de como realmente me sinto. Aquele último olhar que me deu foi estranho.

Terei que tomar muito cuidado de agora em diante.

Carrego a comida em uma bandeja para o quarto dela. Toco o scanner de impressão digital com o dedo e a porta se abre com um clique. Fecho a porta atrás de mim, certificando-me que meu rosto está em branco. Ela não pode sentir a minha confusão.

Grace está na gaiola como sempre, seus olhos fechados, respirando lenta e profundamente. Ando e coloco a bandeja no chão como sempre antes de dar uns poucos passos de distância.

— Acorda, princesa. — Eu disse suavemente.

Ela se agita um pouco.

— Princesa. — eu disse mais alto. — Levante-se.

Seus olhos abrem. Olhos lindos. Me olha por um segundo, em seguida, olha para a comida. Ela desloca o peso em minha direção, e por um segundo, acho que vai sair. Quero tanto, mais do que poderia ter imaginado, mas em vez disso, para de se mover, aqueles olhos aborrecidos olhando os meus.

— Estou aqui para você agora, princesa. — Eu disse suavemente. — Então coma tudo. Você precisará de sua força.

Eu sorrio para ela, perverso e desejável, a escuridão dentro de mim revira com prazer.





# Oito

## Grace

Meus pulmões se enchem com o cheiro salgado de queijos e carnes e o doce cheiro de frutas.

Lambo os lábios, sento, meus olhos fixos na bandeja. Isso é novo. Eu comi tudo o que me trouxe desde o pêssego, mas ele nunca fez uma bandeja assim.

— Saia, princesa. — Gio diz da entrada da jaula. Meus olhos fixam nele e meu coração bate mais rápido. Desde que nossos dedos se tocaram há um fogo nos olhos dele que pensei ter imaginado. Mas está lá me encarando agora. Sei o que significa, mas não posso admiti-lo. Ainda não.

— Eu quero alimentá-la.

Olho dele para o quarto que costumava ser estéril. Ele trouxe muitas coisas para cá nos últimos dias. Tantos itens tentadores para tocar. Texturas que já não sentia há dias.... Acho que há dias. Não, tem como ser mais tempo. Tento lembrar, mas não consigo.





Há uma jarra de água na pequena mesa de madeira. Imagino que é plástico, mas não tenho certeza porque eu não cheguei perto. Gostaria de saber se há alguma coisa que possa quebrar e usar contra ele, mas então olho para seu olhar intenso e sinto um arrepio na espinha. Estou apavorada que no segundo que eu colocar os pés para fora, ele me levará e nunca me deixará ir. Nunca me dará a chance de voltar para a jaula. Não posso viver aqui para sempre, no entanto... e eu quero sair e ver tudo o que trouxe para mim.

— Gio? — Minha voz surpreendentemente alta.

Puxa o canto de seus lábios. — Sim?

— Se eu sair e você me alimentar, — meus olhos nos dele. — me deixará voltar depois que eu terminar de comer?

Seus olhos se estreitam e ele inclina a cabeça, pensando em minhas palavras.

— Acha que eu tiraria a gaiola de você? — Sua voz é baixa, como se me desafiando a dizer-lhe isso.

— Sim. — Eu disse, tentando manter minha voz calma e clara. — Tenho medo de que se sair, você nunca me deixará voltar.

Seu peito estufa conforme ele suga o ar e lentamente o libera, nunca desviando o olhar. — Se sair, vou te trazer à mesa, alimentá-la e leva-la de volta.

Meu corpo implora para permitir. Preciso de seu toque. Eu não sentia nada além deste cobertor e as barras me arranhando.

E lembrei de como seu polegar estava contra minha pele.





— Você vai me tocar? — Pergunto.

— Você quer dizer se vou te comer? — Um pequeno sorriso surge em seus lábios.

— Sim. — Eu admito.

— Não, princesa. Não até que me peça. — Meus olhos se arregalam com a sua confissão.

Não posso viver enjaulada para sempre. Eu rastejo para fora, meu coração acelera. Faz dias que deixei a gaiola. Meus músculos doem com o movimento. Paro no limite. Ele está tão perto de mim. Posso sentir o calor do seu corpo.

— Gio. — eu sussurro tão baixinho que não consigo ouvir minha própria voz com o sangue pulsando em minhas orelhas.

— Sim, princesa?

— Por favor, não me machuque. — Envergonho-me de quão fraca eu soo. Quero ser mais forte, mas faz tanto tempo e me sinto começar a ceder. Mas algo em mim está dizendo que se lhe pedir para não fazer, ele não vai.

Gio estende a mão ao meu rosto, mas não a traz além da fronteira invisível. Me inclino deixando-o encostar na minha bochecha e me empurrando mais para seu toque. Meu coração incha com o gesto suave.

Preciso de mais, mas estou enraizada na gaiola e não confio nele. Me dando conta do que fiz, saio da neblina que confundiu meu julgamento. Abro a boca, quase como se fosse para discutir comigo mesma, mas de alguma forma encontro a força para me afastar.

*Quase cedi.* Meu coração dispara com descrença.





Sento no limite da gaiola, evitando seu olhar. Posso sentilo, mas não o encaro.

Meu peito está vazio e meu estômago dói. Quero sair desta gaiola, mas não para ir com ele. Parece que só agora percebi a estupidez que foi passar fome. Preciso resistir, mesmo que queira me entregar. Serei forte, ao contrário do que fui com meu pai.

— Sente-se comigo, princesa. Quero alimentá-la.

Não posso responder. Não posso falar com ele. Gio me confunde e me faz questionar-me. Pego o cobertor e me cubro.

— Grace. — O uso do meu nome me faz olhar para ele. Há uma advertência em seu tom. — Você estava indo tão bem.

A ternura em seu discurso me faz questionar minha determinação.

— Eu trouxe isto para que possa te alimentar. Essa foi a única razão.

Meu coração afunda, ele levará a bandeja.

Engulo o caroço crescendo em minha garganta e balanço a cabeça.

Ele me alimentará com outra coisa. Eu sei que vai.

Eu o ignoro e sento contra a gaiola, sentindo a dor das grades. Ele levanta, deixando a bandeja na entrada e fica ali, olhando para mim e não posso deixar de olhar de volta.

Esperava que ele fosse levá-la, mas não. Em vez disso, diz sob a respiração. — Só assim você pode ver o que está perdendo, princesa.





Quando ele vai embora, meus dedos sobem até minha bochecha. Seu calor e toque me fizeram... completa. Eu preciso. Preciso de mais.

Não quero que saia. Sei que isto é uma espécie de castigo. O recusei, então ele está me deixando em paz. E odeio isso. Quero sua companhia, quero que fale comigo, mesmo que me recuse a falar de volta.

Não posso desistir. Nem sei o que estou fazendo, preciso de um plano. Por ora, minha única defesa é essa gaiola. Minha segurança. É uma maldição. Estou muito assustada para olhar além dela. Mas preciso. Não posso ficar aqui para sempre.

A dor se agita novamente no meu estômago. Belisca minhas entranhas. Puxo minhas pernas contra o peito... e lembro da heroína. Não pode ser. Se o saco se rompeu... tenho certeza que eu estaria morta. Eu sentiria alguma coisa. Quando o pensamento me atinge, as dores de estômago voltam e enterro a cabeça entre os joelhos. Preciso tirar isso de mim.

Tentei comer ontem à noite e não pude segurar. Eu só dei algumas mordidas, antes de tudo voltar. Cheguei ao banheiro, mas não deu tempo. Não devia ter me feito passar fome. Posso sentir minhas costelas e cada pequeno movimento dói. Até mesmo respirar. Preciso ficar bem. Encaro de volta o prato que Gio deixou. Preciso comer.

Ouço o clique da porta abrir e vejo Gio quando ele me deixa, minha expressão que está endurecida se suaviza quando ele vira para olhar para mim.

Devo dizer-lhe. Apenas no caso de eu não morrer de fome. Mas não faço. Eu assisto ele sair e sem dizer nada.





# Nove

## Gio

Já passaram dias e não sinto nada além de frustração.

Grace quase nunca deixa a segurança da jaula. Não importa o que faço para tentá-la, ela se esconde de mim. Só me concedeu aquela carícia. Me tentou, provocou com esse toque. Me olha desafiadoramente quando entro no quarto e parece distante quando falo com ela, mas vejo algo em seu olhar que sempre me surpreende. Pensei que estava tão perto. Ela quase saiu, mas no fim recuou ainda mais dentro de si mesma.

Nada funciona. Eu tento coisas confortáveis, atraentes e coisas deliciosas. Ela ignora tudo, aderindo a sua gaiola horrivelmente desconfortável. Eu sei que ela sai escondida no meio da noite para ir ao banheiro, mas ela corre mais rápido que pode e não demora mais do que o necessário.

Eu a deixo ter isso. Não digo que sei. Ela provavelmente já presumiu, de qualquer forma. Há uma inteligência profunda em seus olhos que ainda nem comecei a explorar. Já pensei em





tirar vantagem e tentar pegá-la. Fechando a porta de sua gaiola e deixá-la sem nenhuma fuga. Mas isso não é o que quero. Preciso que ela queira vir comigo. Mas estou ficando impaciente. Então há os Romano. Estou ignorando as mensagens do meu pai sobre eles querendo uma prova do meu progresso com ela. Irão esperar. Quero fazer do meu jeito. Mesmo que esteja duvidando de mim no momento, ela ainda é minha para treinar.

Eu não posso evitar de questionar minhas táticas. Estava achando que ela era apenas mais uma princesa da máfia, mas a minha princesa é claramente muito mais que isso. Ela tem esta força escondida profundamente dentro de si que está desenvolvendo. Não sei de onde vem, pelo menos ainda não, mas quero saber. Quero saber tudo sobre ela.

A escuridão dentro de mim levanta sua cabeça feia toda vez que vou para o quarto dela, querendo levá-la, usá-la, destruí-la. Ela quer ser alimentada e sua voz está ficando mais e mais alta.

Mas há um outro sentimento dentro de mim que mantem a escuridão à distância.

Não sei explicar, pelo menos ainda não. É algo como curiosidade e pena. Quero aprender sobre a garota para entrar em sua mente e tocar sua beleza limpa. Também odeio as cicatrizes em seu corpo e quero que ela se entregue para mim para que possa parar de mantê-la enjaulada. Quero rendê-la tanto para o seu bem quanto o meu.

Mas ela é teimosa. Linda e teimosa.





Debruço na cadeira para vigiar ao vivo minha princesa em sua gaiola enquanto rebobino a fita anterior. Me vejo entrar no quarto com uma cadeira confortável e coloca-la no canto. Monto uma mesa e a cubro com um cobertor, cachecóis e outras coisas quentes e aconchegantes. Ela ignora tudo, cada um.

Paro quando chego ao momento que estou esperando. Assisto quando entro no quarto e me aproximo de sua gaiola. Ela recua quando ela está com medo, mas eu pauso e dou zoom em seu rosto.

Está granulado, mas posso ver a expressão dela claramente.

Ela não tem medo. Está *interessada*. Grace me encara com os olhos arregalados, mas sua expressão não é de terror. Ao invés disso, parece que está vendo alguém intrigante.

Pulo para o próximo dia e encontro um momento semelhante. Quando me aproximo de sua gaiola, vejo seu rosto novamente em câmera lenta.

É mais pronunciado desta vez. Ela tem medo, é claro, mas há algo em seus olhos.

Ela *me quer*.

O pensamento me atinge como um trem. Minha princesa me quer. Sua expressão muda rapidamente quando continuo assistindo, mas não há nenhuma confusão. Volto a assistir novamente, sorrindo para mim mesmo, sentindo algo aquecer no meu peito. É um desejo profundo por seu corpo, um desejo que estou começando a perceber que ela compartilha.





Vi aquele olhar nos rostos de mulheres centenas de vezes na minha vida. Não há nenhum engano. Já tive minha cota de mulheres e sei como elas olham quando veem algo que querem. Não é sempre óbvio, mas se você sabe o que está procurando, está sempre lá.

Os olhos dilatam. Os lábios se abrem um pouco. Língua contra os dentes.

Minha princesinha safada.

Ela quer provar meu pau deslizando por sua garganta. Sentir meu pau pressionando entre suas pernas, me ter sussurrando em seu ouvido, dizendo-lhe quão lisa é sua boceta, quão safada é por me deixar possuir seu corpo, no entanto, eu quero.

Já até posso ver. Ela quer ser minha vadia pervertida.

Eu olho de volta, ao vivo e franzo a testa novamente. Embora ela queira, também está fazendo um bom trabalho em disfarçar. Ela está resistindo com toda sua força de vontade, e até agora tem sido incrível. Levei um tempo para até mesmo notar, mas agora posso explorá-lo. Rendê-la.

Fazê-la minha.

De repente, me sinto energizado, mas meus problemas não mudaram. Preciso de uma nova tática, algo para ganhar sua confiança.

Grace não pode resistir a mim para sempre. Porra, ela nem mesmo quer.

Levanto e vou até a sala principal, um plano começando a se formar em minha mente.





Pressiono o polegar na fechadura e a porta abre. Entro no quarto, meu coração acelerando do jeito que faz toda vez que me aproximo dela. Passo de lado, carregando a lousa e o giz em minhas mãos.

Ela me olha com aquele rosto deslumbrante. Vou até ela e minha princesa recua, mas pego o olhar. Ela não pode esconder isso de mim, não desta vez.

— Olá, Princesa. — digo, sorrindo. Ela me encara enquanto coloco a lousa em cima da mesa de frente para a jaula. Saio e pego o relógio que deixei lá fora antes de retornar com ele. Eu acerto o relógio ao lado do quadro e olho para ela.

Grace está me olhando com olhos lindos. Quero entrar na jaula, puxá-la pelo tornozelo e fodê-la ali mesmo, mas não vou. Não farei isso com a minha princesa, não até que peça.

— Sabe o que é isso? — Pergunto-lhe.

Ela me observa silenciosamente.

Ela está muito magra e exausta. Também sei que só precisa comer e dormir. O estresse da situação é o que a faz sentir-se doente.

— É um quadro-negro. — eu digo. Escrevo uma vez: 8 da manhã. Escrevo embaixo: seis da tarde. Anoto mais duas vezes, uma da manhã e nove da noite. Ela me assiste o tempo todo, mantendo-se imóvel, quieta como um rato.

— Mudarei as regras do jogo, só um pouco. — Eu disse. — Este quadro é uma lista de horários. A partir de cada um, você tem uma hora para sair da gaiola. Não entrarei neste quarto e não te tocarei.





Ela continua em silêncio, mas posso dizer que está ouvindo atentamente. Grace se aproxima de mim, mais perto da entrada da gaiola.

— Você pode fazer o que quiser durante esta hora. — Eu disse. — Dormir, tomar banho, o que desejar. Se você for boa, te darei mais tempo. Talvez até algumas horas à noite para que você possa dormir. — Eu pauso e sorrio para ela. — Mas só se você for boa.

— Como saberei se não está mentindo?

Seu discurso súbito me surpreende. Olho para ela por um segundo, pensando se imaginei ou se foi real, mas não, ela definitivamente falou.

— Já menti para você? — Pergunto.

— Não. — ela diz.

— E não mentiria agora. — Me agacho na frente da gaiola e vejo-a com olhos apertados. — Posso entrar nesta jaula quando eu quiser, mas não entrei, porque te fiz uma promessa. Eu mantenho minhas promessas, princesa. Nunca as quebrarei.

Grace me olha, mas não diz nada. Pelo menos não está indo para longe de mim como normalmente faz.

Encorajado, levanto e saio. Na cozinha, preparo sua refeição: uma sopa deliciosa, pão e um copo de Ginger para ajudar a acalmar o estômago. Coloco tudo na bandeja e retorno para o quarto. Desta vez deixo a bandeja na mesa.

Grace encara a comida, seus olhos arregalados. Posso dizer que ela quer e muito. Sempre lhe dou comida, mas sou um cretino. Não é nada além de um pequeno deleite. E ela sabe disso.





— Vem cá, princesa. — digo suavemente. Agachado perto da entrada da jaula novamente. — Me deixe te abraçar e alimentar.

— Não. — ela disse suavemente.

— Venha. — Eu disse. — Você estará a salvo. Cuidarei de você se sair. Prometo que só te alimentarei desta vez. — Espero que agora ela desista. Grace se renderá e qualquer coisa que a estava impedindo não atrapalhará novamente.

Ela me encara e se aproxima da entrada. Esperança nasce em meu peito. Ela está considerando. Sua expressão ainda demonstra insegurança com suas sobrancelhas franzidas. — Promete?

— Eu prometo. — digo. — Quero te abraçar e alimentar. Venha aqui. — Estendo a mão.

Ela dá um passo perto o suficiente para que eu possa tocá-la. Me aproximo e gentilmente pego sua mão.

Meu coração acelera no peito. Grace finalmente me deixou tocá-la. A puxo para mim, sendo tão cuidadoso quanto posso, mas vejo a dor em seu rosto. Franzo a testa, surpreso.

Não pensei que ela estivesse realmente doente. Mas quando a seguro, percebo que está queimando de febre.

— Como você está? — Pergunto quando a carrego nos braços até a mesa. Tento me controlar, mas estou preocupado. Isso é novo.

— Estou bem. — ela diz calmamente.





Sento e a coloco no colo. Posso sentir meu pau mexer com a emoção e a escuridão implorar para ser alimentada, mas ignoro-a. Fiz uma promessa e manterei a minha palavra para ela.

— Você está quente. — digo suavemente. Pego uma colher cheia de sopa e trago-a para os seus lábios. Ela aceita com gratidão. Faço isso várias vezes e minha princesa come cada uma. *Boa menina.*

— Estou bem. — ela diz finalmente. Eu parto um pedaço de pão e alimento-a calmamente com ele. Meus dedos passam por seus lábios macios e sinto o calor de sua boca. Novamente, meu pau endurece, mas ignoro. Posso sentir minha respiração mais pesada, mas não consigo agir com os pensamentos gritando na minha cabeça.

Desloco seu peso no meu colo. Seu corpo se encosta contra o meu, quase como se ela mal conseguisse se manter em pé. Ela é muito leve e fico maravilhado mais uma vez quão fácil poderia destruí-la se eu quisesse. Ela não está bem, lembro-me. *Eu não estou bem.*

Estou tão fodido que continuo a ter estes pensamentos. Penso em comê-la, submetê-la, fazê-la minha. Quero alimentá-la e deixá-la saudável novamente, mas a escuridão dentro de mim continua brigando contra isso, implorando para eu descumprir minha promessa.

— O que você gosta? — Peço-lhe, tentando me distrair.

— Como assim?

— Hobbies, coisas para passar o tempo. Que tipo de coisas você gosta? — Preciso saber o que conseguir para ela. Não





tenho problemas para conseguir qualquer coisa. Mas nada parece tentá-la.

Ela fica em silêncio por um segundo. — Música. — diz ela.

— Que tipo de música? — Parece que ela gostaria de pedir algo que encherá a sala para que ela possa ficar na jaula.

— Clássica. — Sua voz é quase um sussurro. — Piano. Sons tranquilo tranquilos.

— Ok. — digo suavemente. — Música. O que mais?

Ela morde o lábio e parece distante. — Não sei.

— Tudo bem. — digo, inclinando sua cabeça de volta para mim e a alimento com mais sopa. Em seguida, coloco o copo com o refrigerante de gengibre em seus lábios e ela bebe avidamente. Sua mão sobe e segura o copo, mas eu o controlo.

— Livros. — diz depois de comer a sopa.

— Que tipo de livros?

— Não sei. Meu pai... — Seus olhos parecem perdidos por um segundo e posso ver a dor em seu rosto.

— O teu pai?

— Ele não me deixou ter muitos.

— Entendo. — Aquela pequena informação pesa mais que qualquer outra coisa. — O que mais ele escondeu de você?

— Muitas coisas. — O olhar vidrado aparece novamente e seguro-a perto, meu coração acelerado. Não acredito no quão vulnerável ela é e no quanto eu amo isso. Normalmente destruo coisas vulneráveis, mas agora a única coisa que quero é conseguir sua confiança.





Quero conhece-la completamente.

— O que ele fez com você? — Pergunto.

— Ele é como você. — diz de repente. — Mas também é o oposto. — Ela balança a cabeça, confusão clara no rosto dela.

— Ele fez isto? — Questiono, arrastando o dedo ao longo da cicatriz de seu ombro. Ela estremece sob meu toque e sinto meu pau mexer, o desejo flui dentro de mim.

Minha princesa acena lentamente, seus lábios se separaram e fecha os olhos. — Sim. — diz finalmente.

O desejo desaparece em um instante. Esse filho da puta! A raiva em mim, mas tenho que me manter sob controle.

— O que ele fez? — Pergunto-lhe novamente.

— Era de uma fivela de cinto, acho. — diz com os olhos fechados. Ela treme em meus braços. — Há muito tempo. Eu era uma decepção. Ele queria um filho. Mas em vez disso eu nasci.

— Então ele descontou a raiva em você?

— Sim. — Grace sussurrou. — Há muito tempo. As cicatrizes não são nada. Posso sobreviver a elas. — Repulsa e ódio me inundam. Percebi então que sou igual a seu pai em muitas maneiras. E odeio isso. Resisto à tentação de fechar minhas mãos em punhos. Ele abusou da filha por anos, controlando-a, a dominou e usou para tudo o que queria. E estou fazendo a mesma coisa, embora não tenha sido minha escolha.

Ela foi entregue a mim. Agora estou tentando fazer o meu trabalho. *Mentira.* Uma voz escura sussurra. *Você gosta disto. Você é tão depravado quanto ele.* Não quero deixar cicatrizes em





seu corpo lindo. Eu desejo lhe dar prazer. É diferente. Sem machucá-la. Jamais assim.

— Por que continuou lá? — Pergunto, tentando me acalmar, embora internamente, esteja em guerra.

— Não podia sair. — diz, sacudindo a cabeça. — Ele me prendeu. Travou minhas janelas. Me manteve em uma gaiola, agradável, mas era uma gaiola.

— Como esta gaiola. — digo baixo.

— Não. — ela diz, e pela primeira vez a vejo sorrir ligeiramente. — Sua gaiola era muito, muito pior. — Suaviza a voz. — Ele poderia me machucar dentro daquela jaula.

Termino de alimentá-la com a sopa e coloco a colher de volta na tigela. Ela fica em silêncio e não diz nada quando alimento-a com os últimos pedaços de pão. Posso dizer que falar de seu pai foi muito difícil e estou em conflito entre raiva, repulsa e desejo em mim.

Quando finalmente terminamos, olho-a nos olhos. — Você precisa de um banho. — digo.

Ela fecha os olhos com firmeza. — Você disse que iria apenas me alimentar. — há uma tristeza em sua voz e isso me destrói.

— Se isso é o que quer, te colocarei de volta. Mas você poderia usufruir de um banho.

— Tenho medo.

Sua confissão me aquece. — Não tenha medo. Deixe-me cuidar de você.





Ela deixa escapar um barulho que me leva a loucura. É um gemido, ou algo parecido com um gemido. Grace não abre os olhos, mas acena, dando-me sua permissão.

A mantenho em meus braços e vou até o banheiro, o desejo inundando meu corpo, excitação percorrendo minha pele.

Eu a quero. Quero transar com ela. Mas lhe fiz uma promessa e a manterei.

No entanto seu corpo é tão macio e quente contra o meu, e meu pau está tão duro, ela está precisando desesperadamente de conforto e posso lhe dar isso. Quero lhe mostrar que é isso. Não sei se posso me manter sob controle. Não se ela fizer esse som de novo. Irei enlouquece-la e ela vai adorar, se me der a oportunidade.

Ligo a água, e todo o meu corpo vibra com emoção.





# Dez

## Grace

A banheira de cerâmica vai enchendo com água quente lentamente. Quero segurar meus joelhos no meu peito, me cobrindo. Nunca me senti mais desnuda na frente dele. O que é um absurdo, já que estou nua o tempo todo. Quase nunca tenho meu cobertor ao meu redor agora. Mas sentada na banheira branca com seus olhos descaradamente em meu corpo é diferente.

Porém, já não me escondo. Sua mão grande está firmemente no topo da minha coxa, os dedos no interior da minha perna.

Minha boceta está fervendo por seu toque. É errado. É tão errado, mas eu quero que ele deslize sua mão mais para cima. Quero que sinta o quanto o quero. Deito minha cabeça para trás e fecho os olhos, mas não totalmente. Apenas o suficiente para assistir.





Seus olhos penetrantes vagam pelo meu corpo quando ele joga água sobre meu peito. A água morna é tão agradável, desliza pelos meus seios deixando-os arrepiados. Meus mamilos endurecem e observo como suas pupilas dilatam e ele lambe os lábios.

Sim.

*Me tome.* Posso visualizá-lo inclinando-se para baixo e tomando um mamilo entre os lábios, girando a língua em torno do monte sensível. As pernas abrem à medida que a água sobe pelos quadris. Ele solta, mas o olhar em seu rosto tem um aviso de que é melhor ficar quieta.

A ameaça não faz nada além de preparar ainda mais o meu corpo. Piscinas de excitação descem entre minhas pernas. Meus dedos coçam para me tocar. Para mostrar lhe que quero.

Mas não me mexo.

Uma coisa é fantasiar, outra é convidar o perigo.

E ele disse que não faria qualquer coisa sem minha permissão. E eu confio que Gio não fará. Minha respiração fica errática quando ele corre a bucha ensaboada pelo meu corpo. O toque suave é quase demais.

Meu coração acelera assim como o tempo. E quando ele desligou a água, tudo o que posso ouvir são as batidas do meu coração e o gentil som da água pingando e ondulando.

— Você é tão linda, minha princesa. — As palavras derramam dos lábios do Gio e o elogio inesperado me desconcerta.

— Obrigada. — murmuro.





Ele segura a parte de atrás da minha cabeça e gentilmente me abaixa. Ele me massageia e esfrega afastando cada dor.

Mais. Quero mais.

Nunca tive isso. Em toda minha vida. Ninguém jamais me tratou desta forma.

Ele é gentil e leva o seu tempo comigo. Seu toque é nada além de calmante... bem, erótico talvez. Mas isso é a minha mente me pregando peças. Querendo mostrar como ele poderia me tocar. Se ao menos ele quisesse.

Uma voz assobia dentro de mim para parar com isso. Lembrar quem ele é. Lembrar quem sou.

Mas é tão gostoso. Quando ele puxa o tampão da banheira e eu sei que isso vai acabar, uma tristeza se instala em meu peito. O ar fresco é agressivo, mas ele me envolve num cobertor e me levanta em seu peito.

Estou tão cansada. E com ele ali parecia tão certo. Coloco minha cabeça na dobra de seu pescoço e adormeço em seus braços. Antes que a escuridão tome conta, juro que sinto seus lábios tocando suavemente minha testa e ouço suas palavras doces. — Durma, princesa.

Meus olhos fecham e já sei com o que sonharei. Suas mãos no meu corpo. A água estava tão boa. A pressão, o calor. Mas aquelas mãos. Meus lábios abrem e os dedos sobem até os seios, imitando seu toque, mas que não chega nem perto.

O toque macio foi inesperado e adorei. Queria mais. Sonhei com ele, me tomando.





Queria me deitar na cama e não na jaula. Sei que ele prometeu, mas gostaria que tivesse mudado de ideia.

Saí de minha memória ao ouvir Gio se aproximando. Em vez de me encolher no canto da gaiola, me inclino para a frente. Olho para o relógio e a hora acabou. A hora que ele me deu para andar livremente. Manteve-se fiel à palavra. Pensei que ele iria, mas ainda assim não deixei a gaiola, desde que me colocou aqui.

Meu coração acelera, sabendo o que planejei. Após o momento na banheira, já estou em uma guerra comigo mesma. O quero, mas o odeio. Me odeio quase tanto quanto. Esperarei pelo momento certo.

Tenho o saco e estou pronta para usá-lo. Mas não em mim.

Nele.

Já posso ver minha sanidade escorregando. Amar seu toque é um sintoma de que não estou bem. Estou caindo para as profundezas da loucura. Se eu ficar, serei despedaçada. Preciso sair, e ele não tem qualquer intenção de me deixar ir. Então não tenho escolha. O quanto queria que ele me desse banho só prova que estou quase me perdendo completamente.

Meu coração pula quando a porta sinaliza a abertura, revelando lentamente Gio. Vejo o copo na mão. E eu sei o que farei. Fico doente de pensar que posso matá-lo.

Mas preciso dar o fora aqui. Não sei o que tem além daquela porta, mas sei que se ele, pelo menos, sai, eu posso usar o dedo para sair e correr para a minha vida.

Posso ser livre.





Encaro seus lindos olhos azuis e tento não mostrar a tristeza e ignorar a culpa pesando sobre o meu peito. Não sei se vai funcionar. Mas acho que ele beberia se eu pedir. Se eu pensar que ele envenenou algo, e eu queira que prove que não fez.

Tenho que interromper o contato quando penso em quão mentirosa e manipuladora sou. Quão perversa eu sou. Esta não é a pessoa que quero ser, mas é a que ele me fez.

— Você sairá para mim, princesa? — Indaga. Eu aceno minha cabeça, mas espero na entrada da gaiola. O cobertor está ao meu lado e o saco está aberto e esperando, escondido por baixo.

— Posso beber alguma coisa? — Perguntei fracamente. Minha voz está falha e eu odeio mostrar fraqueza. Um suor frio irrompe ao longo de minha pele. Ele vai saber que estou mentindo. Meu pai sempre me disse que eu era uma mentirosa horrível. Ondas de raiva passam por mim por pensar nele. Faz muito tempo que ele esteve em minha mente.

— É claro. — Gio abaixa a bandeja e pego a caneca. É o chá. Chá quente. Perfeito. Trago para meus lábios e sopro quando Gio pega a bandeja de volta. Assim que se levanta e vira para colocar a bandeja na mesa, como sempre faz, eu capturo o saquinho e o despejo no chá.

Enfio o saquinho debaixo do cobertor rapidamente e derramo um pouco do chá da borda. Eu resmungo quando o líquido quente espirra na minha pele e deixa uma marca vermelha.





— Cuidado. — diz Gio, rapidamente volta para mim. Posso ver preocupação em sua expressão e quase me destrói.

— Você o envenenou. — eu acuso-o, mas não posso olhá-lo nos olhos. O vejo parar com minhas palavras.

— Não envenenei nada, Grace. — Ele vem lentamente até mim quando levanto a caneca. Ele não chega mais perto, e eu fico ali. Eu saio da gaiola e estendo a caneca para ele. Eu mantenho minha expressão. Não posso recuar agora. Não posso deixá-lo perceber.

— Então beba. Por favor. Beba e prove. — Olho-o nos olhos desta vez... e rezo para que ele não saiba o que estou fazendo.

Se eu for honesta, parte de mim reza que ele não beba. Mas ele a pega e coloca uma mão calmante no meu ombro. Seus dedos esfregam círculos suaves contra minha pele.

— Não envenenei nada, minha princesa. — Com essas palavras, ele leva a caneca aos lábios. Assisto em horror quando a verdade da situação me bate em cheio no peito. Se ele beber o chá, vai morrer. Matarei a única pessoa que me mostrou um pingo de respeito e ternura.

Não consigo me segurar por mais tempo.

Estendo o braço e bato na caneca. No impacto, água quente espirra contra sua pele causando queimadura. Ele grita com uma mistura de raiva e dor, quando a caneca se despedaça no chão. Olho para ela, gelada até os ossos. Meu coração retumba no peito e depois quando olho para Gio, tremo de medo.

A raiva me olha, tentando me pôr no meu lugar.





Meu coração bate uma vez e eu vejo. Ele dá um grande passo em minha direção enquanto alcanço a gaiola, meus dedos agarram as barras enquanto ele segura meu quadril.

— Não! — Eu grito de pavor. Ele vai me bater. Arranco meu corpo dele, lançando-me na gaiola. Raspando o joelho contra o metal e batendo meus braços no chão ralado. Ele agarra meu tornozelo, ainda fora da jaula e eu olho para ele, choramingando.

Seu peito está ofegante quando ele me libera e rastejo para o fundo da gaiola. Eu puxo o cobertor do canto e me cubro, como se pudesse me manter segura.

Ele ia me machucar. Ia me bater.

Eu sei que ia.

Pela primeira vez em muito tempo, não posso mais segurar e choro.

Ouço-o andando na frente da gaiola e depois ele chuta um pedaço da caneca quebrada. Meu corpo sacode ao som de esmagamento contra a parede do fundo. Não é perto de mim, mas a raiva é assustadora.

Quase o matei. Eu estava quase livre. E agora tenho que sofrer a ira do meu sequestrador.

Soluço contra o cobertor e tento ignorar todas as emoções em conflito. A culpa e a tristeza, a traição, a raiva. Não sei o que sentir.

A porta clica e apita quando Gio sai.

Passei muitos dias e noites na jaula.

Mas eu nunca me senti tão sozinha e destruída.





# Onze

## Gio

Não acredito que ela fez isso. Raiva explode dentro de mim quando eu passo para sala de estar, lentamente esperando minha mente se acalmar.

Ela nunca mostrou qualquer agressividade antes. Bater com a caneca em mim foi estranho, extremamente diferente dela. Rapidamente vou para a sala de controle e sento para observá-la na gaiola.

Posso vê-la tremendo. Não consigo ouvir nenhum barulho, mas eu sei que ela está chorando. Observo com cuidado, a raiva lentamente derretendo, substituído por curiosidade.

Então ela se move. Ela rola e olha ao redor da sala, seus olhos arregalados. Rapidamente, ela rasteja fora da gaiola, o mais rápido possível. Pega um pedaço grande da caneca quebrada e rasteja de volta para sua gaiola com ele. A peça é grande e irregular, e vejo como ela encontra um esconderijo local.





Grace volta ao posto antigo, não se mexe desta vez. Me inclino na cadeira e suspiro, balançando a cabeça. Eu sei que ela está com medo por causa da minha raiva, mas ela me conhece.

O que diabos está acontecendo com ela? Talvez seja uma parte do seu processo. Deve ser isso. Preciso ser firme e sua bunda definitivamente vai ser punida por isso.

Pensei que tínhamos algo. Alimentá-la, falar com ela, lhe dar banho... foi algo que nunca experimentei antes. Tocar a pele dessa forma e não a tomar foi mais erótico do que qualquer coisa que já conheci. Meu sangue ainda corre por ela e meu pau ainda está meio duro. Levou cada grama da minha força de vontade para não deslizar meus dedos por toda a sua pele em direção a sua bocetinha.

Mas depois há a raiva e a caneca de chá e agora isto. Não posso permitir que ela tenha esse fragmento, pois poderia fazer mal a si mesma. Estou despreocupado em me machucar com ele, porque sei que facilmente poderia desarmá-la e dominá-la se fosse necessário.

Mas não quero que ela use contra a própria pele. Poderia se matar com isso. De qualquer forma, não quero outra cicatriz em seu corpo, pelo menos não por minha causa.

Há um pequeno problema, no entanto. Não posso entrar em sua gaiola e roubar o fragmento dela. Preciso persuadi-la, ou pelo menos, convencê-la a sair da gaiola, para que eu possa ir buscá-lo. Prometi que ela estaria segura enquanto estiver lá, e estou disposto a cumprir essa promessa.





E ainda estou intrigado com o que aconteceu com o chá. Curioso, eu rebobino o vídeo no monitor à minha direita, vigiando. Volto para o momento que eu lhe dei o chá e virei.

Eu tenho que o ver duas vezes antes de perceber o que ela fez. Meu fôlego preso na garganta quando vejo: ela colocou algo no chá.

Santa merda.

Assisto o vídeo várias vezes, retardando para baixo, quadro a quadro. Com certeza, ela escorregou algo para o chá. Uma coisa que eu não notei. Algo que ela contrabandeou aqui.

Como? Por que? Não tenho a certeza. O que quer que seja, ela deve ter engolido isso antes de ser capturada. Me amaldiçoo por ser tão descuidado. Não devia ter deixado ela no banheiro sozinha. Ela poderia ter me matado facilmente. Tudo o que ela colocou no chá poderia ter sido um veneno mortal ou um sedativo forte, e se eu bebesse, estaria morto.

Descuidado, muito descuidado. Tudo porque a deixei no maldito banheiro. Se forçasse a usar o balde, isto nunca teria acontecido. Ela não teria sido capaz de ser tão sorrateira.

Raiva nasce dentro de mim, pura e forte. Eu assisto o vídeo novamente, chocado e irritado que Grace tentaria fazer uma coisa dessas depois do que aconteceu entre nós.

Mas lentamente, começo a me acalmar. Ela não me fez beber o chá. Na verdade, ela me impediu. O que quer que tenha colocado lá, ela decidiu no último segundo que não queria me machucar.

Sento e respiro fundo, me acalmando.





Isso é bom. A coisa no chá não era, mas a reação dela foi boa. Significa que ela está começando a sentir o vínculo entre nós, não sou só eu. Está começando a confiar em mim. Grace poderia ter me deixado beber o chá, mas não.

Sorrio para mim mesmo. O choque começa a se desgastar e acomodar as implicações do que realmente aconteceu.

Grace não queria me machucar. Ela queria fugir, mas quando foi fazê-lo, na verdade, ela não pôde. Minha princesa se impediu. Por alguma razão, bateu aquela xícara de chá da minha mão.

Ela é perigosa. Mas isso me excita mais do que deveria.

Levanto e resmungo, espreguiçando. Ando lentamente até a porta, não tenho certeza se ela vai escutar, mas estou esperançoso. Encosto meu polegar no teclado, fazendo com que a porta clique em abrir.

Uma vez lá dentro, fico perto da porta e a vejo. Grace está respirando lentamente, não se movendo, e sabe que estou lá. Está tentando fingir que não me nota, mas sei que faz. É perspicaz e inteligente, uma pequena atrevida esperta. Não consigo não sorrir.

Ela quase me matou. Mas no final, não poderia fazê-lo.

Agora é só uma questão de tempo antes de tê-la.

— Princesa. — digo suavemente. — Há algo que queira me contar?

Ela me olha. — Não. — diz... e parece distante.

— Princesa. — digo, me aproximando de sua gaiola. Ela não se move. — Tem certeza?





— Sim. — diz suavemente.

Suspiro e agacho na sua frente. Decido não falar que sei o que fez, com medo que isso possa ferir mais do que ajudar. Em vez disso, decido me concentrar no fragmento.

— Você tem alguma coisa. — digo.

Os olhos dela se contraem em direção aos restos da caneca e voltam para mim. — Não. — mente.

— Princesa. — digo, balançando a cabeça, desapontado. — Sei que está mentindo.

Ela está longe de mim. — Me deixa em paz.

— Não posso fazer isso. Sabe que sempre estou assistindo, mas você tentou mentir para mim mesmo assim. Por quê?

— Por favor. — diz fracamente. — Vá.

— Princesa. Se vai haver confiança entre nós, vai ter que me dizer a verdade. Você tem algo que não deveria?

Ela olha para mim, seu rosto golpeado. Quero estender a mão e tocá-la, sentir seus lábios carnudos na minha mão, ouvi-la gemer quando acaricio seu corpo.

— Sim. — diz.

— Boa garota. — digo, sorrindo. Enche-me de orgulho e calor. — Preciso que me dê.

— Deixe-me mantê-lo. — A voz é praticamente um sussurro.

— Por que? O que vai fazer com isso?

— Não sei. — ela diz.





— Você não precisa. Não quero ver outra cicatriz neste corpo perfeito.

Ela me encara. — Pode ser para você.

Sorrio para sua resposta descarada. — Ambos sabemos que não vai acontecer. — digo tranquilamente. Agacho em frente à entrada da gaiola e estendo minha mão. — Me dê, princesa.

Ela morde o lábio inferior, me encarando. — O que me dará em troca? — indaga.

Não posso evitar sorrir para ela. — Te darei o que quiser, exceto te deixar ir... — digo. — Tudo o que você precisa fazer é sair da jaula e ceder ao que ambos sabemos que quer.

Grace respira fundo. Sei que entende o que digo.

— Eu-eu não posso. — diz.

— Sim, você pode. Venha, princesa. Me dê o fragmento e então deixe-me tomar o que quero de você.

Ela hesita, mas obedece, alcança debaixo do cobertor e lentamente tira a lasca. Meu coração começa a correr no peito, batendo como louco. Sei que está perto de fazer o que ambos queremos. Praticamente já posso sentir sua boceta deliciosa, sua pele macia contra a minha. Quero afundar meu pau grosso e ouvi-la gemer finalmente a libertação profunda que ela tem sonhado há dias.

Sua mão se estende na minha direção, mas ela ainda está resistindo.

— Vamos, agora. — Sou interrompido por uma batida alta na outra sala. Pude ouvi-lo claramente pela porta do quarto





de armas ainda aberta. Resisto à tentação de olhar, mas os olhos de Grace são atraídos para o ruído, o corpo congelado.

Paro e ergo minha cabeça, esperando. Ela volta para dentro da jaula, assustada.

Ouço novamente, é alto e insistente.

— Merda. — amaldiçoo sob minha respiração. Olho para ela. — Não se mexa, eu já volto.

Grace acena e saio rapidamente do quarto. Minha mandíbula aperta e raiva corre pelas minhas veias.

Que merda! Quase a tive. Eu estava pertinho... e agora alguém interrompe. Não tenho certeza se serei capaz de continuar com ela de onde paramos. O momento foi perdido agora. E estou puto.

Chego à porta da frente e puxo-a aberta. Meu pai está lá parado, olhando irritado.

— O que é? — Questiono, zangado. Quase esqueci dele.

Ele me empurra e vai à cozinha. — Isso é jeito de me receber agora? — Diz.

— Estou ocupado. — digo, fechando a porta e sigo-o.

Meu pai se inclina e pergunta. — Fazendo o que?

— Estou fazendo progresso com a garota.

— Você não a fez se submeter ainda? — ri. — Patético.

— Ela é mais forte do que você pensa. — praticamente rosno. — O que faz aqui?

— Os Romano querem saber quando fará o trabalho.

— Pensei que você estava fazendo isso sozinho.





Ele resmunga e desvia o olhar. — As coisas não deram certo.

Suspiro buscando paciência. Isso é bem típico dele. Meu pai amansou depois de velho e fica muito animado quanto a sua pouca inteligência. Ele provavelmente ouviu alguma besteira e aceitou isso como evangelho igual um idiota.

No entanto, não cairei nessa. Levo o meu tempo e resolvo as coisas da maneira certa, como ele costumava fazer. Como ele me ensinou. Meu pai é uma pessoa diferente agora, porém, uma pessoa fraca. Ele me enoja e quase tenho pena dele.

— Eles têm que ter paciência. — digo. — Vai acontecer quando tiver que ser. E agora estou ocupado. Você me pegou em um momento ruim.

Ele xinga, mas entende a mensagem.

— Estou progredindo. — ele disse lentamente, se dirigindo à porta da frente.

— O que isso significa? — Estou frustrado e ele está sendo vago.

— Voltarei amanhã. — diz. — Há uma reunião com os Romano. Quero falar contigo antes de ir.

— Espere. — digo. — Por que não me diz de uma vez?

Ele para na porta. — Você descobrirá em breve. — Sorri e sai, fechando a porta atrás de si.

— Merda. — Amaldiçoo a mim mesmo. Fico ali me perguntado que porra tudo isso se trata. Não sei se ele está tentando me provocar ou se essa visita tinha algum propósito.





Finalmente, volto para a sala de controle e sento diante dos monitores. Grace está bem. Está enrolada no canto da gaiola que normalmente fica, sem se mover. Acho que está dormindo.

O momento se foi. Não sei como recriá-lo agora. Só terei que vigiá-la muito, muito de perto e me certificar de impedi-la, se ela decidir usar o fragmento. Pelo menos até tirá-lo dela.

Me inclino na cadeira, pensando em seu corpo, meu pai completamente esquecido.





# Doze

## Grace

É estranho. E difícil de explicar. Sinto que posso sair da gaiola. Não acho que Gio está bravo, mas ainda fico aqui. Mesmo durante os períodos de uma hora que ele me dá para perambular. Mesmo que anseie por seu toque, espero que ele venha. Ainda fico na segurança da gaiola.

Ele entrou e limpou a bagunça que fiz. Coloquei o fragmento grosso, que ele sabia que eu tinha, na entrada da gaiola e me recusei a olhá-lo nos olhos, quando pegou e jogou fora com os outros. Dei-lhe minha arma, minha esperança de fuga. Simplesmente lhe entreguei. O pior é que quando Gio varreu os cacos, me senti culpada. Foi por minha causa que a caneca estava quebrada. Eu ia machucá-lo. Estava irritado depois do que aconteceu e eu pensei que ia me machucar, mas não o fez. Poderia ter vindo para a jaula. Poderia ter quebrado a promessa. Mas não.

Não posso explicar porque me causa tanta dor.





Devo estar ferrada, doente, mas prefiro ficar aqui, apenas deixando a gaiola para viagens curtas para olhar algo ou ir ao banheiro.

Gio trouxe um cobertor grosso e eu o puxei para a gaiola. A grelha no chão machuca demais. Não aguentava mais com as barras finas cavando nas minhas pernas. Me adiantei dizendo não, mas foi como não ter dito nada.

O calor e o conforto do cobertor me fazem querer mais. Olho para a cama e quero deitar nela. Quero tomar banho novamente e sentir o conforto da água quente. Quero o seu toque suave, gentil na minha pele.

Olho para o relógio. É a única coisa que faz um som no quarto e sei que tenho tempo. Ele não virá por enquanto. É minha hora de liberdade.

Meu estômago ronca de fome. A bandeja com o jantar foi deixada aqui. Ele queria me alimentar, mas não estava com fome, então deixou lá.

Eu deveria comer. Quando como a dor vai embora. Isso me leva em um sono profundo e por um momento, estou melhor. Mesmo quando acordar, eu estarei bem.

Mas a doença retorna ao meu estômago. Gio deixou o remédio na minha bandeja, mas não tomei.

Devo ter um desejo de morte.

Nem sei quanto tempo estou aqui. Não tenho nenhum plano de fuga e não vejo qualquer maneira de sair daqui.

Talvez devesse desistir.





Fecho os olhos e lembro-me das suas mãos em mim. A sensação do seu músculo duro contra meu corpo.

Ele me ofereceu segurança, que é uma coisa que nunca tive em toda minha vida.

Sei o que quer. E eu quero.

Não sei quanto tempo mais posso lutar contra isso. Este desejo de deixá-lo me ter e ver onde isso nos leva. Ele vai me fazer ficar aqui para sempre? Não acho que ele vá.

Devia perguntar. Ele não mentiu. E acho que me diria a verdade. Ele não me escondeu nada. Mas dificilmente lhe perguntei algo.

Uma pequena risada maligna sopra dos meus lábios e parece loucura aos meus ouvidos, mas não me importo.

Meu pai queria que eu fizesse perguntas, que escutasse. Que maldito idiota. Os Romano nem mesmo me têm. Se ele soubesse onde eu estou, ficaria furioso. Ele desperdiçou um peão.

Meus ombros tremem ligeiramente com uma risada e um sorriso toca meus lábios. Isso não deveria encher meu peito de calor, mas faz.

Ele me usou e não ganhou nada com isso. E não tem ideia de onde estou.

A percepção tira um peso dos meus ombros e eu relaxo no cobertor grosso. Ele não viria por mim. Isso nunca foi tão verdadeiro em toda minha vida.

Abro meus olhos e encaro fixamente a parede, o sorriso escorregando, mas que vida é essa que eu tenho.

Sento e olho para o relógio e o quadro-negro.





Pedi música para Gio, mas não me trouxe. Não tenho nada. A realidade é que estou desperdiçando meu tempo e minha vida.

Nem sei o que faria se saísse daqui. Eu correria. Mas quando pararia? E para onde iria?

Me lembro de uma foto que minha mãe tinha no quarto dela. Era a família dela. Minha avó e meu avô. Nunca os conheci, mas a foto era de quando minha mãe era uma menina. Eles estavam nas praias da França. Eu adoraria isso.

Adoraria ir lá. Com nada além de ouvir as ondas e fingir que eu vivi naquela época. Que eu poderia ter compartilhado isso com eles.

É para onde eu correria. Bem longe. Vejo o giz ao lado do quadro e meu corpo se agita.

Preciso anotar para não esquecer. Felicidade é algo raro para mim, mas eu tenho agora. Não posso perder.

Olho para a hora e sei que estou segura. Não tenho que correr, não sinto qualquer ansiedade. Até me espreguiço e deixo escapar um bocejo que me assusta. É bom mudar. Ando quase diretamente ao quadro, mas então me lembro que ele colocou roupas no armário. Elas estavam lá só para me tentar, então ignorei. Mas agora... quero vê-las. Quero senti-las.

Há apenas três cabides de plástico e três vestidos simples. Um preto de seda com renda. A textura é tão macia e suave. Seda sempre pareceu assim? É tão luxuoso. Olho as outras duas peças. Uma camisola vermelha curta e uma na cor





creme quase idêntica. São bonitas, mas o vestido preto... está me chamando.

A suavidade e conforto por baixo, com os detalhes intrincados e textura áspera visível. Sinto que preciso dele. Não o visto, sabendo que usarei o giz. Não quero sujar o vestido.

O coloco na gaiola, me perguntando se irei usá-lo e rapidamente pego a lousa. É difícil de carregar devido ao seu tamanho, mas a gaiola é larga, é fácil escorar o quadro e sento no estilo indiano na frente dele. Sou cuidadosa para desenhar ao redor dos números que Gio escreveu.

Deito o pedaço de giz plano e faço uma onda e depois outra. Então faço camadas e uso minha unha para adicionar detalhes nas ondas. Quero que pareça que o oceano está se afastando.

Como se viessem com a corrente, mas já estivessem voltando para o fundo. Se misturando umas com as outras. Mas neste momento, elas são diferentes.

Olho fixamente para o esboço que de alguma forma tem textura, embora eu só tenho um pedaço de giz. Uma cor para trabalhar.

Eu quero mais. Preciso de mais. Não consigo desenhá-lo como deve ser.

Poderia pedir, mas não quero. Não quero ter de implorar para ele por nada. *Exceto para me possuir*

A escuridão me faz deixar cair o pedaço de giz. Meu coração bate com mais força no peito.





Só sei de duas coisas neste momento. Duas verdades são extremamente claras para mim.

Eu preciso sair daqui... e isso começa com sair desta gaiola.





# Treze

## Gio

Passo a maior parte do dia assistindo Grace desenhar.

Em primeiro lugar, não sabia o que estava fazendo quando ela foi à lousa. Achei que poderia tentar escrever alguma mensagem nela e deixar na janela ou talvez ela quebrasse em pedaços e os usasse para alguma coisa.

Mas quando começou a desenhar, fiquei paralisado.

Assisto todos os movimentos de seu corpo. É linda a maneira que desenha em movimentos rápidos e curtos, sombreando e esboçando. Não me surpreende que ela saiba desenhar tão bem. Tudo que ela faz é impressionante e isso é só mais uma coisa que me faz acreditar como é especial.

Primeiro, tenho que descobrir o que ela está esboçando. Não parece muito, e acho que talvez sejam apenas rabiscos.... Até que começa a esboçar paisagens do mundo exterior. A pego olhando para as paredes, provavelmente imaginando o que o mundo é fora de sua prisão.





Sorrio para mim mesmo. Rig vem aos meus pés e o alcanço para acariciar sua cabeça. Espero poder deixá-la ir lá fora um dia, talvez deixe que lance a bola para Rig na minha propriedade. Aposto que adoraria lá fora, e tenho tanta terra. Podíamos pegar trilhas de bicicleta ou andar a cavalo ou ir pescar, se for algo que ela gosta. Ou talvez ela seja mais do tipo piqueniques e vinho.

Rio sozinho. Percebi que estava sonhando em levá-la para um encontro na minha propriedade.

Que tolo estou me tornando. Talvez esteja amolecendo por ela.

A vejo desenhar por mais uma hora. Estou completamente feliz e satisfeito apenas me maravilhando com seu corpo e sua beleza quando há uma batida na porta da frente.

Isso me traz de volta à realidade. Me lembro de meu pai dizendo que voltaria hoje e uma raiva queima na boca do estômago.

— Fique. — eu murmuro para Rig antes de deixar a sala de controle. Fecho a porta e então deixo meu pai entrar. Ele vai direto para a cozinha, como sempre, sem sequer se preocupar em dizer olá.

O arrogante está me dando nos nervos.

Ele precisa mostrar algum respeito.

Eu o sigo. Ele senta à mesa desta vez, apoia uma perna na outra.

— Você voltou. — Eu disse.

— Como disse que seria.





Ele parece irritado e agitado. — O que está acontecendo? Você mencionou uma maldita reunião.

— Sim. — resmunga. — Temos que dar algo aos Romano.

— Bem, dê-lhes o que você tem. Desde que você está cuidando disso.

Meu pai me olha. — Não consigo chegar ao alvo e você sabe disso.

— Não consegue? — Finjo surpresa.

— Não me provoque. — adverte.

Eu agarro minha mandíbula. — Bem. O que vai dizer?

— Como eu disse, não consigo chegar a Toni. Os fodidos dos Rossi sabem, não sei como.

— Diga-lhes isso. Precisamos de mais tempo.

— Tenho uma outra maneira.

Inclino minha cabeça para ele, já não gostando para onde isso vai. — O que é?

— Mãe de Toni.

Olho para ele por um segundo. — A velha. O que tem ela? — Peço, mas já sei a resposta.

— Se eu a matar, vai atrair a atenção para os Rossi. Eles serão tirados da jogada.

Tenho as mãos em punhos para manter meu pé longe da garganta dele. Meu pai sabe que odeio envolver mulheres, especialmente matá-las. Com Grace é bastante ruim, e eu queria que não tivesse que colocá-la em tudo isso. Mas não suporto envolver outra mulher.





— Não. — digo.

— Não? — Ri. — Você age como se houvesse uma maneira melhor.

— Paciência. — eu digo. — Essa é a melhor maneira e sabe disso. Essa merda de usar a mãe é apenas isso, besteira. Você não sabe o que vai acontecer, uma vez que ela estiver morta, isso pode ficar muito ruim. Precisamos planejar para não acabar dando merda.

— É o melhor que temos. — diz, levantando. — Além disso, ela é velha pra caralho. Qual é o problema? — Ele parece irritado, mas não estou nem aí. Quero que venha, vai me dar uma desculpa para enchê-lo de porrada. Vai me dar uma desculpa para machucá-lo pela forma como ele me ferrou quando eu era criança, me deixando com esta escuridão faminta dentro de mim.

— Existem linhas que não devem ser ultrapassadas. — digo tranquilamente.

Meu pai resmunga e finalmente abaixa o olhar. — E a menina? — indaga.

Balanço a cabeça. — Estou perto, mas ainda não.

— Deixe-me vê-la.

— Não. — digo.

— Gio. — Chega mais perto de mim, de repente acalma. — Preciso dar algo aos Romano. Deixe-me ver a garota, de modo que posso relatar.

Olho para ele por um segundo e finalmente aceno. — Só pelos monitores e apenas desta vez.

— Está bem.





Levo-o pelo corredor e para a sala de controle. Rig rosna para meu pai, mas o mando embora com um aceno de minha mão. Rig lentamente sai da sala e meu pai olha para mim.

— Esse cão é um idiota. — diz.

— Rig só não gosta de idiotas. — Aceno para os monitores. — Ela está ali.

Ele se aproxima e fica ao meu lado e ambos olhamos para Grace pelo monitor.

Não consigo não sorrir com orgulho. Ela está em sua gaiola, ainda desenhando na lousa, uma bela e realista paisagem em detalhes. Ela parece totalmente absorvida e linda, seu rosto angelical envolvido em sua tarefa. Adoro o jeito que desenha e o conteúdo que ela parece, envolta apenas em seu cobertor arranhado.

Vê-la assim, me dá uma ideia. Preciso lhe dar alguns materiais de arte. Pincéis, óleos, telas, toda essa merda. Ela vai adorar. Sorrio enorme. Vai trazê-la para fora da gaiola. Ela só precisa se expressar.

— O que é esta merda?

Eu volto à realidade. Meu pai está debruçado sobre o monitor, os olhos em Grace.

— Ela está numa jaula. — digo.

— Estou vendo. Quero dizer o desenho.

— Ela está desenhando. — digo.

— Como diabos é que isso vai ajudar a fazê-la se render? — Exige, de pé e olhando para mim.

— Saia. — digo suavemente.





Ele abre a boca para argumentar, mas deve ver que estou segurando minha raiva. Silenciosamente, sai da sala e volta para a cozinha.

Fico lá e deixo a raiva passar. Se ele tivesse feito alguma coisa eu ia soca-lo até a morte. Eu sei no fundo do meu coração. Não conseguiria parar. O imbecil provavelmente pensou que eu bateria em Grace até a morte, torturando minha princesa até ela fazer o que eu queria que ela fizesse. Que porra doentia.

Ou talvez eu seja o doente para fazer o que estou fazendo. Talvez querendo cuidar dela enquanto quero fazê-la minha seja ainda pior. Especialmente quando eu tenho que devolvê-la.

Puxo uma respiração calmante. Não, não sou como ele... e nunca serei.

Sigo de volta para a cozinha. Ele está de pé contra o balcão, os braços cruzados.

— Ela está doente. — digo.

— O que é?

— Não sei.

— Não a deixe morrer. — Ele olha para mim.

— Não me diga. — digo. — Sei disso.

— Precisamos dela mais do que nunca. Precisamos dela para ser a escrava sexual perfeita no final do presente.

A raiva volta com força total, mas ignoro-a. — Entendido.

— Não. — Ele para na minha frente. — Isto tudo está desmoronando. No mínimo, precisamos dar essa vagabunda da máfia aos Romano como um presente, se não conseguirmos o





Toni ou se algo der errado. Se você não puder conseguir informações dela, pelo menos, faça-a um presente útil. — cerro os dentes. Não gosto do jeito que ele está falando. Não gosto de pensar sobre devolvê-la também. Agora não é hora. Resmungo, olhando por cima de seu ombro, a bandeja sobre o balcão. — Entendido. — digo, mas a ideia de Grace, trabalhando como uma escrava sexual para os Romano faz meu estômago revirar.

Há um curto silêncio entre nós. Finalmente, meu pai balança a cabeça e suspira. — Vamos. — diz.

— O quê?

— Venha para reunião comigo.

— Pensei que queria lidar exclusivamente com eles.

— Estou cansado de ser um maldito intermediário, principalmente quando você continua a dar más notícias.

O encaro por um segundo. Não quero ir a esta reunião e deixar Grace. Mas não confio nele para ser meu porta-voz lá. Se houver algo que eu possa fazer para protegê-la, é melhor ir.

Tenho que confiar nela. Não tenho outra escolha.

— Tudo bem. — digo. — Vamos.

Sigo meu pai até a porta da frente. Grace vai ficar bem. Ela não quer me decepcionar.

Nós vamos em carros separados para a reunião. Não quero trazê-lo para minha casa depois que acabar e ele não parece se incomodar de qualquer maneira. Quanto menos falar com ele neste momento, melhor.

O encontro com os Romano é num restaurante na periferia da cidade. Isso não me surpreende, já que duvido que





iriam querer trazer alguns forasteiros como nós para sua sede. Aposto que isso está acabando com meu pai, no entanto. Quero zombar dele, lhe dizer, *viu só? É assim que eles nos tratam, você nunca será um deles*, mas é inútil e infantil e não me levará a nada. Não acreditará e sempre terá esperança.

Preciso pensar no meu pai. Não posso vencer apenas encarando e xingando-o. Sei que estive muito ocupado com Grace para me focar totalmente no acerto, mas não posso evitar. Agora preciso descobrir uma maneira de impedir meu pai de continuar com seu plano terrível.

Marco levanta do seu lugar em uma mesa de canto e fica com os ombros retos à medida que nos aproximamos. O restaurante está cheio com os habitantes locais e clientes habituais, mas realmente está mostrando sua idade. Os tampos de mesa laminados estão começando a descascar e os assentos de couro têm buracos e cortes neles. O chão parece que está coberto por uma camada permanente de sujeira e graxa. Eu suspeito que este lugar não está aberto porque ele é um bom negócio, mas porque é apenas outra fachada dos Romano.

— Bem-vindos. — diz Marco, apertando primeiro a mão do meu pai e então a minha. — Fico feliz que vocês estejam aqui. — É um aperto de mão firme, mas mera formalidade.

— É bom te ver, Marco. — diz o meu pai.

Eu apenas aceno, não querendo me rebaixar puxando o seu saco.

— Sentem-se.— ele diz. Meu pai entra na cabine e sento ao seu lado. Marco se inclina para nós, sua mão dobrada na





frente dele, aquele sorriso nojento no rosto. — Então, meus homens favoritos. Como estão as coisas?

— Bem, como sempre. — meu pai diz.

Marco me olha. — Como está aquele pequeno presente que te dei para treinar?

Odeio esse sorriso doentio. — Ela está bem. — digo. Meu coração parece parar e meu sangue gela.

Marco ri alto. — Bem? — Ele balança a cabeça com descrença. — Essa menina é mais do que ok, Gio. Ela é uma deusa. Teve sorte com esta.

— Sim. — resmungo.

— Fez algum progresso? Gostaria de ver.

Não respondo imediatamente. Não quero que ele veja. Eu sei que preciso, mas não quero admitir.

— Ela tem alguma informação sobre os Rossi? — Questiona.

Olho para ele e balanço a cabeça uma vez. — Não, ela não sabe de nada. — Eu nunca perguntei. A julgar pela forma como seu pai a tratava, Grace não tem a mínima ideia sobre as coisas do pai e não quero usá-la também.

— Portanto, qualquer informação nessa frente? — indaga e sei que ele está falando do Rossi, sobre o acerto.

— Ainda não. Nós ainda estamos vendo locais potenciais.

— Então gasta todo seu tempo com a escrava? Era para ela ser uma recompensa, não uma distração.

Minhas mãos ficam em punhos ao meu lado. — Sei disso.





— Quero progresso da próxima vez. Quero ouvir que você fez progressos com ela e a garota não é demais para você lidar. — Marco me olha nos olhos e tenho que manter meu maxilar apertado firme antes de dizer algo que vai me matar.

— Na verdade, falávamos sobre a escrava dos Rossi. Vamos precisar ver como ela está muito em breve. — Um sorriso doentio em seus lábios. — Talvez um pequeno vídeo? Seu pai nos contou sobre as fitas. — Viro para olhar para o meu pai, que cobra fodida. Não consegue manter a boca fechada.

— Somos muito gratos pela oportunidade. — meu pai diz rapidamente, chorão da porra. — Gio aqui está realmente dedicado a menina. Certo, Gio?

— É claro. — digo.

— Não excessivamente, espero. — diz Marco. — Você tem um trabalho mais importante a fazer.

Este é o momento, então. Quase posso sentir meu pai pronto para falar sobre seu plano, pronto para arriscar e convencer esses imbecis impacientes dos Romano que matar uma velhinha vai resolver alguma coisa.

Não posso deixá-lo ter este momento. — Tenho uma ideia sobre isso. — digo rapidamente.

Meu pai me olha, surpreso. Marco sorri. — Continue. — diz.

— Toni está bem protegido. — digo devagar, a ideia se formando conforme exponho. — É claramente o próximo na linha de sucessão ao trono dos Rossi e o poder dele está aumentando a cada dia, mas e se nós não o matarmos?





— Matá-lo é o trabalho. — diz o meu pai.

Levanto uma mão para ele. — Espere e ouça-me.

— Tudo bem. — diz Marco. — O que está pensando?

— Há outro homem da família Rossi que é tão importante quanto Toni.

Reconhecimento faísca no rosto de Marco. — O Don. — diz ele.

— O Don. — concordo. Visões das cicatrizes de Grace passam diante dos meus olhos. *Sim, o Don.* Matarei aquele desgraçado. E farei isso lentamente por ela se eu puder.

— Ele é fraco. — diz o meu pai. — Ele está para sair.

— Talvez. — digo. — Mas ele ainda é o Don. Acho que nós podemos consegui-lo mais facilmente.

Meu pai está claramente frustrado, mal pode conter sua raiva. Por mim tudo bem, ele é que queria jogar esses jogos estúpidos.

Não havia como realmente matarmos o Don agora. É possível, é claro, mas não como as coisas estão atualmente. Isso foi mais para ganhar tempo dos Romano para descobrir coisas e planejar um acerto sólido.

Além disso, no que me diz respeito, o Don já está morto. Talvez não hoje nem amanhã, mas sua morte está próxima e eu serei aquele de pé sobre ele segurando uma arma quente por tudo o que fez com a minha Princesa. Se Marco decidir trocar o alvo para o Don, então será como matar dois coelhos com uma cajadada só.

— Muito interessante. — diz Marco.





— Podemos pegá-lo. — digo. — Ele sai com sua segurança, mas ele ainda sai. Toni nunca vai a lugar algum. Se o Don estiver em campo aberto, posso pegá-lo.

— Ele tem guardas. — diz o meu pai. — Isso é uma missão suicida.

— Não para um atirador de elite altamente qualificado. — digo, encarando-o em desafio.

Posso ver a fúria em seu rosto, mas ele rapidamente fica sob controle.

— Tudo Ok entre vocês dois? — Marco pergunta casualmente.

— Tudo ótimo. — meu pai diz, olhando de volta para Marco. — Tenho um plano diferente.

— Não. — diz Marco, interrompendo-o. — Isso é bom. Eu gostei. Adoraria ver o Don morto. Toni terá que aparecer para assumir os deveres de família Rossi se o Don for riscado e então podemos pegá-lo, também.

— É verdade. — digo, incentivando sua linha de raciocínio.

— Bom. — diz Marco, acenando. — Muito bom. Levarei isso para o meu Don, mas sei que ficará satisfeito. — Marco levanta e desliza para fora da cabine. Levanto seguido pelo meu pai. — Bruno, entrarei em contato em breve.

Marco aperta a mão do meu pai. — Obrigado, Marco. — meu pai diz.





Marco me olha. — E você, bom trabalho hoje. — diz. Ele aperta minha mão. — Aproveite a garota enquanto pode. E não demore muito.

Olho de volta e balanço a cabeça, mas não digo uma palavra. Não confio em mim para falar.

Marco libera minha mão. Sigo o meu pai de volta até o estacionamento. Minha mente está fervendo de raiva daquele idiota do Marco, mas meu pai de repente vira para mim.

— Que porra foi aquela? — indaga.

Não paro de andar. — Uma alternativa para o seu péssimo plano. — digo.

— Nós não falamos sobre isso. Você não queria matar qualquer um deles e agora quer ir atrás do Don? — Ouço a inveja e raiva em sua voz.

— Sim. — digo.

— Você vai se matar. — meu pai chama atrás de mim enquanto me afasto.

— Duvido. — digo baixinho para mim mesmo. Subo em minha caminhonete, ligo e saio do estacionamento.

Já estou pensando na minha princesa enquanto me apresso para voltar para casa com ela. *Não demore muito.* As palavras de Marco ecoam na minha cabeça. Preciso acelerar as coisas com ela. Bato meu punho no volante e amaldiçoo. Odeio que eles tenham alguma coisa a ver com ela. Mas se querem ver alguma coisa, posso conseguir. Não posso permitir que a levem de mim.





# Quatorze

## Grace

Estou debatendo sobre sair da gaiola. Estive pensando nisso. Imaginando o que ele faria se entrar e eu estiver sentada na cama. Não sei como ele reagiria.

Claro, ele provavelmente saberia que eu estava lá antes de vir. Sei que me assiste. Mas o que faria?

Ele parece gentil e terno, embora eu saiba que está mantendo uma parte de si escondido de mim. Olho fixamente para os lençóis brancos na cama. São perfeitos. Nenhum de nós sentou na cama desde que ele a trouxe e cobriu com os lençóis.

Me pergunto o que ele pensaria, se eu estiver ali deitada, esperando por ele.

Meu olhar volta para a porta quando ouço o bip, o coração trovejando alto. A testa franze quando ele empurra um rack de TV. Ele está envolto em uma grande caixa de plástico, então nenhum dos botões pode ser tocado.

Eu sento e me inclino, meus dedos agarrando as barras.





Gio não me aborda, o que é estranho. Ele sempre fala comigo.

Meu coração dói de pensar que fiz alguma coisa errada. Não gosto que esteja agindo de forma diferente.

— Gio? — O chamo inconscientemente.

Ele para o rack assim que fica de frente para gaiola. Olhando para mim. A tela preta não mostra nada.

— Sim? — indaga. Sua voz é fria. ... falta o lado dele que aprendi a esperar. O desejo. Algo está diferente. Algo mudou e não sei o que é, mas não me agrada. Isso faz o medo subir dentro de mim.

Balanço a cabeça e me encolho de volta na jaula. Procuro meu cobertor e me cubro.

Gio me olha e seus olhos refletem tristeza.

Quero saber o que aconteceu, minha mente fica louca pensando o que está nessa tv. O que vai me mostrar. Poderia ser meu pai, meu tio. Talvez eles sendo torturados. Não faço ideia... e a ansiedade de não saber preenche meu sangue.

Meu instinto é correr para Gio. Para lhe pedir que me abrace, se for machucar. Isso vai me fazer sentir melhor. Eu sei que ele pode aliviar a dor.

Antes que possa lhe perguntar qualquer coisa ou me mover, ele me deixa sozinha no quarto. A tv está em branco e não entendo, mas ele volta instantaneamente com um grande saco plástico preto.

Sento e espero ele me dizer o que é.

— Tenho um presente para você, princesa.





Meus olhos arregalam, voando para o saco e depois voltando para seu rosto bonito.

Ele sorri docemente, a dica da mudança fora substituída pelo homem que estou acostumada. Rastejo lentamente até a entrada da gaiola e quase saio.

Mas antes, paro.

— O seu desenho é lindo. — Eu olho para trás para a lousa que ocupa muito espaço aqui. Pensei que ele ficaria furioso. A ideia de que ele poderia tirá-lo de mim também passou pela minha cabeça. Então mantive isso aqui.

— Você gostou? — Questiono suavemente.

Ele vem à gaiola e agacha na minha frente, balançando a cabeça. — Muito. — suas palavras quentes no meu peito. — Tenho mais material. O que precisar, Princesa.

Meu coração incha. E tento conter a emoção, sabendo que algo está errado comigo, mesmo me sentindo remotamente feliz com Gio e seus elogios, mas ignoro e mantenho os bons sentimentos.

Ele estica a mão e espera, sabendo o que quer, inclino-me e deixo meu queixo na sua mão. Ele corre o polegar áspero sobre meus lábios e meus olhos se abrem facilmente.

Meu coração acelera. Me *beije.*

Espero por seu toque, mas ele não se mexe. Me aproximo mais dele, mas ainda assim, ele não me recompensa.

— Terá que me implorar, Princesa, lembre-se.





Meus olhos se arregalam e por um momento, estou chocada. Ele está me negando? Ele faz isso e por alguma razão isso me irrita.

Corro de volta para a jaula e resisto à tentação de fazer beicinho como uma criança petulante. O que há de errado comigo?

Antes de poder pensar nisso, ele solta uma risada áspera e clica na tv antes de me deixar sozinha novamente, com o sinal suave e clique da porta.

O som enche o quarto e é ruidoso. Então, muito alto. Faz muito tempo que ouço música. Viro para a tela, não porque as imagens são pequenas, mas simplesmente não entendo.

Não reconheço as pessoas e obviamente é um filme.

Levo um momento para entender, mas quando faço, minhas mãos enroladas em punhos e raiva me consome. Olho fixamente para a porta, esperando que ele volte.

É a porra de um pornô.





# Quinze

## Gio

Não posso evitar sorrir para mim mesmo enquanto excitação corre em minhas veias. Vejo seu olhar para a televisão através de meus monitores, e o rosto dela é perfeito. Ela está arrebatada, zangada, confusa e claramente excitada com o que está vendo.

A ideia surgiu enquanto voltava da reunião com os Romano. Precisava de algo para acelerar o processo, mas até agora tudo o que tentei foi interrompido e arruinou ou falhou miseravelmente. Eu precisava de algo que a forçasse a confrontar seus sentimentos por mim. Algo que a deixasse molhada à ponto que ela simplesmente não poderia resistir mais.

Tudo se encaixou bem rápido depois disso. Tenho uma TV antiga, cobri em uma embalagem plástica, soldei o botão de energia, liguei uma bateria de carro a ele e transmiti tanto pornô pesado quanto foi possível. Removi os botões de volume e botões





de entrada, então não havia como ela desligá-lo ou alterá-lo. Grace está presa assistindo o que eu quiser que ela veja.

Os olhos dela estão arregalados enquanto ela assiste ao vídeo. Passando na tela, uma puta seminua em uma roupa de colegial desce sobre um pau grosso. É sujo, desagradável, e a menina geme quando ela faz garganta profunda no pau do cara.

É meio difícil imaginar exatamente como minha princesa iria me chupar. Seus lábios são cheios e lindos e eu podia ver a puta com tesão nela implorando para ser solta. Sei que ela levaria meu pau grosso em sua garganta, engasgaria com ele, iria gemer, mas continuaria a chupá-lo. Sei que minha princesa vai trabalhar duro para mim quando finalmente ceder.

De repente, ela rasteja até a entrada da gaiola. Olha para o relógio e quase posso ver seu raciocínio. *Você tem uma hora, princesa,* penso comigo, sorrindo.

Rapidamente sai da jaula. Vejo como vai para a TV e tenta desligá-la. Ela aperta o botão e tenta o volume, os canais, as entradas, mas nada funciona. Meu sorriso é enorme, orgulhoso de mim mesmo com toda essa montagem. A pornografia continua passando.

Frustrada, bate na TV e então estremece de dor, agitando a mão e olhando o aparelho como seu inimigo. Uma risada áspera sobe pela minha garganta. Ela está chateada. Estou feliz que ela finalmente saiu da gaiola e está fazendo algo que não seja de mau humor. Aparentemente, tudo que precisava era um pouco pornô hardcore para empurrá-la ao limite.





Me inclino para trás e a vejo por alguns minutos. Ela continua a olhar para a TV, tentando descobrir uma maneira de desligá-la. Posso dizer que está considerando quebrá-la, mas hesita. Ela provavelmente está se perguntando o que eu faria se quebrar.

Eu limparia a bagunça e colocaria uma parafusada à parede. Alto suficiente para que ela não possa alcançar. Sorrio para mim mesmo. *Não faça isso, princesa. Isso só vai ficar mais difícil para você.*

Posso ver a frustração no rosto dela, mas também outra coisa. Olho qual filme está passando no momento. A garota com o uniforme tem a boceta comida por trás. Ela balança o rabo, balançando os quadris contra o cara, seu rosto uma máscara de êxtase. Olho para Grace e vejo sua reação.

Ela está encarando a televisão. Não consigo realmente ler sua expressão, no entanto. Ela está claramente fascinada e não consegue desviar o olhar. Lentamente, ela morde o lábio inferior, e me vem um sorriso.

Ela está toda molhada agora. Posso sentir seu cheiro da minha sala. Ela olha para longe, mas sei que está pensando em como seria bom se me deixasse lhe dar o prazer que realmente anseia. Ela está, praticamente, trêmula, tremendo pelo meu toque. *Me implore, princesa.* Eu sei que vai. Ela vai precisar.

Levanto, meu pau duro e me afasto rapidamente dos monitores. Não posso ir lá ainda e sei que se continuar assistindo, não conseguirei me controlar. Quero ir lá, agarra-la e pressioná-la contra a parede. Ela não resistirá quando eu colocar





os braços atrás de suas costas e comer sua boceta apertada, lisa por trás. Porra, eu posso sentir o pré-sêmen vazando do meu pau. Tenho sonhado em fazê-la minha. Este é o melhor trabalho.

Ando até minha cozinha e me inclino contra o balcão, respirando fundo. Limpo minha mente de qualquer imagem dela. Rig entra e acaricio sua cabeça por um segundo, até que finalmente passa o desejo.

Abro os olhos novamente e expiro. Assim está melhor. Tenho que me manter sob controle. Ela tem um pouco de tempo para si mesma.

Vou à mesa e verifico seus remédios. Ela está tomando, e posso dizer que já está se sentindo melhor. Não tenho certeza porque ela ficou doente em primeiro lugar e tenho que saber se foi por causa de algo que lhe dei. Odeio pensar que a deixei doente. Espero muito que ela não acredite nisso.

Tentei lhe dar o que ela precisa. Ela é uma prisioneira, mas é tratada melhor do que qualquer prisioneiro poderia esperar. Ela tem seu próprio banheiro e banheira e pode tomar banho durante o seu horário privado. Tem muita comida, e às vezes comida deliciosa. Tem coisas para manter sua mente ocupada se decidir sair da gaiola.

Balanço a cabeça, tentando não focar nisto. Que tenha causado a doença dela, mas resolverei. Estou fazendo o certo.

Acaricio Rig novamente então desço ao porão. As tábuas de madeira rangem sob meus pés e puxo o interruptor de luz na parte inferior da escada. O quarto está meio acabado, e há outro banco de monitores de vídeo contra uma parede, embora menor





do que o lá em cima. Esta é a minha estação de monitoramento secundário, e é dedicado exclusivamente ao tio de Grace.

Percorro as imagens, pulando os vídeos até chegar a algo interessante. Toni é surpreendentemente rigoroso em sua rotina diária, e ele nunca, nunca me dá uma abertura. Se ele estiver em campo aberto, acontece tarde da noite ou em um momento aleatório durante o dia, e nunca dura mais do que alguns minutos. Ele é um homem muito cuidadoso, e tenho que admitir que estou impressionado.

Mas torna-se muito, muito difícil. Agora que minha princesa está se tornando minha, eu preciso avançar com o meu plano. É improvável que eu realmente vá matar o Don, e então preciso encontrar um ponto fraco em Toni logo. Preciso explorar essa fraqueza e matá-lo.

O tempo passa enquanto assisto os vídeos, um atrás do outro. Nada de mais aparece como sempre.

Quando finalmente olho o horário, fico surpreso no momento. Faz pelo menos duas horas que estou aqui, o que significa que Grace estava sozinha no quarto por muito mais tempo do que pretendia. Termino rapidamente e deixo os monitores para continuar a gravar antes de voltar lá para cima, Rig nos meus calcanhares.

— Fique aqui. — murmuro quando entro para ver Grace. Fecho a porta e puxo os feeds de vídeo.

Ela está deitada na gaiola, encarando a televisão. Olho para minha transmissão de pornografia, e é um vídeo de uma





mulher cavalgando um cara, seus quadris quicando mais e mais. Olho de volta para Grace e dou zoom sobre ela.

Respiro fundo quando olho atentamente para seu rosto. Seus lábios se abrem com prazer, sua respiração está afiada e curta. Olho para baixo e percebo que sua mão está entre as pernas trabalhando em movimentos furiosos.

Diminuo o zoom e olho. Minha princesa se toca enquanto assiste pornô. Ela finalmente não aguenta mais. Suas pernas estão abertas e encaro sua boceta enquanto seus dedos deslizam dentro e fora de si mesma, a cabeça jogada para trás, altos gemidos escapando de seus lábios. Ela está descobrindo-se para mim. Sabe que estou assistindo.

Meu pau está duro pra caralho e estou chateado. Ela não tem permissão de gozar sem mim, de jeito nenhum. Estou de pé, balançando a cabeça. Não há absolutamente maneira alguma que eu vá deixá-la se tocar, não sem mim, pelo menos. Se ela vai ter algum prazer, vai ser porque eu digo que ela pode tê-lo.

A fodida garota safada. Aposto que está pensando em mim, neste momento, seus dois dedos deslizando dentro e fora de sua boceta apertada e lisa. Estou com raiva que ela se atreva a tocar-se sem mim, mas também estou tão excitado. Meu pau é rocha pura, empurrando contra meu jeans.

Só há uma coisa a fazer.

Me dirijo à porta de seu quarto, com a intenção de fazê-la me dar o que quero.





# Dezesseis

## Grace

Nunca estive tão excitada em toda minha vida. Não sou inocente. Já assisti pornô antes. Os mesmos passando na TV agora. Me senti uma pervertida, envergonhada até. Mas agora...

Meus dedos percorrem meus lados, meus mamilos endurecem. Eu escovo suavemente sobre eles. A sensação de formigamento está diretamente ligada ao meu clitóris latejante. Minha cabeça se apoia contra a gaiola.

Estive ouvindo gemidos por horas. Os sons de tapas de um homem empurrando seus quadris contra a bunda de uma mulher enchem meus ouvidos. Não consigo lidar com isso.

Neste ponto, nem consigo desviar o olhar.

Minha buceta pulsa com necessidade.

Não consigo me controlar. Minha cabeça bate enquanto meus dedos circulam meu clitóris. Preciso disso. Preciso da liberação. Gemo enquanto meu corpo aquece. Preciso de mais.





Nem consigo respirar direito. Me movo, deitando de costas e deixando minhas pernas abertas, me expondo. A parte interna das minhas coxas estão molhadas por minha excitação. Meus seios estão duros e aperto com a mão esquerda, para adicionar a sensação um ligeiro toque de dor.

Belisco meu mamilo enquanto a mulher na tela atinge o seu clímax. Eu também preciso disso. Por favor. Puxo de volta e amo a picada afiada do meu próprio toque. Minhas pernas tremem e estou perto. Tão perto. Arqueio minhas costas, mas antes que possa atingir alegremente meu orgasmo, ouço o sinal da fechadura e a porta é escancarada.

Meus movimentos param e a onda prazer queimando cada centímetro da minha pele se dissipa. Quase quero chorar a perda, embora a visão de Gio vale a pena.

Parece irritado e não consigo segurar o sorriso que desponta em meus lábios. Seu peito sobe e desce, enquanto seus olhos se movem entre minha buceta brilhante e meu rosto.

Acaricio uma vez o meu clitóris e gemo com a doce sensação de prazer.

— Grace. — ele diz em voz baixa, vindo a mim em passos lentos e deliberados. — Você pode fazer melhor que isso.

Quase ri dele. Se ele pensou que eu imploraria, pensou errado. Ficarei nesta maldita jaula e me darei orgasmos até ficar mole e dormente. Incapaz de me mover e encharcada de meu próprio gozo.





Acaricio meu clitóris novamente e a nítida sensação dispara pelas pernas, estendendo-as e fazendo meu pescoço arquear.

— Grace! — Grita... e o tom áspero de sua voz só me faz querer provocá-lo mais. Para irritá-lo. Para fazê-lo me punir.

Um gemido áspero é arrancado da minha garganta ao pensar nele fazendo exatamente isso.

Me tirando da gaiola pelos meus tornozelos e me comendo, me enchendo com seu pau grosso. *Sim!* Bombeando selvagemente em mim sem qualquer piedade enquanto eu grito seu nome.

Minhas pernas tentam fechar conforme a sensação torna-se esmagadora e eu choramingo, fechando os olhos.

— Seja uma boa garota para mim, princesa. — A voz de Gio é suave e cheia de luxúria.

— Não. — digo facilmente, olhando o seu olhar azul penetrante. Seus olhos ampliam no meu desafio e adoro isso. Adoro que possa surpreendê-lo e usar esta tática contra ele.

Me arrependerei mais tarde, sei disso. Estou levemente ciente do limite da minha sanidade, gritando comigo. Parte de mim está furiosa, com ódio de mim e dele. *Mas é tão bom.* E quis por tanto tempo. Não, desejei mais. Ele.

Ele agacha e encontro seu olhar enquanto olha para meu corpo. — Vai ter problemas se não parar.

Sua ameaça me deixa mais perto da minha libertação e acelero meus golpes contra meu clitóris. *Sim!* Olho para ele,





querendo que me diga como vai me punir. Preciso que ele me ajude a chegar lá. Estou tão perto.

Encaro-o e afundo meus dedos tão profundamente quanto posso em minha boceta carente. Seus olhos brilham no meu sexo e sua respiração acelera. Bombeio lentamente meus dedos, curvando-os para acariciar o feixe de nervos e empurrar a palma da minha mão contra o meu clitóris.

O som da fivela de seu cinto tinindo enquanto luta com o zíper da calça me faz gemer.

Gio sempre mostrou muito controle, mas neste momento, está fora de si. E eu fiz isso. Arqueio meu pescoço e tenho que inclinar a cabeça para manter os olhos nele, quando ele solta seu pau grosso. Minhas pernas abrem instintivamente e esfrego meu clitóris mais rápido quando ele acaricia seu pau, os olhos passando da minha boceta para o meu rosto.

— Venha aqui, princesa. — ele mal respira, seu peito arfando enquanto sua mão grande se move para cima e para baixo em seu enorme comprimento. Gemo pensando como seria tê-lo dentro de mim. Como esticaria minhas paredes. Será que ia caber?

*Ele abriria caminho.*

O pensamento faz minhas costas arquearem e dedilho meu clitóris mais rápido.

Ele se curva, a mão segurando a borda da gaiola. O ruído faz meu corpo estremecer, mas não paro. Gio geme, raiva e luxúria claramente evidentes em sua expressão.





Amo vê-lo. A visão é suficiente para me empurrar para perto, mas então ele geme meu nome e é a minha ruína.

Meu corpo se contorce e minhas pernas tremem e finalmente explodo, todos os nervos acendendo ao mesmo tempo. A sensação é quase demais para lidar, mas agora que vim, não consigo me controlar.

Gozamos juntos. Grossos jatos de sêmen respingam em minha coxa, marcando-me, afirmando-me como sua. A ação só aumenta as ondas de prazer pelo meu corpo. Tento manter meus olhos nos dele, mas meu pescoço arqueia e endurece e meu corpo aperta com um prazer paralisante aquecido que não consigo controlar.

Tento respirar, mas o ar parece preso em meus pulmões. Finalmente, eu grito o nome dele, amando a doce sensação de formigamento ricochetear pelo meu corpo.

Meus membros caem contra o cobertor e ele geme, forçando o último orgasmo para fora. Os olhos estão pesados, mas olho para baixo e vejo a evidência.

Deslizo meu dedo médio ao longo de minha coxa e limpo um pouco de esperma.

Não posso evitar o sorriso no meu rosto conforme deslizo o dedo em minha boca e chupo. O encaro.

Seu sabor é mais doce do que eu imaginava. Apenas uma pitada de salinidade. Adorei. Tão bom. Limpo mais de seu esperma da minha coxa e faço o mesmo. Sinto-me convencida de que seu plano falhou e ainda estou a salvo em minha gaiola.





— Quando você finalmente sair daí — a raiva retorna à sua voz enquanto ele enfia seu pau de volta na calça jeans. Ainda está semiereto e aperto minhas pernas com a doce sensação de desejo que me dispara. — será punida por isso, princesa.

Levo um momento para registrar o que disse. Em vez de temer as implicações, estou curiosa. Quero saber. Ele vai me bater? Me foder duro? Meus olhos reviram em minha cabeça e relaxo no cobertor me perguntando o que ele vai fazer comigo.

Ouço a porta fechar e o sinal da fechadura... e depois os gemidos da televisão. Giro fracamente a cabeça e então deixo a ira crescer dentro de mim, gemendo com frustração.

Ele deixou a porra da tv ligada.





# Dezessete

## Gio

Desabo em uma das cadeiras da cozinha. Não consigo pensar ou me concentrar em nada e não sei como vim parar na cozinha.

Não consigo tirar a imagem da minha cabeça. Seu corpo perfeito, seus lábios carnudos, seus gemidos enchendo minha mente com esse desejo insano. Embora eu não tenha tocado nela, ainda foi a coisa mais incrivelmente sexy que já estive envolvido.

A tensão entre nós foi incrível. Acariciei meu pau e ela assistiu. Porra, a sua boceta sabia que era minha. Ainda sinto o êxtase pós-orgasmo enquanto sento aqui voltando lentamente a mim.

Grace é uma garota muito safada e agora tenho certeza disso. Ela é uma pervertida do caralho e farei a vadia que há nela vir à tona. Foi um bom começo, mas há muito trabalho a ser feito.





Irei fazê-la minha escrava. Assim que ela sentir meu pau grosso enterrado profundamente naquela bocetinha gulosa, saberá que é minha. Não haverá outra maneira. Uma vez que suas costas arquearem, seus músculos apertarão, seus mamilos duros, ela estará implorando por mais e mais.

E lhe darei. Serei bom para ela. *Lhe darei tudo.*

Finalmente me recupero. Olho para o relógio e começo a preparar o jantar. Decidi fazer algo especial, então bebo um pouco de uísque enquanto cozinho.

Rig entra e me observa, cabeça levantada, abanando o rabo.

— Estamos perto, rapaz. — digo a ele, jogando-lhe algumas sobras. Ele pega, agitado. — Ela está me deixando louco. Aquela safada. Finge ser toda frágil e inocente, mas agora eu sei. Agora sei como ela realmente é.

Volto a cozinhar, balançando a cabeça. Estou falando com o meu cachorro. Realmente devo estar perdendo a noção por essa garota. Rig eventualmente sai da cozinha, voltando para sua cama enquanto dou os retoques finais na refeição.

Um bife lindamente avermelhado descansa sobre o purê de batatas. Feijão verde à moda francesa ao lado, o que basicamente significa que só foram cozidos em uma porrada de manteiga. O cheiro delicioso me envolve e sei que Grace não será capaz de resistir a isto.

Faz duas horas que eu estou aqui e meu pau já está mexendo com o pensamento de ir ao quarto dela. Observá-la se tocar foi só o começo.





Conseguirei mais e logo.

A porta clica aberta e entro no quarto. Olho ao redor para o espaço, sorrindo para mim mesmo com todos os luxos que lhe forneci. Meu olhar para em Grace se escondendo em sua gaiola, o pornô ainda passando ao fundo.

— Olá, princesa. — lhe digo.

— Está aqui para me punir? — pergunta com um leve sorriso. Ela está ofegante e deitada de costas na gaiola. Não sei dizer se está brincando ou não. Isso me deixa duro de qualquer maneira.

— Ainda não. — digo e coloco a bandeja na mesa. Eu sei que pode cheirar a comida deliciosa.

Fico na frente à entrada da gaiola. Ela me olha fixamente, mas não se mexe. O cobertor cobre a maior parte de seu corpo, deixando os ombros expostos e as pernas. Olho para a pele e lembro como ela tinha seus dedos afundados em sua boceta. Sei que ela está molhada e apertada, e sei que está ansiando por isso tanto quanto eu.

Ela é linda, gostosa pra caralho e precisa ser comida. Grace precisa do meu pau para lhe mostrar o que realmente quer.

— Você parece com fome. — Digo.

Ela olha confusa para a mesa vazia e de volta para mim. — Não. Estou bem.

— Não me refiro a comida. — Ajoelho na frente da entrada.





Grace me observa curiosa. — Com que tipo de fome acha que estou? — Sua voz é sem fôlego e seu olhar nublado pela luxúria.

— Acho que seu corpo está faminto pelo meu toque. — digo. — Se senta nesta gaiola dia após dia imaginando o que eu faria se você finalmente saísse, não é?

— Não. — diz, mas não desvia o olhar. Seu cobertor desce cada vez mais, revelando a parte superior de seus seios.

— Está pensando nisso agora mesmo. O que aconteceria se você me deixa te tocar?

— Nada de bom. — Grace sussurra.

— Não. — digo, lhe sorrindo. — Não será bom mesmo. Vai ser muito, muito ruim, Princesa. E agora, seu corpo anseia o mau. Não é?

— Não sei. — admite em um pequeno gemido e isso envia uma emoção por mim.

— Eu sei. — digo encarando-lhe intensamente. — Você está ardendo por isso. Agora você quer jogar longe esse cobertor e vir até aqui. Vamos, Princesa. Se entregue a mim.

Grace me observa em silêncio por um segundo, em seguida, obedece. Lentamente, fica de quatro. O cobertor lhe cobre as costas, mas posso ver seus seios perfeitos, a incrível linha de seu perfil até seus belos quadris e estou duro feito pedra.

— O que fará se eu for aí? — indaga.

— Te darei o que você quer. Ambos sabemos que eu posso, Princesa. Nós dois sabemos que posso fazer você sentir





coisas que você já sonhou. Não precisa ficar numa prisão comigo. Se entregue, ceda e farei com que se sinta livre.

Ela me encara, mordendo o lábio e rasteja na minha direção. Fico quieto, observando-a. Grace para perto da entrada da gaiola. Poderia facilmente estender a mão e tocá-la, mas iria quebrar minha promessa. Ainda está dentro e segura.

— O que acontece se eu fizer isso? — indaga.

— Você sabe que não vai doer. — digo em voz baixa. — E se isso acontecer, você sabe que vai querer isso. Quer porque a dor vai fazer o prazer muito mais doce. Me deixe te fazer sentir isso.

— Como? — pergunta.

Meu coração começa a martelar duro no peito. Este é o momento que eu estava esperando.

— Vire-se. — ordeno.

Grace hesita e gostaria de saber se vai obedecer. Fico ali por um momento, aguardando e atento a todos os seus movimentos, até que lentamente ela se vira.

— Levante o cobertor. — mando.

Ela faz. Ergue o cobertor sobre seus quadris, revelando sua bunda perfeita e boceta lisa e pingando. Porra, ela é tão linda. Desabotoo minha calça e retiro meu pau duro da cueca, lentamente acariciando.

— Aproxime-se.

Ela respira profundamente. — Estou com medo. — admite.





— Não fique. Você sabe que pode confiar em mim. Me deixe fazer você se sentir bem, Princesa. — Minha voz está rouca e baixa com desejo.

Ela lentamente recua em minha direção. Devagar, dolorosamente lento, ela deixa seu traseiro atravessar o limiar, mas então ela para.

Mal consigo ouvir sobre meus batimentos cardíacos. Estendo a mão e acaricio suavemente sua bundinha redonda. Quero dar tapas em sua bunda e fazê-la gemer, mas ainda não. Preciso começar com prazer, antes de lhe dar dor. Deslizo meus dedos por sua pele até sentir sua boceta lisa e pingando.

Puta que pariu, ela está tão molhada. Seguro um gemido e a necessidade de enfiar meu pau fundo em sua boceta. Gotejando, completamente encharcada. — Você é uma menina safada. — sussurro quando passo lentamente meus dedos grossos dentro dela. Grace geme, olhando por cima do ombro e abaixando a parte superior do corpo para o chão da gaiola. — Está toda molhada para mim. Não pode negar isso, Princesa. Você me quer.

— Não sei. — geme. — Não sei o que quero.

— Eu sei. — Empurro meus dedos profundamente em sua boceta pequena e apertada, maravilhado com o quanto é escorregadia. Ela tão bonita, rosa e perfeita.

— Porra. — Grace geme. — Mais.

— Não me provoque, Princesa. Chegue mais perto.

Ela se aproxima poucos centímetros. Agarro seu quadril com a outra mão enquanto provoco sua boceta com meus dedos,





deslizando para dentro e para fora, movendo para esfregar o clitóris antes de fodê-la novamente.

Grace joga a cabeça para trás, seus gemidos ficando cada vez mais profundos, mais insistentes. Posso ler seu corpo enquanto sua boceta fica mais úmida, seus gemidos ficam mais alto. Eu sei o que quer. Sei o que ela precisa.

— Gio. — geme. — Oh Deus, Gio. Isso é tão bom.

— Você nunca realmente saberia quão bem eu posso te fazer sentir, não é? Agora sabe. Vai me implorar por mais, não é?

— Sim. — Grace suspira quando empurro meus dedos dentro dela, curvando-os para encontrar seu lugar doce, deslizando dentro e fora. Os sons me incentivam a dar-lhe mais. — Oh Deus, sim.

— O que você quer, Princesa? Diga.

— Quero mais. — ela geme. — Quero muito mais.

— Você é uma gatinha gananciosa. — Falo, amando isso. Meu pau está se contraindo, ansioso para entrar nela. Está quase na hora. — É isso que eu fiz de você? Apenas uma vadia gananciosa?

— Não. — geme. — Não sou gananciosa.

— Mas você é uma vadia para mim. Nós dois sabemos disso agora.

— Sim, Gio, porra. — ela geme. — Sou o que você quiser.

— Muito bem. Isso é o que quero ouvir. — Retiro meus dedos dela, fazendo-a choramingar e me encarar. — Aproxime-se. — digo.





Ela desliza um pouco mais para fora da gaiola. Metade dela está para fora. Abro suas pernas mais largas e gentilmente acaricio sua boceta encharcada com a ponta do meu pau, provocando-a, amando como isso a faz se contorcer.

— Gio, por favor. — diz e então empurro de uma vez profundamente dentro dela.

— Oh merda. — Grace suspira, jogando a cabeça para trás. Seus braços se esticam na sua frente e seus dedos se agarram no cobertor

— Foda-se. — resmungo. Sua boceta me aperta como um maldito torno enquanto me meto profundamente dentro dela. Deslizo nela tão facilmente. Sua boceta está doendo, tão molhada para mim.

— Gio. — ela geme quando deslizo fora e, lentamente, a comendo.

— Isso mesmo. — digo. — Leve este pau. Isto é o que tem que fazer.

— Sim. — geme. Pego o quadril e meto um pouco mais rápido, mais profundo. Alcanço em torno de seu quadril e encontro seu clitóris, provocando com cuidado seu ponto sensível.

— Oh Deus. — Minha princesa geme, sua voz mais alta e mais baixa, perdendo o controle. Tenta me arruinar, tentando fugir, mas se empurrando de volta para meu pau nem um segundo depois, as pernas tremendo de necessidade. — Isso mesmo. — digo, me movendo ligeiramente para trás. Grace me segue, lentamente saindo da gaiola. — Você é minha princesa





safada agora. Empurre contra meu pau, menina. É uma vadia gananciosa, princesa. Pegue tudo.

Ela geme e começa a trabalhar seus quadris comigo. Ela empurra de volta, deslizando para trás e para frente, de encontro com meu pau. Eu gemo, prazer ameaçando oprimir a minha mente.

Pego o seu quadril com a mão esquerda e espanco sua bunda com a direita. Grace geme, mas só a faz se mover mais e mais rápido. Posso dizer que ela adorou. Sei que está começando a perceber que a dor faz com que o prazer fique maior. Bato de novo, deixando marcas vermelhas em sua bunda, mas isso só a estimula. *Tapa!* O som ecoa pelo quarto, deixando minha respiração mais rápida.

Ela me monta com força, seu corpo tremendo, seu cabelo cai sobre os ombros. Estamos nos movendo mais para trás à medida que aumentamos o nosso ritmo.

Logo, apenas sua cabeça ainda está dentro da gaiola. Avanço e provoco seus seios, beliscando seu mamilo quando eu entro nela. Metendo naquela doce bocetinha dela e dando-lhe toda a razão para amar o que faço com ela. Nos movemos para trás, fodendo cada vez mais, até que finalmente, ela está completamente fora da gaiola.

Isso me deixa em um maldito frenesi.

— Porra, Gio. — Grace praticamente grita. — Sim, Gio, me come. Preciso sentir mais. — lhe dou o que ela quer, chocando contra ela, enlouquecendo na transa áspera.





Inclino para frente, agarro sua garganta e a puxo para mim. Ela suspira quando percebe onde estamos no quarto.

— Você é minha agora, Princesa. — digo em seu ouvido, meu pau enterrado dentro dela.

Grace geme e se contorce contra mim, quando a pego, uma mão em sua garganta, meu pau ainda enterrado profundamente dentro dela e a levo para cama.





# Dezoito

## Grace

Minha boceta ainda está em espasmos em seu pênis grosso enquanto minhas mãos cavam em seus dedos, tentando arrancá-los. Medo, êxtase, luxúria tudo misturado dentro de mim e fazendo meu coração disparar.

Ele não está segurando minha garganta apertada, é apenas instinto, mal posso respirar. Gio me ergue da gaiola e meu coração bate mais rápido quando luto fracamente contra ele.

Estou praticamente empalada em seu pau com um dos braços apoiados contra a minha frente e entre os meus seios, sua mão apertando minha garganta e a outra mão segurando meu quadril.

Me esforço para respirar quando um clímax fraco ameaça me consumir. *Estou perto.* Tento me contorcer contra ele, tanto para fugir quanto para sentir mais. Preciso de mais.





Gio me deita na cama e espalha minhas pernas, então empurra uma coxa, sua mão ainda firme na minha garganta e aperta mais.

Por um momento, apenas um segundo, meu coração congela de medo, uma memória distante rompe o prazer. Minha mãe. Sua morte. Os dedos de Gio cavam minha garganta e chuto tanto quanto posso, inutilmente. Isso é diferente, preciso separar a memória do presente, tento não ter medo. Mas tenho. Estou apavorada.

Pequenas manchas brancas dançam na minha visão enquanto ele empurra em minha boceta, mais profundo e mais forte, implacavelmente, me levando. O momento de medo e lembrança consciente passa e ondas de prazer me consomem.

Solto um grito silencioso quando gozo violentamente. Seu aperto em minha garganta afrouxa e ele se deixa levar enquanto o prazer atravessa meu corpo. Gio cavalga pelo orgasmo, violentamente me comendo e fazendo a intensidade da sensação muito maior. Fico perdida no prazer, incapaz de fazer qualquer coisa além de agarrar os lençóis.

Ele mete sem dó nem piedade quando grito de prazer. Desejando mais, mas tentando desesperadamente escapar. Meu corpo está apoiado e esperando. E então, seus dedos dedilham meu clitóris e não aguento mais. Minha respiração trava, meu corpo fica tenso e cada terminação nervosa explode com um fogo que nunca senti antes.

Gio geme meu nome e goza em mim, seu esperma quente me enchendo e vazando entre nós. Só então posso respirar, com





seus lábios mal tocando o meu pescoço enquanto empurra devagar dentro de mim, prolongando sua libertação e enviando arrepios por todo corpo.

Ele pressiona os lábios no meu pescoço e respira de alívio, uma angústia me domina quando o seguro mais perto. Mas tão rápido quanto veio, sumiu. Gio se retira de mim e levanta da cama, deixando o frio do quarto me atingir. Observo suas costas quando caminha até o banheiro e a realidade do que aconteceu me bate.

Minha respiração fica ofegante e os olhos se arregalam. Estou do lado de fora. Sem perder tempo, desço da cama e corro para a gaiola, não paro até que estou no canto e coberta pelo cobertor. Seu sêmen escorre pela minha perna e meu coração aperta no peito.

O que eu fiz? O que há de errado comigo?

Não sei o que é pior, o fato de ter gostado do que aconteceu ou de que nem percebi o que fiz até ele sair.

Gio me tem sob um feitiço, sua presença me deixa em transe. Não posso escapar. É como uma droga e fiquei viciada.

Olho quando ele volta para o quarto, parando apenas a dois passos do banheiro. Sua testa franze quando olha da cama para a gaiola.

E então seus olhos brilham com outra coisa. Algo que realmente nunca vi nele.

Ira.





Ele parece puto. Suas mãos estão em punhos. Seus olhos estreitam quando trava no meu olhar, me forçando a manter contato e vem até a gaiola.

Tento recuar para longe dele e sua fúria, mas não posso. Estou encurralada.

Mas estou segura.

Meu coração acelera.

Ele não vai entrar. Estou a salvo aqui.

Porém, não mais.

Ele não hesita em se curvar, entrar na jaula e me agarrar pelo tornozelo. Gio me puxa e eu grito.

Meus dedos tentam agarrar a barra, mas eles escorregam quando ele me puxa para seu peito.

Grito e tento escapar aos chutes!

Não*! Ele mentiu! Mentiu pra mim!* Meu coração tenta escapar pela garganta quando medo me consome.

— Pare de lutar comigo, Princesa. — sua voz é rouca e baixa.

Meu sangue gela com medo do que ele vai fazer. Sabia que era bom demais ser verdade. Não estou segura. Nunca estive.

Ele me leva para a cama e espero sua fúria ser liberada. Meu corpo afunda no colchão e mantenho meus olhos fechados.

Mas nada acontece. Puxo o cobertor mais apertado em torno de mim. Como se pudesse me proteger. Nunca pôde, mas não tenho mais nada.

Depois de um momento em que o único som é sua respiração pesada, abro os olhos.





A cama arrasta e range quando ele se senta de costas para mim.

Não entendo.

— Você nunca mais fará isso. — A voz de Gio é dura e implacável. Me encolho atrás dele. — Entendeu? Retirarei sua gaiola se ousar me deixar assim. — Ele finalmente se vira para me enfrentar e posso ver a dor em seus olhos. — Vai me deixar cuidar de você depois, entendeu?

Meu coração troveja e me sinto tão confusa. Ele se abaixa e me beija. Seu toque macio tão inesperado. Meu coração incha e lágrimas descem por minha bochecha.

Não compreendo.

Se afasta, com os olhos ainda fechados e diz. — Não me deixe depois de algo assim. Não até que eu diga que pode. — Ele abre os olhos. — Você precisa ser confortada, entende?

— Sim. — respondo fracamente.

Seus olhos vagam pelo meu rosto à procura de algo. — Você está bem? — Sua voz tão suave, tão calma. É um lado seu que não vi.

Aceno com a cabeça, mas meus dedos tocam lentamente minha garganta.

Um sorriso torto levanta seus lábios. — Gostou disso? — indaga, seus dedos tocando os meus e em seguida escorregando pelo meu pescoço.

Não posso mentir. De jeito nenhum. Sacudo a cabeça ligeiramente e preocupação está escrita em sua expressão.





— Por favor, não. — fecho os olhos e não posso continuar.

— Shh. — ele se abaixa e beija minha mandíbula e depois desce para o pescoço e clavícula.

— Pensei que tivesse gostado.... Você não... — Ele limpa a garganta e desvia o olhar. — Não quer nada disso? — indaga.

— Não! — Sou rápida em corrigi-lo. — Só não estrangular.

Gio olha para mim e considera minhas palavras. Posso dizer que está curioso.

— Vi meu pai matar minha mãe. — digo baixinho. Mantenho seu olhar enquanto suaviza.

— Minha Princesa... — sussurra, deitando ao meu lado e me puxando para o seu corpo rígido. Não é até minha bochecha estar contra seu peito nu que percebo que estou chorando. Eu nunca choro. — Nunca mais, prometo.

— E não te deixarei. — Digo as palavras tão rapidamente e por um momento me ouço equivocada. Ou talvez eu quis dizer isso mesmo, não sei.

Ele me segura até eu parar de chorar e depois beija meus cabelos, sussurrando. — Preciso te limpar. — Ele sai do meu lado e vira para me dar um olhar de aviso. Mas não quero fugir, quero ficar bem aqui. Não quero me esconder dele.

Me sinto vulnerável e o modo que ele me abraça faz parecer tão certo. É assim que deveria ser.

Quando volta para o quarto, Gio parece diferente. Não sei porquê, mas tudo agora é tão diferente.





Minhas coxas tremem levemente quando ele escorrega o pano quente entre minhas pernas. Ainda estou no limite após horas de estímulo. Ele coloca a mão na minha coxa e me move para deitar na cama ao meu lado. Me enrolo quando ele coloca o cobertor em cima de mim, me puxando para si, seu peito em minhas costas.

Ele é tão quente, tão forte. E seu cheiro. Encho meus pulmões com seu perfume masculino. Isso me relaxa. O cansaço do dia me atinge, me acalmando para dormir em seus braços fortes.

— Eu devia te punir, Princesa. — ele beija meu pescoço. — Da próxima vez que se masturbar sem minha permissão, você vai ser punida, combinado? — Sua voz é dura, mas ele abraça com tanta ternura, que a ameaça é desconsiderada. Além disso, não quero me tocar sem ele. Quero que me pegue assim de novo.

*Eu quero mais.*

— Sim. — Me abraça apertado e meu coração dispara.

Estou vagamente consciente de que isso é errado e que preciso usar este novo desdobramento em minha vantagem, mas a voz é tão fraca, abafada pela constante batida do seu coração, que é fácil ignorar. Se for só por este momento.





# Dezenove

## Gio

Pego um uísque duplo com gelo e caio no sofá da sala de estar. Rig vem e deita aos meus pés. Coço sua cabeça enquanto bebo, olhando para a TV em branco, minha mente vagando sobre o que aconteceu.

Precisava de uma bebida forte desde o segundo que a vi pela primeira vez. Precisava sentir sua boceta apertada, ouvi-la gritar meu nome, saber que a fazia sentir prazer intenso e desenfreado. Finalmente, consegui o que precisava e meu coração praticamente dança de contentamento. Mas consegui mais do que esperava.

Me arrependo de entrar em sua gaiola. Queria não ter feito aquilo. Lhe prometi que seria seu espaço seguro, e trabalhei tão duro para mantê-lo assim. Só não podia permitir que ela voltasse para sua concha, não antes de eu cuidar dela. Grace precisava ser acariciada, limpa, adorada. Precisava ver como me sinto sobre ela.





Talvez não devesse ter entrado na jaula. Eu pude ver o medo em seus olhos e odiei isso. Mas depois, valeu a pena. Me permitiu cuidar dela, acariciar seu cabelo, sussurrar em seu ouvido. Finalmente, quando estava relaxada, a deixei dormindo na cama.

Grace é perigosa, me faz querer levá-la para a minha cama. Deixá-la sair. Compartilhar mais com ela. E isso não pode acontecer.

Ela é uma deusa. Eu ainda podia sentir sua boceta apertada envolvida em torno do meu pau. Não me canso de seus lábios, sua pele, seus gemidos. É tudo muito viciante. Sei que tenho outro trabalho a fazer, mas a ideia de sair e matar novamente quando tenho minha Princesa para treinar parece loucura.

Agora me deparo com um novo problema. Preciso começar esse treinamento, mas não sei exatamente como fazer isso. Nunca tornei alguém uma escrava sexual antes e não quero fazer isso com Grace. Ela é minha Princesa, não minha escrava e quero ser o único a tê-la.

Balanço meu copo, o gelo tilinta contra o vidro, quando sinto minha escuridão despertando novamente. Ultimamente tem sido tão quieto, provavelmente porque estava tão contente com Grace. Mas agora que estou diante da perspectiva de matar seu pai e transforma-la em uma escrava, sinto essa parte despertar.

Quero torna-la minha. Eu quero dominá-la. E quero cortar a garganta do seu pai para cada dor que ele lhe causou. Ele merece. A escuridão também quer tudo, mas por um motivo





diferente. As trevas em mim querem destruir tudo em seu caminho. Quero tudo isso porque me importo profundamente com Grace, muito mais do que poderia imaginar.

Minhas duas metades ainda estão em guerra, mas sei qual está ganhando. Sei que minha humanidade ainda está lá e fica mais forte a cada dia. Há momentos, como este, onde minha escuridão eleva sua cabeça revoltante, mas posso vencer.

Superarei isso. Por Grace. *Pela minha Princesa.*

Tomo um longo gole e afago atrás da orelha de Rig. Ele me olha, a cabeça inclinada, a boca ligeiramente aberta.

— Você quer que Grace fique, não é rapaz? — Pergunto.

Ele late um pouco. Sorrio para ele.

— Claro que quer.

Levanto e bebo o resto do meu uísque. Quando chego na cozinha para buscar mais, ouço meu telefone zumbido no sofá.

Irritado, volto e o pego. Não reconheço o número, mas é um código de área local. Decido atender, embora geralmente não atenda ligações de estranhos.

— Alô? — Digo.

— Gio. — Tombo minha cabeça para um lado. Reconheço vagamente a voz.

— Quem é? — Pergunto.

— Onde você mora?

— Quem é? — Indago novamente com uma voz dura.

— Onde está? Será que aí seria difícil cortar teus dedos e pegar suas digitais?





Meu sangue gela. Quanto mais ele fala, mais certeza tenho que conheço a voz.

— Escute, idiota. — digo calmamente. — Eu não me ameaçaria se fosse você.

— Nós sabemos tudo sobre você. Que horas podemos ir? Estamos sempre te vigiando, Gio.

— Alessandro. — digo. — É você, não é?

A voz faz uma pausa. — Logo, Gio. Nos vemos em breve.

— Escute aqui, seu Rossi fodido...

Mas ele desliga antes que possa terminar.

Olho para meu telefone sem saber o que fazer com essa conversa. Meu coração acelerado contra meu tórax e minha raiva começa a tomar conta.

Não tenho certeza, mas pensei que a pessoa era Alessandro, um dos primos Rossi. O encontrei algumas vezes e ele era apenas mais um dos trastes de baixo nível, não é algo que devesse me preocupar.

Mas essa ligação é desconcertante. A menção de minhas impressões digitais me faz pensar que ele sabe sobre minha porta, meu coração aperta só de pensar. Ela é minha. Ninguém mais tem motivos para se aproximar dela.

Nunca a protegeram de seu pai.

Não podem tê-la de volta. Não permitirei.

Ando pela sala, analisando cada segundo do telefonema. Preciso ser inteligente. Preciso estar um passo à frente.

Paro em meu caminho, percebendo que eles devem saber sobre o trabalho. O que significa que há um delator. Um delator





com uma boca grande fodida e pronto para começar uma guerra. Não tenho ideia de como isso é possível, já que ninguém que sabe disso tem alguma razão para contar aos Rossi. O fato é que a chamada aconteceu e não é um bom presságio.

Jogo meu telefone de lado e entro na cozinha. Encho meu copo de uísque novamente e quando volto para a sala, me surge um pensamento desconfortável.

Meu pai iria tão longe que me venderia para os Rossi?

Fico completamente imóvel quando minha mente corre pelas possibilidades. Sei que os Rossi adorariam me ter, mesmo antes de toda essa situação fodida com Grace e matar Toni e seu Don acontecer. Já matei os Rossi antes e provavelmente faria de novo.

Mas é impossível ser isso. Meu pai jamais faria isso. Ele é um homem velho em um negócio que é implacável com homens idosos e está desesperado para ser relevante novamente, mas não é um traidor. Ele é família. *Nós somos* família. E isso é uma impossibilidade. Além disso, quer tanto ser parte da família Romano. Fazer um acordo e me vender aos Rossi destruiria suas chances de entrar para os Romano. Mesmo ele teria que ver isso.

Só estou sendo paranoico. Vou até o sofá e sento novamente. Desta vez, ligo a TV e encaro o jogo de futebol sem prestar atenção. Rig fica sentado aos meus pés enquanto tomo minha bebida, minha mente percorre as possibilidades.

Não consigo me livrar da suspeita. Eu quero, mas não consigo, visualizo meu pai fazendo um acordo e me vendendo, não importa quão pouco plausível pareça.





— Caralho. — digo e levanto. Termino minha bebida e sinto o álcool relaxar meus nervos. — Estou sendo estúpido. — digo para mim mesmo e entro na cozinha. Coloco o copo na pia, em seguida, entro na sala de controle para verificar Grace.

Tenho que tirar o telefonema da minha mente. Era para me atingir. Preciso ser melhor do que isso. Melhor que eles.

Não posso me preocupar com isso agora. Meu pai não me trairia. Sei que ele está perto em um plano para acabar com o Don de uma vez por todas. Ele tentou inúmeras vezes, e acredito que conseguirá agora. Vi partes do plano e pelo que pude analisar, é sólido. Eu não entraria com ele neste trabalho se o plano não tivesse potencial alto de sucesso.

A ligação provavelmente foi algum trote que os Rossi decidiram fazer para me testar. Tenho que me concentrar em Grace, agora que estamos tão bem.

Sento em frente aos monitores e a vejo. Lentamente esqueço todo o resto.





# Vinte

## Grace

Não sei porque eu vim para a gaiola. Mas agora que estou aqui, não posso sair. Dormi tão bem na cama. Foi um sono profundo e cheio de conforto. Mas ele já tinha ido quando eu acordei. Os lençóis ao meu lado estavam frios e isso me deixou com a sensação de ter sido enganada. Não sei o que há de errado comigo. Pensar que há mais do que realmente é.

Ontem me arruinou. Destruiu minha armadura. Não reconheço a mulher que sou.

Já sentei aqui o dia todo me sentindo magoada e abandonada. Como se tivesse o direito de sentir essas coisas. O que eu esperava? Não sou nada para ele. Não sou ninguém. Um objeto com que foi presenteado.

Aperto minha mandíbula e me recuso a sentir algo mais por Gio, mas no segundo que ouço o barulho das botas no corredor, paro. Meu corpo se vira para a porta e espero. Estou ansiosa por ele. Odeio isso, mas não mentirei para mim mesma.





Tanto quanto detesto esse meu lado, encontro consolo lá. Até mesmo *aprecio* isso.

Pelo menos estou na gaiola. Meus lábios ameaçam enrolar em um sorriso malicioso, mas resisto. Se ele quer me deixar, então posso deixá-lo também.

A porta emite o sinal sonoro, um dos meus sons favoritos agora, e Gio dá dois passos no quarto. Vejo seus olhos se moverem da cama para a gaiola. A raiva não está presente, não como ontem, mas há algo lá. Ou melhor, algo está faltando. Faísca e fogo, o calor nos olhos dele. Algo está diferente e isso me tira o equilíbrio.

— Grace. — me cumprimenta, indo até a cadeira grande. Ele abaixa a bandeja em suas mãos e me olha. Se inclina para trás e espera.

Quero rastejar para ele. Eu quero colocar minha cabeça em seu colo e confortá-lo.

Sei que algo está errado. Só não sei o que.

Meu coração palpita enquanto espero. Ambos nos encaramos, mas não estamos dispostos a agir.

Finalmente, ele se move para frente, descansando os cotovelos sobre os joelhos e colocando o queixo na mão. — Venha para mim. — diz suavemente. Meu corpo obedece antes do meu consentimento consciente. Engatinho em sua direção. Em parte, porque quero e em parte porque sei que este é um passo mais perto para minha liberdade.





*Sim.* Agarro essa razão. Acredito que se for uma boa garota, ele me libertará. Fiquei boa em mentir para mim mesma ao longo dos anos.

Não obedeço porque quero me submeter a ele, ou porque quero agradá-lo.

Não sofro porque há algum problema. Não sinto nada por ele. Não tem nada a ver com essa dor no peito.

Posso me dizer mentiras dia e noite, mas no momento que eu o alcanço, ajoelhada no concreto na sua frente e ele se abaixa, colocando meu rosto em sua mão e pressionando os lábios nos meus, meu coração incha.

Arqueio as costas e gemo em sua boca, meus dedos se prendem em seu cabelo, puxando-o mais perto de mim.

*Gio.*

Ele interrompe o nosso beijo e senta em seu lugar, seus olhos nunca deixam os meus. Fico ajoelhada no chão, de olhos arregalados e esperando-o. Para o que ele quiser de mim.

— Acha que pode me obedecer? — indaga.

Meus olhos estreitam e por um momento não respondo. Mas engulo a hesitação e aceno. Ele não vai me machucar. Confio nele.

Levanta e vai até a minha gaiola. Olha para mim quando agarra a porta que foi pressionada contra a parte lateral da gaiola este tempo todo e faz fechar. Fechando a gaiola, comigo do lado de fora. O estalo alto ricocheteia na minha cabeça com descrença.

Meu coração acelera ansioso. Me afasto devagar até que minhas costas batem na parede.





Medo ameaça acabar comigo, mas Gio não se move.

Ele levanta as mãos em sinal de rendição e fala em tom baixo, como se estivesse se aproximando de um animal ferido. E talvez seja só o que sou.

— Está tudo bem, princesa. Só precisa saber que haverá consequências.

Sinto que não posso respirar.

— Você disse que não a tiraria. — Mal consigo dizer as palavras. Elas são forçadas.

— Não vou. — diz suavemente. — É apenas uma hora. — Instintivamente, olho para o relógio. Uma hora.

— Confia em mim, Princesa? — indaga.

Meu peito sobe e desce com a respiração pesada.

Demora um momento, mas admito. Confio nele.

— Sim. — sussurro em uma voz trêmula.

— Venha aqui. — começo a levantar, mas Gio completa: — Quero que rasteje.

Debato se devo ou não. Não porque há consequências, mas porque não quero obedecer. Pelo menos agora não, então lembro do olhar em seus olhos quando chegou e me movo em sua direção. Rastejo, me perguntando se isso vai aliviar qualquer problema que tenha.

Quero lhe perguntar, mas não sei se conseguiria uma resposta. Quando sento no chão ao seu lado, Gio se aproxima e move minhas pernas para me ajoelhar. Ele recua, me avaliando. Isso me irrita.





— Quando vier até mim, você vai sentar assim. — Olho para o meu corpo e depois retorno para ele. A gaiola está fechada. Mordo minha língua. Se estivesse aberta, seria outra história. Por um momento, penso em como ele iria me castigar. O que ele faria.

Vale a pena desobedecer?

— Agora deite-se e agarre seus joelhos para que eu possa vê-la. — Ele dá alguns passos e vira para mim, os braços cruzados, esperando que eu lhe obedeça.

Sim, vale malditamente a pena.

— Não. — Minha voz é forte e Gio imediatamente me alcança. Sua mão está estendida como se fosse agarrar minha garganta e me encolho para trás, o medo paralisa a minha força.

Mas ele não segura minha garganta. Gio me pega pela cintura e vai rapidamente para a cama, me jogando sobre seu colo.

Nem tenho tempo de reagir quando ele joga uma das pernas sobre as minhas e imediatamente dá um tapa na minha bunda. *Forte!*

Minhas costas arqueiam quando grito de dor, mas ele segura meus ombros para baixo, prendendo meu corpo na cama e continua os golpes.

Uma e outra vez. Cada um em um ponto diferente e a região queima com dor. Que irradia do meu traseiro para fora. Porra, isso dói! Meu cenho franze e tento fugir. Mas não posso.

Finalmente acabou. Porém, o ar frio torna a dor pior. Tento me afastar, mas ele ainda me mantém quieta.





Gio massageia minha bunda e diz em voz baixa. — Pare de fugir disso.

Estremeço de dor e me esquivo, o que só o faz me segurar mais apertado.

— Você quer isso. — diz, movendo a mão para minha boceta. Ele empurra seus dedos grossos dentro de mim sem hesitação e meu corpo aperta em resposta, mas ele os bombeia dentro e fora, acariciando minha parede frontal e enviando uma espiral de desejo pelo meu corpo.

Ele os retira antes que possa escalar em direção a minha libertação, me deixando querendo. Me surpreende quão molhada estou e com a facilidade com que escorregou seus dedos dentro de mim.

Desgraçado!

— Chupe. — diz, colocando os dedos na minha frente. Poderia fazê-lo e uma parte minha quer. Quero me perder neste momento. Minha respiração se torna frenética. *Só preciso obedecer.*

— Faça isso, Princesa. Não pense demais. — Gio se abaixa, sussurrando no meu ouvido. — O que temos é perfeito. Desfrute comigo.

Suas palavras são minha perdição. Apenas reconhecendo o que há aqui. Pego os dedos em minha boca e sugo, degustando minha excitação. Gemo enquanto chupo os dedos.

— Boa garota. — diz, apertando minha bunda. Estremeço com a dor súbita e ele ri.





— Agora. — ele levanta da cama, me deixando sozinha em cima dos lençóis. — Fique de costas e puxe seus joelhos para cima.

Meu coração desacelera e engulo meu orgulho.

É errado ceder quando quero? Viro na cama e uma picada de dor das palmadas me faz respirar fundo.

— De costas, Princesa. — Gio espera enquanto tomo minha decisão e finalmente deito de costas para ele.

Pego meus joelhos e os levanto para que ele possa ver tudo de mim. Vejo o fogo em seus olhos e faz qualquer vestígio de vergonha desaparecer. Ele *me quer*.

Escondo meu sorriso quando cai de joelhos ao lado da cama, então seu olhar está nivelado com minha boceta. Ele me lambe e gemo, me inclinando ligeiramente para a esquerda.

Sua mão desce pesada na minha coxa com um forte *tapa*!

Meu corpo sacode e rapidamente me afasto, mas ele me arrasta para o mesmo lugar, me segurando.

— Não se mexa. — me avisa. Seus olhos fuzilam os meus, me instigam a responder, me desafiam a me mexer, mas obedeço.

Em parte, devido ao choque.

Ele aguarda até que eu esteja na mesma posição e, em seguida, passa o dedo pela minha boceta até o clitóris, circulando uma vez. O prazer me faz querer me mexer, mas fico quieta.

— Você é tão perfeita, Princesa. — diz se afastando de mim e me deixando no limite. Ele dá um passo atrás e me olha. Minhas bochechas aquecem e me sinto um pouco ansiosa agora que o olhar desapareceu de seus olhos.





— De joelhos. — diz e rapidamente me movo e sento na posição que quer. Sua mão grande envolve minha coxa e afasta minhas pernas ligeiramente.

— Desse jeito. — Sua voz dura força meus olhos para os dele. — Lembre-se disso. — Seguro seu olhar e aceno uma vez.

— Quero te treinar. — diz suavemente. — Gostaria disso?

Eu falo antes que possa pensar. — Sim. — Meus olhos arregalam com minha confissão.

— Ótimo. — diz ele com um pequeno sorriso e o olhar que tinha pela primeira vez aparece novamente quando se senta na cama ao meu lado.

Começo a mexer, mas depois me contenho. Preciso ficar.

Ele ri e coloca a mão grande na minha coxa. — O treinamento acabou por hoje, Princesa. — Há uma tristeza em sua voz e não gosto disso. — Amanhã vamos começar novamente. Hoje não.

Me mexo devagar, não entendendo a motivação de Gio. Algo mudou entre nós, mas mais do que isso, algo está errado. Eu sei. No meu âmago.

— Você está bem? — Pergunto. Não posso evitar. Não gosto que esteja preocupado.

Ele inclina a cabeça e considera minhas palavras antes de assentir uma vez. — Tudo ficará bem.

— O que está errado? — A única coisa que percebi dessa resposta é que algo não está bem. E quero saber o que é.





Gio passa uma mão pelo rosto e então me puxa para seu colo. Eu adoro a sensação de estar tão perto dele. Estou me derretendo contra ele. O conforto é uma coisa que nunca tive antes e não quero perder.

— Eu deveria fazer algo que não quero fazer. — diz.

— Não faça então. — digo simplesmente.

Ele ri da minha resposta, encostado na parede e beliscando a ponte do nariz. — Se ao menos fosse tão fácil, minha Princesa.

Me inclino contra ele e escuto o som do seu coração.

A lembrança de tudo que aconteceu aparece diante de mim quando olho para a gaiola do outro lado do quarto. Olho para o relógio e a hora acabou.

Não quero lhe dizer, no entanto. Quero ficar mais aqui, *mas posso escolher, certo?*

Franzo a testa percebendo que meu pensamento inicial era que deveria estar lá. *Em uma gaiola.* Eu não deveria estar. Nem devia estar nesse maldito quarto.

Olho para Gio e me pergunto o que está pensando. Gostaria de saber quais são seus planos para mim, mas não posso perguntar. Todo o tempo que estive aqui, nunca perguntei. Eu sei que sou um presente. Sei que ele quer.

Talvez, essa coisa entre nós seja real. Talvez ele sinta o que sinto. Nunca saberei se não perguntar. Mas meu sangue gela. E se não for o mesmo para ele? E se eu estiver enganada?

— Gio. — consigo a coragem de pedir, minha respiração acelerando com o medo de sua resposta. — Não quero mais ficar





neste quarto. — Não consigo olhar para ele quando falo. Mas a falta de resposta imediata faz meus olhos se levantarem para seu penetrante olhar azul.

Me observa por um momento e meu coração aperta. Há algo de errado comigo por pensar que ele se importaria com o que eu quero. Mas eu pensei que.... Não sei o que estava pensando. Antes que eu possa me afastar dele e procurar a mulher que costumava ser, ele me puxa mais perto do seu peito.

— Isso não será para sempre, Princesa. — Sussurra. Não resisto, mas há tantas perguntas sem resposta, muito mais que preciso saber.

— Se eu for boa... — começo a perguntar, mas ele pressiona um dedo nos meus lábios, me silenciando.

— Você é perfeita. E eu prometo, — seus olhos perfuram tão profundamente em mim, fico hipnotizada pelo seu olhar. — Em breve, tudo será diferente. Prometo.

Suas palavras são vagas, mas confio nele. Me inclino ao seu toque e pressiono meus lábios nos dele. Isto é tudo que preciso agora.

As emoções me oprimem, meu corpo aquece com uma mistura de ansiedade e algo mais, algo pecaminoso e perigoso. Vulnerável e primitivo.

Gio interrompe nosso beijo e me sinto tonta e sem fôlego.

— Vem sentar no teu trono, Princesa. — ele geme, me erguendo como se eu não pesasse nada e espalhando minhas coxas quando ele deita na cama e abaixa minha boceta em seu rosto.





Ele passa a língua no meu sexo quando aperto seu cabelo e quase desmorono diante do prazer intenso e súbito.

Ele não desiste. Lambendo, chupando e fazendo meu corpo estremecer em total prazer.

Lanço minha cabeça para trás e gemo seu nome. — Gio.

Ele geme em minha boceta e chupa meu clitóris, forçando um grito da garganta. *Sim!* Esfrego minha boceta em seu rosto, querendo mais e chegando muito perto tão rápido.

— Goze para mim, Princesa. — sussurra, me erguendo de cima dele antes de enfiar a língua na minha abertura.

Todo o bom senso e instinto de sobrevivência me abandona.

Ele acabou comigo e me fez algo que nunca pensei que seria. Eu sou uma escrava de nosso desejo.

*Eu sou apenas dele.*





# Vinte e um

## Gio

A noite do golpe vem mais cedo do que pensava.

Cada dia, vou até Grace treiná-la. Lentamente primeiro, mas logo ela se aquece para a tarefa. Na verdade, posso dizer que está gostando. Ela parou de ter medo de sair de sua gaiola para ficar fora o tempo todo. Às vezes ela usa as roupas que lhe dei, mas na maioria das vezes ela fica nua. A vejo desenhando, lendo, tomar banho e ela não corre como costumava.

Ela finalmente é minha. Minha princesa, finalmente, vê que é melhor ceder do que lutar.

Porque cuido dela. Atendo a todas as suas necessidades. É verdade que ela ainda está presa no quarto, embora não queira estar lá, mas não é uma prisão. Ela tem tudo o que ela poderia precisar e mais um pouco.

À noite, quando está sozinha, posso ouvi-la suavemente implorando meu nome. Amo isso. Os sons dela me desejando. Eu irei até ela, então, no meio da noite, e lhe darei tudo o que





precisa. Ela arqueia suas costas sob meu toque enquanto meus lábios roçam seu pescoço. Sussurro em seu ouvido, a faço implorar por meu pau grosso.

Ela quer sua liberdade. Entendo isso. Ela passou a vida inteira presa e abusada por seu pai desgraçado. Minha Princesa está cansada de viver trancada em uma jaula.

Disse-lhe que não será para sempre e é verdade. Cada dia que passa, experimento e descubro a melhor maneira de dar-lhe liberdade. Preciso encontrar uma maneira de mantê-la comigo e longe dos Romano imbecis. Preciso convencer meu pai a interceder em meu nome com os Romano. Ele é aquele em contato direto com eles. Bruno é a cara desta operação. E preciso dele para fazer isso por mim. Eu a quero e a terei. Não quero guerra por isso. Mas se acontecer.... É o que será. Uma guerra. Não a deixarei ir embora.

Está na minha cabeça quando encontro meu pai em um estacionamento abandonado na periferia da cidade. Nós dois estamos usando nosso uniforme de trabalho, calças com muitos bolsos cheios de balas e blusa preta. Tenho meu rifle pendurado em meu ombro, mais duas pistolas e uma espingarda. Ele sorri para mim quando saio do carro.

— Está pronto para isto, filho?

— Com certeza. — digo. Ele ri, claramente animado da maneira que sempre está na véspera de um golpe.

Tenho de admitir que também estou animado. Posso sentir minha escuridão rondando em minha mente, implorando para emergir. Ela precisa ser alimentada com sangue e a súplica





de meus inimigos. Sei que isso acontecerá em breve. A emoção que sinto é quase demais. E a vítima é o pai de Grace. Ele já causou tanta dor. De todos os homens na minha lista negra, este é pessoal.

— Vamos repassar o plano mais uma vez. — diz meu pai, levando-me para sua caminhonete. Ele abre um mapa da cidade sobre o capô e fico atrás, observando por cima de seu ombro,

— O Don tem um jogo de poker todas as noites de quarta-feira. — diz. — É aqui, no lado sul em alguma mercearia degradada. Ele acha que ninguém sabe disso, mas eu o tenho seguido. — Sigo seu dedo quando ele aponta para vários locais.

— Ok, então ele joga poker, mesmo estando protegido. — Sei que ele está. Cada vídeo mostra pelo menos três homens com ele. Homens que viriam em mim no segundo que a primeira bala disparasse. Não me importo em atirar muito. Prefiro uma jogada limpa.

— Certo. — confirma. — É aqui que eu entro. Atearei fogo em seus carros, aqui. — diz, apontando. — Uma vez em chamas, virão para fora. É quando você o tem na mira bem aqui. — Meu pai aponta para outro lugar.

— O que é isso?

— É um prédio do outro lado da rua. Abandonado, o lugar perfeito.

Aceno, meu rosto apertado. Parece um plano decente, embora eu não goste da incerteza em torno da distração. Ainda assim, esse tipo de coisa funcionou no passado e sei que não errarei o tiro.





— Antes de fazermos isso, quero algo. — digo.

Ele se escora contra a caminhonete, levantando uma sobrancelha. — O que quer?

— A garota. — digo.

Ele para, surpreso. — Você quer aquela puta mafiosa?

— Sim. — Não gostei que a chamou de puta, mas deixo essa passar. Por enquanto, pelo menos. Até que a tenha e esteja a salvo.

— Para quê?

— Ela é minha. Eu estou... apegado.

— Maldição. — diz, rindo. — Você foi laçado.

Eu tenho que me manter sob controle. Preciso de sua ajuda para convencer os Romano a me deixar mantê-la.

— Ela não é uma boa escrava sexual. — digo. — Os Romano não irão gostar dela.

— Então você fez isso errado.

— Não. — digo ferozmente. — Ela é só mais forte do que imagina.

Meu pai me encara por um instante, em seguida, suspira. — Realmente a quer? Pode ficar com ela.

Pisco, surpreso. Não achei que seria tão fácil.

— Ok. — digo. — Me ajudará a convencer os Romano? — Foi sua ideia para começar... e tenho fé em meu pai. Ele pode convencê-los. Sei que pode.

— Eles realmente não dão a mínima para ela. — diz. — Se conseguirmos este golpe, você pode ter quantas vagabundas Romano quiser.





Cerro meus punhos, mas em vez de bater em seu queixo, apenas aceno. — Ótimo. — digo. — Vamos então.

— Sim, caralho. — diz. Posso dizer que seu sangue agita com a adrenalina e já esqueceu nossa conversa.

Quando entramos em seu carro, essa conversa é tudo que consigo pensar. Para meu pai, Grace é apenas uma puta da máfia para ser usada e abusada até terminarem com ela. Ela é apenas um buraco úmido para foder e preencher. Mas para mim, ela se tornou muito, muito mais do que isso.

Sou protetor, possessivo com ela. Quero ser carinhoso, gentil e mais romântico do que já fui em toda minha vida. Quando estou naquele quarto com Grace e ela se entrega, a escuridão fica completamente silenciosa.

Nada silencia a escuridão. Ou pelo menos nada fez, exceto, talvez no momento da morte. Quando estou com Grace, porém, a escuridão fica quieta. Há somente eu e ela e o que estamos fazendo, nossos corpos entrelaçados ou simplesmente deitados lado a lado depois. Ela me faz sentir algo que nunca senti antes.

Ela me faz sentir em paz.

Olho para meu pai enquanto dirigimos para o sul de Chicago. Ele provavelmente nunca sentiu um momento de paz em sua vida. Ele também tem a escuridão dentro dele, assim como eu. Deve pensar que a escuridão desaparecerá se os Romano o deixassem entrar para a Família, mas sei que não.

Nada tão superficial poderia silenciá-la. Não sei o que poderia ajudá-lo. Duvido que algo possa a esta altura da vida. Ele





é uma causa perdida, mas eu não. Grace me mostrou isso. *Minha Princesa.*

Finalmente chegamos ao lugar onde o golpe acontecerá. Estacionamos no quarteirão de trás e meu pai aponta para fora do edifício.

— Lá à esquerda, é a mercearia. — diz, apontando. — E à direita é o prédio. — Ele aponta para um edifício mais alto de arenito que parece que uma vez foi uma loja com apartamentos em cima.

— Acesso ao telhado? — Pergunto.

— Há uma escada de incêndio nos fundos. Você pode subir dessa maneira.

Concordo. Fugas de incêndios são mais convenientes e limpas. — Cronograma? — Pergunto.

— Te darei — verifica seu relógio. — dez minutos para se posicionar. Então o fogo começa. — Ele sorri para mim.

— Ok. Bastante tempo. — Meu sangue bombeia com adrenalina.

— Lembre-se, um tiro. Então vamos sair daqui. Estarei por perto esperando no caso de algo dar errado.

— Entendido. — Abro a porta e saio.

— Filho, — diz. Olho para ele. — Não erre.

Sorrio. — Você sabe que não vou.

Ele acena quando eu viro e ando rapidamente pela rua.

O quarteirão é tranquilo. É uma rua residencial muito normal no lado sul. Os edifícios são de arenito, alguns com vasos de flores nos degraus, mas todos estão em muito mau estado.





Este é o bairro que a cidade esqueceu e assim o crime é descontrolado.

Não me surpreende que o Don venha aqui para jogar poker. Os Rossi têm esconderijos por todo este bairro. É seu território principal. Além disso, Don cresceu neste lugar. Provavelmente ainda tem amigos no bairro, e aposto que vai jogar com alguns neste momento.

Controlo meu relógio quando ando em direção ao prédio. Oito minutos. Encontro um beco entre os prédios e sigo até o final do corredor. Levo um segundo para localizar a escada de incêndio. Pulo e subo na caçamba de lixo antes de saltar e agarrar o degrau mais baixo. Este desliza para baixo com um rangido metálico. Fico ali por um segundo, observando, mas ninguém aparece.

Levanto e subo. Demora alguns minutos, mas finalmente chego ao telhado e me encontro em pé acima do quarteirão. Mais uma vez checo o relógio. Três minutos.

Me posiciono na borda do telhado e agacho para montar o rifle. Tenho um silenciador na ponta, uma luneta para visão de longo alcance e um tripé na frente. Encaixo na mureta e ajusto a luneta até que esteja perfeito. A distração deve separá-los o bastante. E com a escada de incêndio, irei embora antes que eles possam chegar a mim. Só preciso matar um. Os outros podem fazer o que quiserem.

Meu coração está acelerado. Puxo algumas respirações profundas para me acalmar, segurando meu rifle. A frente da mercearia está deserta, embora isso não signifique nada. Há





claramente três carros da máfia estacionados do lado de fora. São os únicos carros de luxo na região.

Seguro meu rifle, esperando. Já fiz isso centenas de vezes antes. Sou um bom atirador e nunca falho. Nunca matei um Don antes, mas ele é um homem como qualquer outro. Uma bala na cabeça e ele já era.

Segundos passam e então, minutos. Verifico meu relógio com uma carranca.

Ele está atrasado. Onze minutos passam, doze. Não há fogo lá embaixo, droga, não há nem sinal do meu pai.

Quando passam quinze minutos, começo a me preocupar. Minha pressão sobe. Algo aconteceu lá embaixo. Ele nunca chegou atrasado assim, não em um golpe importante. Talvez ele seja um inútil normalmente, mas quando estamos em uma missão juntos, é confiável como ninguém. Ele é uma rocha.

Exceto esta noite. Ele está atrasado pela primeira vez em nossa carreira juntos. Tento pensar nas causas prováveis, mas nada me vem. Não trouxemos walkie-talkies. Nem pensei nisso porque nunca os usamos, mas é claro que foi uma decisão estúpida.

Eu viro e olho para o telhado. Estou isolado e percebo que minha única saída é a escada de incêndio. Não há nenhuma entrada para o telhado do prédio em si.

Um som pega minha orelha. Olho em volta, franzindo a testa. É algo em descida, um ruído intermitente. Me leva um segundo para identificá-lo.





É um helicóptero, voando baixo, vindo diretamente em minha direção.

De repente, um clique em minha cabeça. O local que estou, o telefonema, o atraso do meu pai. Tudo faz sentido.

Pego meu rifle e o viro em direção ao helicóptero, apontando. Eu disparo alguns tiros, mas continua vindo mais rápido do que eu esperava. Tenho que recarregar enquanto alguém grita em minha direção, descendo no teto.

Meu pai. Maldito desgraçado. Pânico e raiva sobem em mim quando me preparo para atirar, tentando desesperadamente defender minha posição desfavorável.

O vento chicoteia meu corpo. Perdi minha chance de tentar escapar atirando neles como um maldito idiota. Há alguns buracos de bala no vidro da frente, mas o piloto parece ileso.

Quatro homens com rifles de alta potência saltam do helicóptero. Eles gritam comigo, mas não os ouço. Atiro mais duas vezes, acertando um cara no ombro, antes de eles chegarem a poucos metros de mim. Deixo meu rifle no chão e dou um soco no primeiro homem que avança.

O punho racha em sua mandíbula com um baque substancial. Fico satisfeito por meio segundo até que a traseira de uma espingarda me acerta na nuca e caio para frente.

Meu fodido pai. Aquele desgraçado, maldito e inútil. Ele armou tudo. Não entendo. Por que ele faria isso com seu próprio filho. Sua própria carne e sangue.

Pés esmagam meu corpo e então sou arrastado. Alguém me joga no helicóptero e depois o mundo começa a desaparecer.

As trevas me oprimem enquanto estou inconsciente da coronhada da arma em minha têmpora.





# Vinte e dois

## Grace

É melhor Gio me tirar desse maldito quarto. Coloco cor no desenho, sombreando-o. Amei este. Ele vai adorar também. Continuo olhando para a porta. Está atrasado hoje. Ele me disse que iria, mas ainda assim não me agrada.

Só quero vê-lo. Sinto falta.... Sinto falta de variedade, eu acho. Tentei explicar mais cedo. Preciso sair daqui. Ele disse que vou. Em breve. Sempre diz que será logo. Mas eu preciso de um prazo. Amo ser sua princesa, sua submissa, sua... seu tudo. É a maneira que me faz sentir e adoro isso. Mas preciso sair deste maldito quarto.

Abaixei o lápis e seguro o papel longe de mim. É lindo. Vejo a gaiola pela visão periférica. Agora parece tão pequena. É estranho, como antes não parecia assim, mas não consigo imaginar voltar para lá.

Viro para olhar para a porta quando ouço Gio vindo. Minha testa franze quando me ajoelho para ele. Sempre





começamos as noites com o treinamento. É basicamente como preliminares para mim agora. Coloco minhas mãos nas coxas e minha boceta aperta à sua espera. Mas há algo errado. O som dos passos está... diferente. Recuo enquanto algo bate à porta.

Meu batimento cardíaco acelera com preocupação. *Gio?*

Ouço uma voz abafada e então outra. Não é ele. Meu sangue gela e levanto da cama. Tem alguém aqui. O barulho parou, mas os ouço tentar um código. Não vai funcionar. Só Gio poderia entrar. Me afasto, os olhos na porta, arregalados de ansiedade.

Minha garganta fecha e me esforço para respirar. *Onde está o meu Gio?*

Penso em pegar roupas, mas o soco na porta me faz gritar e tudo que quero fazer é correr.

Quase corri para a gaiola, como se me esconder pudesse me salvar, mas não. Nada me salvará. Se esses homens estão aqui, significa que algo ruim aconteceu com Gio. Eu sei que ele não os deixaria perto de mim sem brigar.

Meu peito aperta e olho ao redor da sala por algo que posso usar como arma. Meu cavalete. Corro até lá, segurando a respiração. Quase gritei quando um grande estrondo na porta acompanhado de gritaria faz meu corpo congelar de medo.

Estalo o cavalete na minha perna e depois o grande bastão de madeira em dois. As bordas estão irregulares. Seguro ambos bem firme, sentindo a madeira escavar em minhas mãos. Espero, me movendo de um lado para o outro em meus calcanhares, mas não quero ficar aqui na área aberta. Não tenho





qualquer lugar para me esconder, no entanto. Olho debaixo da cama, porém, não me daria muito espaço para lutar. Em vez disso, vou para o banheiro e me escondo atrás da pequena borda da moldura da porta.

Meu coração dispara de ansiedade. Fecho meus olhos firmemente, rezando para Gio vir.

Cubro minha boca quando um soluço sai e largo a arma me dando conta que ele pode estar morto. Meu pai. Ele veio atrás de mim! É melhor não o ter matado. O Gio não! Não posso lidar com o pensamento.

*Não!*

Não! Gio! Não posso voltar para aquela casa e vida miserável. Não vou. À medida que o pensamento afunda em mim, a porta abre e os sons de vários homens entrando ecoa pelas paredes. Uma grande nuvem de poeira e fumaça entra no quarto e mal consigo afastar os homens. Meu coração afunda e escorrego na parede, meus dedos procurando as armas que eu deixei cair no meu pânico.

Mal sinto as pontas da madeira em meus dedos e as agarro com uma força que quase as quebro em dois. Me escoro na parede, esperando que vozes profundas falem em italiano. A fumaça e a poeira começam a dissipar. Tento ouvir sobre o sangue pulsando nas orelhas, mas não consigo. Não que eu entenderia, de qualquer forma.

À medida que se aproximam, me preparo para atacar. Pelo menos uma pessoa vai morrer. Não irão me levar. Não quero ir embora.





A ironia da situação se instala em meus ombros. Mal podia esperar para ir embora. Agora, tudo que quero é ficar. Uma sombra se arrasta lentamente pelo quarto.

Prendo minha respiração e coloco todo o meu peso no golpe.

Eu grito e quase piro quando vejo quem é.

Ele agarra meu pulso e cotovelo evitando a primeira estaca, mas a segunda cai em seu ombro, cortando a camisa fina e esfaqueamento sua carne.

*Tio Toni.*

Grito, cobrindo a boca e me curvo no chão em choque e medo.

Seu rosto contorce em agonia quando sua maldição penetrante ricocheteia na parede e os outros homens entram.

Tio Toni arranca a estaca enquanto alguém vagamente familiar me vê e grita para outra pessoa.

Me aproximo no chão. — Me desculpe. — Solto com a respiração.

O homem me joga um cobertor e tio Toni ajoelha. — Grace. — diz e me olha com tanta tristeza em seus olhos que caio em seus braços, enrolada no cobertor.

Estou em choque e tremendo de medo. A adrenalina e a ansiedade nem perto de ir embora. Começo a dizer algo. Eu quero fazer perguntas e saber sobre Gio.

Ele sabe?

Preciso saber o que está acontecendo, mas quando me afasto de meu tio e olho em seus olhos, os homens se reuniram





perto de mim e há um que reconheço bem. Alec. Ele está sempre ao lado do meu pai.

Mal consigo respirar e o medo deve estar escrito em meu rosto. Não posso voltar.

Meu corpo está frio e insensível. Estou em desvantagem.

— Shh, está tudo bem, Grace. — Meu tio diz me puxando mais perto. Meu coração bate tão forte que dói. Quero lhe contar tudo. Preciso saber o que aconteceu, mas com os olhos frios daquele homem em mim, não digo nada. Deixo meu tio sentir que me conforta.

— Nós temos você agora. — Ele acaricia minhas costas. — O fodido doente está morto. — Meus joelhos cedem e caio sobre o azulejo frio e duro.

— Gio? — Sussurro seu nome.

— Tudo bem, Grace. Ele se foi. Ele nunca vai te machucar.

— Gio? — Indago, meus olhos arregalados.

— Ele nunca vai te tocar novamente. Cuidamos dele. — Suas palavras deveriam ser reconfortantes. Mas não são.

Não, balanço a cabeça, violentamente. Não consigo respirar e luto para me mexer. Paralisada. Não, não o Gio. Não pode ser.

Tento engolir e recuperar alguma compostura, tenho lhe contar.

— Mova-se. — diz a voz fria de Alec e meu tio se afasta. — Eu a tenho. — diz ele, se abaixando para me pegar. Começo a empurrá-lo, mas vejo flashes do meu pai. Não posso desobedecer.





Tremo em seus braços e olho minha gaiola atrás dele no quarto.

Gio está morto. Pisco expulsando as lágrimas. Como pôde me deixar?

Aperto os ombros de Alec quando ele me carrega, falando com meu tio em italiano.

A gaiola é pequena e eventualmente desaparece de vista.

Passamos pela porta do meu quarto que foi completamente demolida. Um buraco na parede do lado e a porta está pendurada. Tudo destruído. Minha segurança completamente arruinada.

Um homem atrás de mim tem um corte gigante no braço e ele praticamente rosna quando passamos pela cozinha e o corredor. Ele olha para a porta dos fundos quando um cachorro late furiosamente.

— Devia ter matado aquele filho da puta. — Ele diz, e meu coração incha com esperança. Gio! Ele está vivo.

— Deixe o cão em paz. — meu tio amaldiçoa sob sua respiração.

O cão. Ele estava falando sobre o cachorro... Não, Gio.

Meu coração se parte em meu peito. Quebrando em pedaços minúsculos. Ele não pode estar morto.

Eles não podem tirá-lo de mim.

Preciso dele.

Não viverei sem ele. Não posso.





# Vinte e três

## Gio

O mundo é apenas movimento, luz e sombra. Não sei onde estou nem a hora. Estou tonto do golpe na cabeça, mas ainda estou vivo, o que é um alívio.

Ou talvez uma maldição. Eu tento levantar, mas não posso. Meu queixo está no peito e meu corpo dói, rígido. Me leva um momento para descobrir que estou amarrado a uma cadeira. Minhas mãos estão unidas em minhas costas, as braçadeiras cortando minha pele.

Inclino a cabeça para trás e gemo. Meu corpo inteiro dói dos vários chutes que me deram e provavelmente pior. Cada pequena respiração dói. Porra, espero que minhas costelas não estejam quebradas. O quarto lentamente começa a se materializar a minha volta conforme vou recuperando a consciência.

Acima há um holofote brilhando diretamente em mim. Isso me faz fechar os olhos rapidamente quando os abro. Mal





posso ver com meu olho esquerdo. Deve estar inchado. Limpo o queixo contra meu ombro. Está sujo de sangue.

Gemo e olho para frente quando o quarto entra em foco. Estou em um quarto pequeno. Talvez 3 metros por 3. Há um dreno debaixo dos meus pés, e as paredes são blocos de cimento brancos nu. O chão parece de concreto.

Lentamente a natureza inacreditável da minha realidade me acerta. Meu pai fodido me vendeu. Não pode ser outra coisa. Eles sabiam que eu estaria naquele telhado com quase nenhuma maneira de escapar. Me atrapalhar assim era sua única opção. Eles tiveram que me prender porquê de outra maneira, eu teria matado todos eles. Eles enviaram um fodido helicóptero porque estavam com muito medo de me enfrentar, os covardes.

Por que meu pai faria isso? O que os Rossi poderiam lhe oferecer? Estávamos tão perto de conseguir o que queríamos. Eu teria ficado com Grace e ele teria um lugar na Família Romano. Em vez disso, estou preso a uma cadeira, sofrendo com cem contusões.

*Oh, caralho.* Grace. Meu coração pula e luto mais forte contra minhas restrições. Ela ainda está trancada na sala de armas sem comida. Porra, caralho, porra. Estou completamente acordado ao pensar em Grace presa lá dentro, morrendo lentamente de fome, implorando para ir ajudá-la. Flexiono contra minhas restrições e luto, a ira me inundando, desesperado para escapar.

Preciso chegar a ela. *Minha Princesa.*





Tenho que salvá-la. Não posso deixá-la morrer de fome naquele quarto. Porra! Minha necessidade egoísta de mantê-la vai lhe causar dor. Eu devia libertá-la. Sei que deveria. As coisas estavam indo tão bem. Ela me adora. E eu a amo. Sei que sim. Estava com muito medo de arriscar que me abandonasse.

Espero que o Rig esteja bem. Ele tem sua porta de cãozinho e um alimentador automático. Espero que seja inteligente o suficiente para fugir se atacarem minha casa e ele pode conseguir comida e água do alimentador. Mas não posso ter certeza.

Grito, esticando as braçadeiras. Só queria ficar com ela. Eu não queria que ela me abandonasse. E agora ela está presa por minha causa.

Minha escuridão está com sua fúria em nível máximo. Quer vingança contra meu pai enquanto tudo o que quero é correr para casa e me certifique que Grace está a salvo.

— Ei! — Grito. — Filhos da puta! Venham, fodidos covardes!

Há um silêncio enquanto continuo a lutar. Eventualmente, inclino a cadeira e bato no chão, esmagando minha cara contra o piso de concreto. Porra! Estendo meu maxilar machucado, me afastando do chão frio e implacável. Resmungo e quase desmaio, mas consigo ficar acordado.

Um minuto depois, a porta abre. Alguém entra. Só posso ver seus pés quando ele se aproxima. Minha respiração acelera à medida que a adrenalina alimenta meu sangue.





O homem me agarra e levanta a cadeira. Olho em seu rosto, desafiador e irritado. Espero que me derrube, chute a porra da cadeira. Ele precisa. Tenho que quebrar essa coisa, então terei uma chance. Tenho que chegar a Grace. À medida que o plano se forma em minha mente, percebo quem estou encarando.

É ele. O Don, o pai de Grace. O homem que quero matar mais que tudo neste mundo pelo que fez com sua filha. Com a minha Princesa.

— Então — diz. — Você é quem estava prendendo minha filha.

O encaro, não digo uma palavra.

— Está em um lugar muito ruim agora, Gio. — diz. — Nós sabemos tudo sobre você. Já há algum tempo.

— Vai se foder. — praticamente cuspo.

Quase lhe digo onde Grace está. Quase, mas tenho medo do que fará com ela. E por mais triste que pareça, meu pai sabe que ela está lá. Ele sabe o que sinto por ela. Se ele alguma vez me amou, irá salvá-la.

— Ótimo. Desafiador. Forte. Gosto disso. Posso ver porque minha filha está interessada em você.

O encaro, mas não digo nada, mesmo quando o medo corre em minhas veias. — A encontramos trancada. — Diz e estala a língua. Está me sacaneando. Não sabe porra nenhuma sobre Grace e eu. Não posso entrar em seus jogos. Não há nenhuma maneira de estar com ela.

— Me diga, Gio. — diz quando anda atrás de mim. Posso ouvi-lo fazendo algo lá atrás que soa como um metal estridente.





Finalmente, ele volta. Está segurando uma faca curvada e grande em sua mão e ele tem um sorriso enorme no rosto. — Diga-me o que sabe sobre os Romano.

Encaro-o e não digo nada. O sorriso nunca deixa seu rosto quando ele faz um corte na minha coxa.

Eu gemo, travando os dentes, enquanto a dor me inunda, mas não grito. Não lhe darei essa satisfação.

— Fale, Gio. — ele diz. — Quero saber tudo sobre os Romano e seus inimigos. Quero nomes. Bruno já te entregou. Sua própria carne e sangue, te vendeu por uma posição em minha Família. Pode imaginar isso? — Reprimo a dor. Mesmo que já soubesse, dói pra caralho. Ele estala a língua e balança a cabeça. — Bem, ele não vai durar muito tempo conosco. Não toleramos traidores, embora agradeça que tenha me mostrado onde minha Grace estava.

Não! Aquele fodido desgraçado! Cerro os dentes de ódio que conseguiram achá-la. Que meu próprio sangue lhe devolveu. Sei que a porta a protegeria de um intruso despreparado. Mas se soubessem, iriam com ferramentas e explosivos. Chegariam até ela.

Resmungo e flexiono contra as restrições, tentando ficar livre. A raiva espalha pelo meu corpo e sei que a violência irá saciar essa raiva. Mal consigo respirar só na ideia de meu pai devolvê-la a esse cara. Entregá-la a um homem que lhe causou tanta dor. A traição é muito maior do que o que ele fez comigo.





Meu pai imbecil. Esse desgraçado pai de Grace. Os dois homens estão mortos. Os rasgarei membro por membro, até que implorem por misericórdia. Não pararei. Nunca.

— Vá se foder. — lhe digo sob a respiração.

Ele ri e corta minha outra perna, a faca afiada escorrega facilmente pelo músculo. Estremeço e resmungo de dor, cerrando os dentes e quase caindo para a frente, puxando contra a braçadeira, mas não grito. Já estive pior. Posso lidar com isso.

Prefiro morrer a ser um traidor. O deixarei me destruir, se for preciso, mas nunca falarei.

Continuamos assim por um tempo. Não sei quanto. Ele me faz perguntas, não respondo, e então me corta.

Ele se torna criativo depois de um tempo, tirando fatias finas e derramando sal nas feridas abertas. Pelo menos deixa dormente por um tempo. Tanta dor deixa minha visão turva. Nada disso causará danos graves. É só pela dor. Apenas dor tortuosa. Eles me dão pausas, até me alimentam e me dão água, mas a dor volta.

Durmo pelo menos uma vez. Sem ideia de tempo. Estou naquele quarto, amarrado à cadeira e é tudo o que sei.

Continuo mudo. Não irei falar. Posso sentir minha vida por um fio e parte de mim quer que finalmente acabe.

Mas a outra parte, a mais forte, quer sobreviver. Quero superar isto até ter a chance de me vingar.

Vou matá-los, mutilá-los, queimá-los. Pela minha Princesa. Tenho que viver por ela. Preciso salvá-la.





Isso é o que me sustenta. Raiva e violência. Mesmo através da tortura, meu silêncio nunca oscila, a única coisa que me mantém em pé é a fúria. Me preocupo com Grace a cada segundo, mas minha vingança será por nós dois.

Sem ela, minha vida está terminada. Estou bem com isso. Posso lidar com isso. Quando concluir, posso me juntar a ela, onde quer que esteja.

Depois de cortes, pontapés e hematomas, sobrevivi. Um dia, talvez dois, não tenho certeza.

Não sei que horas são quando Toni aparece no quarto. Ele fica perto da porta, os braços cruzados, com um sorriso no rosto.

— As câmeras foram inteligentes. — diz ele, como se estivesse longe. — Mas nunca ia me pegar. Talvez meu irmão, mas nunca a mim. — Ele ri.

— Foda-se. — Resmungo. É tudo o que digo.

— Sim, claro. Vou me foder. — Toni sorri e quero matá-lo lentamente. — Estou aqui para te mostrar uma coisa, Gio. Acho que pode ajudá-lo a encontrar sua língua.

Cuspo para o chão e olho para ele.

— Tudo bem. — diz ele. — Só quero que saiba que não tenho nenhuma má vontade em relação a você. Entendo que está apenas fazendo seu trabalho. Bem, exceto com Grace. Minha querida sobrinha, Grace. Ela é maravilhosa, não é?

O encaro. Meu coração acelera. Odeio que use o nome dela. Ninguém da família Rossi a merece.

— Você quer vê-la, não é?





Não cederei a seus truques. É apenas um jogo estúpido que estão jogando.

— Você está desesperado para certificar-se de que ela está bem. Bom, posso fazer isso por você. Gostaria disso?

Sim, quero vê-la. Quero ter certeza que ela está bem, mas não assim. Não quando não posso salvá-la. Não lhe dou nada. Nada mesmo. Não lhes darei nada. — Vá se foder. — Resmungo.

— Grace. — diz. — Venha aqui.

A porta abre com um ruído alto e filtros de luz do dia entram no quarto. O Don entra, sorrindo perversamente.

Seguido por Grace. Sua cabeça está baixa.

Sinto que desmaiarei. Meu coração está martelando no peito.

É ela. Está a salvo. Ela está viva. Grace levanta a cabeça para me olhar e horror passa por sua expressão.

Eles a têm. Mas pelo menos está viva. Pelo menos ela tem uma chance.

Isso me dá esperança. Sinto um novo surto de força passar pelo meu corpo com sua visão. Ela é tão linda, tão perfeita. Sei o que tenho que fazer.

Os matarei. E então pegarei o que é meu.





# Vinte e quatro

## Grace

Mal andava quando Alec me empurra para o quarto. Eu sei que porta é. As pessoas que entram aqui nunca vão embora. Talvez a decepção do meu pai comigo, mesmo sem dizer nada, finalmente o fará me matar. Não sei, e não me importo.

Meu tio está ao lado da porta e nem consigo olhá-lo nos olhos. Seus braços estão cruzados e posso sentir seus olhos em mim, mas não devolvo seu olhar. Não suporto a visão de qualquer um deles. Todos esses anos pensei que ele me protegia, como fui burra.

Pensei que ele me amava, pensei que me mantinha a salvo. Eu estava tão errada. Tio Toni não fez nada além de me manter calada. Talvez tenha impedido os espancamentos, mas nunca me salvou. Não como Gio.

O próprio pensamento faz meu coração doer.

Eles o mataram.

Respiro fundo. Alec está empurrando minhas costas, pelo menos, alivia à medida que nos aproximamos da porta. Meu tio





pode ter alguma influência, mas não é suficiente. Não mais. Ele permitiu me machucarem. Estava orgulhoso de dizer que Gio estava morto.

Eu o odeio. Odeio todos eles. Não disse uma palavra para qualquer um. A única coisa em minha mente é como sair daqui mas preciso matar meu pai primeiro. É a única coisa que estou focada. A única coisa que me manteve viva desde que voltei para cá, trancada no meu quarto.

Ele nem sequer tentou falar comigo. Ele não dá a mínima.

A única companhia que tive foi meu tio, mas não podia falar com ele. Não disse uma palavra pois, ele me contou que estavam esperando uma oportunidade para matá-lo. Toda essa história me envolvendo tinha meu tio como alvo. Esta era a razão por ele não vir em meu socorro. Entendo, de verdade. Mas não me importo.

Todos os anos que passei aqui me fizeram fraca. Gio me deu uma razão para viver. Ele me fez ver uma força que nunca imaginei que tinha.

E agora ele está morto.

A mão do meu tio descansa no meu ombro, me parando na frente da porta. Sua mão é fria e áspera. Ele se curva e fala baixinho. — Vai ficar tudo bem. — Suas palavras suaves afundam, ressoando em meu ser.

Olho-o nos olhos. — Não, não vai. — ele se afasta com a minha resposta simples. — Nunca ficará bem. — As palavras mais verdadeiras já ditas.





Meu olhar cai quando a porta abre, revelando meu pai.

Mantenho meu olhar firme no chão. É preciso todo meu esforço para não olhar para ele. Meu ódio cresceu e me consumiu. O juízo que me mantinha a salvo de sua raiva desapareceu. Me espanque. Me chicoteie. Me humilhe. Não me importo. A última coisa que farei será colocar este homem na sepultura.

— Grace. — Seus olhos estão estreitos e seus dentes amarelos aparecem através de seu sorriso doentio.

Não respondo, ao invés disso, entro, o ignoro e me preparo para tudo o que vai fazer comigo.

Só dou dois passos e então congelo. Minhas pernas ficam dormentes e os joelhos ameaçam ceder. Suspiro, cobrindo a boca, o coração e corpo esfriando. Os olhos ardendo com lágrimas, mas não posso deixá-las vir. Ele está aqui. Gio está vivo.

Meu tio agarra minha cintura e me mantém de pé. Meu corpo está tremendo.

Ele está vivo.

— Gio! — Chamo e tento correr para ele. Ele não está bem. Seu rosto está sangrando e tem hematomas e cortes por todo o corpo.

Não suporto a visão. Cada parte do meu corpo arrepia com horror e meu sangue gela. Meu tio aperta meus antebraços e puxa minhas costas em seu peito. Tento golpeá-lo na barriga, luto com ele, chutando e gritando para me soltar. Embora não possa tirar meus olhos de Gio.





— Grace. — sua voz é cheia de convicção enquanto luta contra as restrições segurando-o a uma cadeira. — Não toque nela! — Gio grita. Só de ouvir sua voz remenda um pedaço quebrado da minha alma. Minha voz falha e as palavras se recusam a deixar os meus lábios.

Finalmente desvio os olhos dele e caio de joelhos, as mãos segurando a camisa do meu pai. — Por favor! Solte-o! — O coração se aperta no peito. Se alguma vez me amou, ele o pouparia. Um soluço rasga minha garganta.

— Ele não fez nada, por favor. — a palma da mão do meu pai bate em meu rosto. A força foi tão grande que faz minha cabeça girar quando caio duro no chão.

— Filho da puta. — Abro os olhos e pela minha visão embaçada vejo o sorriso cruel do Alec e, em seguida, do meu pai.

Meu coração desaba. Eles nunca vão salvá-lo.

Reprimo todas as emoções além do ódio. Um vazio escuro assume.

Posso ouvir os gritos. De Gio e do meu pai. As pernas da cadeira de Gio raspam no chão, mas tudo se transforma em ruído branco. Meu corpo aquece e uma raiva que nunca senti me envolve apertado, me pregando ao chão enquanto se infiltra em meu sangue.

— Você é um rato! — Meu pai assobia quando agacha mais perto, perto o suficiente para me bater de novo. Minha cabeça atira para o lado e meus lábios cortam com o impacto. A dor penetrante disparou da bochecha aquecida até a garganta. Embora já previa isso. Só serviu para alimentar minha raiva





crescente. Coloco minha língua para fora e o gosto metálico do sangue enche meus sentidos.

— Ela não sabe de nada! — Gio grita. Olho fixamente para os blocos de cilindro na parede, me concentrando na minha respiração, olhando o quarto. À procura de opções.

É silencioso por um momento quando meu pai anda pelo quarto. Sei que vai matar Gio. Não posso permitir. Não serei capaz de respirar se deixa-lo morrer nas mãos do meu pai.

Olho por cima do ombro. Meu sequestrador, meu mestre, meu tudo está tão ferido e marcado. Mas ainda está lutando. Também não pararei de lutar. Não, até o fim.

Os olhos de Gio vão de mim para meu pai, a rigidez em suas feições, dando lugar a uma vulnerabilidade que nunca tinha visto. — Apenas solte-a. — Sua respiração está pesada quando meu pai dá uma risada sem humor. — Ela não fez nada, não me contou nada.

Não contei. Não sei de nada. Mas a verdade não é o que meu pai quer.

Essa é apenas mais uma razão para me ferir. Talvez o bastante para me matar dessa vez.

— Você é minha filha. Uma Rossi! — Ele grita tão alto na minha cara, que faz meu peito doer. Me afasto por instinto e odeio isso. Recuo em minha bunda, o concreto duro sob minhas palmas e assisto enquanto meu pai vai para a borda da mesa de aço na parte de trás do quarto. Sua raiva o consume.

Alec se move para o lado quando meu pai segura a mesa e a vira, todas as facas e outras armas de tortura voam pelo





quarto e caem no chão ao meu lado. Meus braços cobrem meu rosto quando viro meu corpo.

Tio Toni grita em italiano, agarrando meu pai pelos braços, tentando evitar que ele me espanque. Gio está gritando, sua cadeira cada vez mais perto de mim. Mas nem um deles pode me salvar do chute nas minhas costas. A bota dura do meu pai bate em mim.

— Tenho uma traidora como filha! — O cuspe de seu desprezo atinge o meu rosto quando ele agarra meu braço e me vira para si. — Vadia traidora!

Vejo a faca. A ponta afiada brilhando na luz fraca vindo do corredor. Não hesito em pegá-la, ignorando o chute no estômago e rapidamente, virando nas minhas costas. Quase escapa de minha mão suada enquanto a seguro.

Os olhos do meu pai arregalam quando agacha mais perto, com a intenção de me bater outra vez.

Me machucar como fez por anos. À espera que lhe obedeça como sempre.

Um grito violento rasga minha garganta quando mergulho a lâmina do lado do seu pescoço. Abaixo o máximo que posso.

Meu coração falha, tudo queima dentro de mim enquanto puxo a faca, sangue jorrando de sua ferida e seu corpo frio em estado de choque. E o esfaqueio mais e mais.





# Vinte e cinco

## Gio

A escuridão em mim se despedaça quando Grace mergulha a faca em seu pai. Me sinto impotente quando vejo a luta com o medo, a raiva e a vulnerabilidade crua brilhando em seus olhos. Nunca a morte pareceu tão real para mim. E não posso fazer nada.

Luto contra as braçadeiras cavando e cortando a carne dos meus pulsos, o sangue escorrendo pela minha mão das feridas.

Porra! Preciso ajudá-la. Não posso ficar aqui e assistir, mas sou um inútil.

— Seu desgraçado! — Ela grita e mergulha a faca de novo.

— Vadia. — ele geme, finalmente escorrega na parede enquanto o sangue derrama do seu pescoço. As mãos dele tentam parar o fluxo, mas ela fez muito estrago. Consequência do que ele fez. Ainda tenta lutar, porém, a perda de sangue é muito rápida.





Assisto, completamente indefeso, incapaz de fazer qualquer coisa. Queria levantar, tirar a faca dela e terminar o serviço. Ela não precisa de sangue em suas mãos.

Mas parte de mim agradece que finalmente esteja fazendo isso. Que seja a única a pôr fim à sua dor. Grace é tão forte. Vi essa luta nela e agora está usando. Mas me dói que precise. Odeio que tenha acontecido assim. Grace queria liberdade a vida inteira e agora está conseguindo. Matar o homem que a prendeu e abusou por tanto tempo foi uma forma segura de exorcizá-lo de sua mente. Ele nunca poderá machucá-la novamente, não depois que o esfaqueou até a morte.

Toni fica na porta, braços estendidos. — Afastem-se. — ele rosna para os homens que tentam passar por ele e ajudar Martino, mesmo que seus olhares retratem o choque e alguns orgulhosos de vê-la derrubar seu pai.

Alec ignora Toni, agarrando um martelo que está manchado com meu sangue do chão. Empurro para frente, desesperado para salvá-la do golpe, gritando e lutando de novo. Minha cabeça bate no concreto, a cadeira pousa duro na frente de Grace. Não é suficiente, mas é tudo que posso fazer. Me preparo para o golpe do martelo esmagar o meu crânio. Em vez disso, um grande estrondo ricocheteia na parede. *Bang!* E depois outro *Bang!*

Meu coração pula no peito, medo me paralisa. A Grace não. Por favor, Deus, não.

Abro os olhos e assisto Alec cair no chão, joelhos primeiro e depois seu corpo em colapso. Seu olhar está vidrado e escuro,





um pequeno buraco no pescoço e sangue borbulhando. Vejo como o líquido escoa pela garganta e espalha na camisa.

— Deixe a garota terminar isso. — Toni diz atrás de mim e viro ligeiramente para assistir.

Grace cai em soluços sem palavras quando olha para seu tio, ignorando a maldição que o Don mal consegue murmurar, empurra a faca na garganta de seu pai. Com um gorgolejo final ele é silenciado, o sangue escoa todo o piso de concreto, ele se vai.

O sangue escorre pelo concreto e desliza no dreno debaixo de minha cadeira. O Don dos Rossi está morto e Grace está ensopada em seu sangue.

Toni olha para Grace. Ele não se incomoda em olhar para mim e não o culpo. No que lhe diz respeito, não sou nada. Toni provavelmente nunca imaginou que Grace teria coragem para fazer isso, mas agora está feito. É algo que ele deveria ter feito há muito tempo.

E ele é o líder da família Rossi. Por direito, ele agora é o Don.

Toni avança para Grace. — Querida. — diz suavemente, estendendo a mão para ela. — Me dê a faca. — Os homens na porta ficam ali e aguardam o próximo comando.

Ela o encara com lágrimas nos olhos. — O quê? — Indaga depois de um longo momento, como se não tivesse escutado.

— A faca, Grace. Me dê.





— Pode entregar. — lhe digo. Grace não pode lutar com ele também. Não pode lutar contra a Família toda. Seu tio não vai machucá-la. Ninguém irá. Toni irá libertá-la.

Ela olha para mim, respirando fundo e acenando para si mesma. Entrega a faca para Toni. Precisa ser consolada. Me esforço mais uma vez, é inútil e me sinto frustrado. *Grace precisa de mim.*

Toni pega a faca e entrega a um de seus capangas. Os homens se reúnem na entrada do quarto, olham para o cadáver do Don sangrar lentamente no chão. Há tanto sangue e aposto que todos estão surpresos com o quanto ele está sangrando. Já vi muitas vezes antes. O corpo tem um monte de sangue e é sempre um choque ver tudo espalhado no chão.

— Essa é uma boa menina. — Toni lhe diz. A ajuda lentamente a levantar. Os encaro, não sei como me sinto sobre isso. Ele está sendo gentil com ela, mas posso ver a sagacidade em seus olhos. Já está calculando o que pode fazer e como pode usá-la para seu próprio benefício. Grace precisa se afastar de todos. Eles apenas a vêm como um peão e é muito mais do que isso. Merece muito mais.

— Solte-a. — digo a ele.

Seus olhos brilham para mim.

— Te darei o que quiser.

Toni zomba de mim. — O que você teria que eu iria querer?

— Tenho nomes de contatos, a localização dos armazéns. — sei que dizendo estas coisas me faz um traidor, mas lhe darei





tudo e qualquer coisa para libertá-la. — Sei dos arranjos que estão fazendo nesse instante, mas não está chateado que Grace acabou de matar teu irmão. Agora você é o Don. Conseguiu o que queria.

Ele me observa por um segundo, seus olhos estreitando, então olha para Grace. — O que acha, Grace? Quer ir embora?

— Quero. — ela diz com uma voz pequena. Posso dizer que ela ainda está processando o que aconteceu e não posso culpá-la. Esta é a primeira vez que matou alguém. Ela está em choque.

Ele a puxa para si e esfrega suas costas, é reconfortante e sem qualquer olhar no rosto, mas o meu próprio, posso ver a dor por trás dele. Ele pode ser um fodido doente, assassino e alguém que está disposto a sacrificá-la, se necessário, mas lá no fundo ele se importa com ela. — Ok então. — Toni me olha. — Tenho uma oferta para você. Você está preparado?

— Estou pronto. — digo.

— Por que os Romano querem guerra? — Grace vira em seu abraço, seus olhos em mim.

Eu olho para ele por um segundo, surpreso com a pergunta. Pensei que a resposta fosse óbvia, mas a verdade me bate em uma súbita compreensão.

Os Rossi não têm ideia por que os Romano estão declarando guerra. Talvez eles tenham palpites, mas os Romano nunca entraram em contato com eles. O que dizem é que se trata apenas de um ataque aleatório sem qualquer provocação.





— É para ganhar território. — respondo. — Vocês fizeram um acordo com o sindicato de Zhang com o qual os Romano costumavam fazer negócios. Eles riscaram os Romano e eles estão bravos.

— Como a fodida decisão deles é problema meu? — Ele libera Grace e ela recua, seus olhos caem para seu pai e então para mim.

— Nós poderíamos ter negociado. — Toni diz com uma voz dura, enrijecendo seu maxilar.

— É mais fácil negociar com um homem morto. — indico.

Ele balança a cabeça, claramente, considerando o que eu disse.

— O deixe em paz. — Grace diz quebrando o silêncio.

*Minha Princesa.* Olho para ela com orgulho.

Toni ri. — Ele te arruinou mesmo, não é?

Encaro o idiota. Ondas de raiva passam por mim, mas preciso jogar minhas cartas direito. Me mantenho sob controle. Por agora.

— Ok. — ele disse finalmente. — Acho que tenho um acordo para você.

— O que é? — Pergunto, impaciente.

— Levar uma mensagem para os Romano por mim. Se fizer isso, te deixarei viver. Caso contrário, terei toda minha Família te caçando. Compreende?

— Que mensagem?

Ele sorri. — Só uma coisinha. O deixarei saber em breve. Quero que a mensagem seja clara. Temos um acordo?





O encaro e sei que deveria declinar. Não devia aceitar sem saber o que é exatamente esta mensagem.

Mas então olho para Grace e tenho que aceitar. Ela não pode voltar para essas pessoas, estes animais. Ela é minha e farei de tudo ao meu alcance para ficar com ela e mantê-la segura.

— Eu aceito. — digo.

— Maravilhoso. — Toni sorri e faz um gesto para mim. O capanga com a faca entra e corta minhas cordas e as braçadeiras em torno de meus pulsos.

Levanto lentamente. Meus músculos gemem de dor, mas não me importo com a dor em meu corpo. Grace se empurra da parede e corre para mim. Ela joga os braços à volta do meu pescoço e a puxo para mim, a segurando firme. Meus olhos nunca deixam Toni, ou qualquer um dos outros homens. Não confio neles. Precisamos sair enquanto podemos.

O alívio de segurá-la em meus braços é inegável. Tenho milhões de contusões e cortes, mal posso me sustentar em pé, mas jamais me senti melhor em toda a minha vida.

Ela se afasta e fica ao meu lado, enfrentando seu tio. — Vou embora com Gio. — ela anuncia com uma voz firme.

Ele levanta uma sobrancelha. — O caralho que vai. Você é uma Rossi.

— Estou indo embora. — diz ela. — Meu pai está morto e agora estou livre. — Os homens se movem desconfortavelmente, assistindo-os se encarando. Mexo meu ombro na frente dela. Ele não tem motivos para prendê-la, mas ele poderia, se quisesse.





Toni fica a olhar para ela, em seguida, para mim. — Isto é o que você quer, também? — Eu posso ver a compreensão em sua expressão. Uma imensa pressão sai do meu peito.

— Ela vai para onde eu vou. — digo simplesmente.

Ele balança a cabeça, sua expressão incrédula. — Que casal fodido.

Não posso segurar o sorriso enorme. *Talvez, mas não pensaria isso de outra maneira.*

Toni suspira. — Puta que pariu! Tudo bem, garota, vá com ele. Não me importo. Mas lembrem, se ele não honrar o acordo, vocês dois estão mortos. — Seus olhos viram gelo olhando-a.

— Leve-o para se limpar primeiro. Ele não vai sair assim nem fodendo! Não preciso de nenhum policial vendo esta merda. — E você. — ele aponta para um homem atrás dele. — Pegue a caminhonete dele. — Seu rosto está duro quando ele se vira para Grace. — Se houver alguma coisa que quer, vá pegar agora. Não tenho certeza de que será bem-vinda de volta aqui. — Ele balança a cabeça, olhando entre nós dois. — Não depois que o escolheu sobre sua Família.

— Eu irei com ela. — Digo, agarrando o kit do idiota que acha que vai encostar em mim. Posso dar conta disso sozinho.

Dói para caralho, cada movimento causa uma dor excruciante espalhando pelo meu corpo.

A sigo, apertando a mandíbula e me recusando a demonstrar qualquer expressão de dor o máximo que posso.





— Serei rápida. Fique aqui. — ela sussurra ao chegarmos nas escadas. Os olhos dela estão suplicando, mas eu não a abandonarei.

Balanço a cabeça, e deve ver a convicção em meus olhos. Ela acena e me leva ao seu quarto.

Algum idiota joga algumas roupas para mim, assim que chegamos ao quarto dela e me leva mais tempo do que gostaria de ser capaz de colocá-las, felizmente ela não viu. Não quero que me veja enfraquecido. Preciso ser forte por ela.

Assisto enquanto ela toma banho e eu lentamente troco de roupa, meus olhos na porta fechada de seu quarto.

Leva apenas alguns minutos até que ela esteja limpa do sangue de seu pai, tenha embalado algumas roupas e algumas lembranças. Lhe comprarei o que precisar, no entanto. Ela não precisa de nada disso.

Pego a sua mão e saímos sem outra palavra. Estou mancando mais do que gostaria, mas isso não importa. Deixarei este lugar com Grace e ela saberá que está livre.

Passamos por Toni, pelos capangas no corredor e em direção a uma porta no final.

— Por aqui. — ela diz puxando minha mão.

Descemos o corredor e ela empurra a porta.

Assim que saímos, tenho Grace firmemente contra meu corpo, desfrutando de um momento para segurá-la realmente. Estou tão orgulhoso dela. — Você fez bem, Princesa. — sussurro em seu ouvido.





— Eu o matei. — ela diz suavemente. Posso ouvir a dor em sua voz, mas também a gratificação.

— Estou orgulhoso de você.

Ela recua e olha para mim, crua vulnerabilidade em seus olhos. — Sério?

— Realmente. — A beijo suavemente nos lábios.





# Vinte e seis

## Grace

Podia sentir a faca mergulhando em seu peito. Meu pai. O Don.

*Eu o matei.*

Eu quis matá-lo por tanto tempo. Eu fantasiava com isso. Chorei por horas no meu quarto, depois que me disseram que Gio estava morto, imaginando todas as formas que poderia assassinar meu pai. Não sabia como faria e agora que está feito, ainda estou descrente.

Não hesitei. Não pensei. Só vi a oportunidade e agi. Peguei a faca e o matei com toda a fúria e a raiva de toda a minha vida acumulada naquele momento.

Me senti horrível. Me senti destruída. E me senti... libertada.

Me senti *bem*. Mais uma vez, sinto como se estivesse doente. Matei e não me arrependo. Me apaixonei por um homem que me aprisionou. Realmente devo estar doente.





— Princesa? — A cadência áspera de Gio quando chama meu nome faz com que meu corpo aqueça de desejo.

Olho para cima, espantando meus pensamentos. Gio está me olhando, preocupação clara em seu rosto. Estamos parados no sinal vermelho. A caminhonete está em marcha lenta. Tivemos que caminhar até seu carro enquanto eles assistiram, ao mesmo tempo agarrei sua mão com medo. Como se meu pai pudesse vir atrás de nós. Mas ele está morto. Tenho que me lembrar.

— Estou bem. — digo suavemente. Por alguma razão, quero mentir para ele. Não quero que fique chateado ou se preocupe comigo. Sei que é loucura, mas é a verdade.

— Não está tudo bem. — diz simplesmente. — Nós estaremos em casa em breve. — Ele estende o braço para o meu lado e pega minha mão, um gesto repentino e reconfortante.

É uma coisa tão pequena, mas eu precisava disso.

Casa. Nunca tive uma casa. Apenas uma prisão. Olho para ele de esguelha e me pergunto se ele vai me colocar naquele quarto. Ele não pode. Isso me esmagará se ele tentar. Estou finalmente livre, e sei o que quero. Uma vida juntos. Mas não posso ser prisioneira mais. *Nunca mais.*

Me inclino para trás no assento e aceno com a cabeça. Gio foi ferido e espancado, de uma forma horrível, mas ele segue a vida. Ele é o homem mais forte que já conheci. Estava disposto a tudo para me salvar, para me manter segura. Apesar de tudo, sei que tipo de homem Gio é. Ele é o tipo de homem que quero ao meu lado o resto da vida. Acho que ele também me quer, mas preciso ouvi-lo dizer isso. Estou desesperada por essas palavras.





A imagem do cadáver de meu pai sangrando continua voltando para mim.

Aperto a mão de Gio e ele aperta de volta. Tenho que segurar firme ou corro o risco de cair no meu pesadelo. Gio pode me ajudar. Sei que pode. Ele passou por isso antes. Ele já matou antes.

Paramos em frente à sua casa, o caminho de cascalho resmungando sob os pneus. Dou uma boa olhada pela primeira vez, a única vez, sem qualquer receio. É uma bela casa, construída para se parecer com uma cabana, mas sei que é muito maior do que parece.

Parece um lar. Posso até imaginar o balanço na varanda. Olho para esquerda e me pergunto se Gio construiria um para mim. Ele me deu tudo que pedi, mas as coisas são diferentes agora.

Elas sempre serão diferentes.

— Vamos, Princesa. — Diz quando sai do carro. Ele dá a volta pela frente e pega minha mão novamente. — Vamos entrar.

— Tudo bem. — digo acenando minha cabeça, me sentindo tão insegura e deixo-o me levar pela grande porta da frente. O cachorro late e Gio rapidamente vai para a porta dos fundos, deixando-o entrar. É um cão grande e preto e no começo eu estou surpresa e assustada. Mas ele vem até mim e senta, esperando pacientemente por mim para acariciá-lo.

— Bom rapaz. — diz Gio, afagando sua cabeça. Me aproximo e hesitante o acaricio. Nunca tive um cão. Meu medo





diminui, me curvo para o cão e então rapidamente me endireito quando ele me lambe o rosto e quase me derruba.

— Vai embora, Rig. — Gio diz enxotando o cão para fora. Enxugo a baba e sorrio um pouco, quando o cão abana a cauda e passeia além de Gio.

Dou uma volta enquanto entro. Lembro vagamente do mobiliário moderno e linhas limpas, lustrosas quando meu tio me levou embora há alguns dias. Gio me leva à cozinha e me senta na ilha de granito, em um banquinho de bar. É estranho estar na sua casa e não naquele quarto. Estar livre pela primeira vez. Mesmo na casa do meu pai. Alguém sempre estava vigiando. Olho para Gio e me pergunto se será assim de agora em diante.

Algo dentro de mim se instala, já sabendo a resposta. Gio é diferente. Eu sei que é.

Também me parece normal estar sentada aqui com ele. Ele vai até a geladeira e me oferece vinho. Ele puxa uma garrafa, roxo escuro, quase preto. Não consigo ler o rótulo, mas não importa.

— Não, obrigada. — digo em voz baixa, embora poderia usar algo para os nervos. Estou muito abalada e me sinto no limite. Preciso do meu juízo. Ele acena e prepara uma bebida. Uísque com gelo. Senta à minha frente, gelo tilintando em seu copo.

Ficamos calados por um momento enquanto olho o lugar.

— Venha aqui. — diz, abrindo os braços.

Fico de pé rapidamente, precisando de seu toque. Preciso de seu conforto, preciso de sua garantia. Ele estica o braço e





agarra minha cintura, me puxando para si e em seu colo. Estremece ligeiramente e me movo para sair, mas ele me mantém perto.

— Você pertence aqui, estou bem, Princesa. — Suas palavras são aflitas, mas fico no seu colo. Tomando cuidado para não mexer muito.

Enterro minha cabeça em seu peito, amando o calor quando me embala. Me encosto nele e pela segunda vez, me deixo desabar.

Soluço no peito de Gio. Tudo parecendo demais para lidar.

Ele me abraça, acariciando suavemente o meu cabelo. — Está tudo bem. — diz suavemente.

Não está. Eu matei meu pai. O assassinei com uma faca da forma mais brutal possível. Havia muito sangue, muito mais do que poderia ter imaginado. Ainda não consigo acreditar no fiz.

Estou chorando, tremendo e minha respiração descompassada, mas Gio me abraça apertado e delicadamente sussurra em meu ouvido. — Está tudo bem. Eu estou com você. Nunca irei te abandonar, Princesa.

Isso é o que preciso ouvir. Nunca me abandone. Não posso viver sem ele.

Depois de muito choro, estou exausta. Ele me solta quando finalmente me acalmo. Gio enxuga minhas lágrimas e beija minhas bochechas.

— Está segura agora, Princesa. — ele diz.





Agito a cabeça, não me sentindo segura ou confiante. Me abraço e respiro fundo, tentando me acalmar.

— Confie em mim. — Ele faz uma pausa e me olha nos olhos. — Confia em mim, não é?

— É claro. — digo suavemente.

Saio de seu colo depois de alguns minutos e dou uma volta pela cozinha. É um espaço grande com uma ilha grande no meio. O azulejo tem um padrão geométrico azul e verde e os armários são todos de madeira escura. Os eletrodomésticos são de inox. Parece uma casa normal. Como um verdadeiro lar.

— Posso fazer um tour? — Pergunto, tentando afastar as imagens da minha mente. As imagens horríveis que continuam inundando minha cabeça.

— É claro. Pode fazer o que quiser, Princesa.

Sorrio, em seguida, saio da cozinha. Ele me segue, bebida na mão, o gelo tilintando no copo.

Sua sala de estar é espaçosa, mas bem decorada. É bem iluminada por conta das grandes janelas e uma porta de vidro deslizante nos fundos. Atravesso a sala e ele segue atrás de mim, em silêncio. Ele me deixa andar por sua casa, olhando tudo. Não estou levando à sério, só me distraindo e Gio sabe isso. Mas ele é paciente.

Entro em seu quarto, vejo sua cama grande. Há armas empilhadas no canto.

A cama parece tão convidativa. Tiro minha roupa e rastejo nela, puxando as cobertas sobre meu corpo. Olho para Gio querendo ver sua reação.





Não posso voltar para o quarto. Simplesmente não posso.

Gio dá uma pequena risada enquanto vai até a cabeceira. — Você não pode dormir no meio. Também preciso de espaço. — Ele se curva e beija minha testa, afastando meu cabelo.

Uma sensação de alívio me envolve, mas não dura muito.

— Temos que ir, Princesa.

Olho para ele um pouco preocupada, puxando o cobertor mais perto para mim. Não quero sair. Só quero ficar aqui e lidar com tudo o que ameaça me consumir. Estou sobrecarregada.

— Tenho que ir ver meu pai. — Leva um momento para eu entendê-lo. Sei que seu pai é quem o entregou. As malditas lágrimas enchem meus olhos, mas a raiva as afasta. — E você precisa ir para um lugar seguro.

— E 'Ver' significa? — Pergunto com meus olhos na parede dos fundos.

— O matarei, Princesa. O matarei pelo que fez com você. — A voz de Gio é baixa e ameaçadora.

— Não me deixe sozinha. — sussurro. Me sinto fraca, mas não quero ficar sozinha.

— Preciso fazer isso.

Olho para ele, suplicando. — Então me leve com você. — Não sei por que pedi. Parece ridículo, mas o pensamento de Gio me abandonando me destrói.

— Não posso te arriscar. Eu não posso.

— Não quero que vá. — As lágrimas caem pelo meu rosto e o agarro.





Ele ajoelha na cama e segura meu queixo na mão. — Minha Princesa, eu voltarei. Juro. Me deixe levá-la para um lugar seguro. Te darei um celular, impossível de rastrear, mas saberei onde você está e a chamarei assim que terminar.

Meu peito dói, apertando em agonia. — Por favor, não. — As palavras lamentáveis deixam meus lábios mesmo sabendo que ele vai. Nada vai pará-lo. Isso deve ser feito.

Gio se aproxima, a cama rangendo com peso dele e me abraça.

Não resisto à tentação de beijá-lo.

O puxo mais para mim.

— Princesa... — ele respira a palavra, pressionando seus lábios nos meus, sua língua escorregando ao longo da costura dos meus lábios até eu abrir para ele.

Ele geme na minha boca, empurrando os cobertores e deixando as mãos viajarem pelo meu corpo.

Estamos os dois cobertos de sangue e sujeira, mas não me importo. Eu o quero. Preciso dele. Tenho que tê-lo perto de mim, consumindo cada parte minha.

— Não me deixe. — Imploro. Interrompendo o beijo apenas para ajudá-lo a tirar sua camisa.

— Tenho que ir. Só mais uma vez. — Diz deixando a camisa cair no chão. Seu peito está sangrando e machucado, isso faz meu coração apertar de aflição. Fecho meus olhos e ouço as suas palavras: — E então nunca mais.

Gio me deita na cama, chutando sua calça jeans. Quando abro os olhos, vejo seu olhar penetrante, cheio de devoção e





muito mais. Amor. Sei que me ama, mas preciso ouvi-lo dizer isso.

Ele espalha minhas pernas abertas, seus quadris encostando nos meus, quando alinha a cabeça do seu pau na minha entrada.

Ele empurra lentamente, movendo-se para frente e para trás. Meu pescoço arqueia para trás e minhas unhas cavam em suas costas.

Suspiro, só então percebendo que estava segurando minha respiração quando ele mete dentro de mim, enterrado até o talo.

*Sim!*

Preciso sentir. Cada centímetro da minha pele ganhando vida, enquanto Gio se move dentro de mim em um ritmo implacável. A cabeceira da cama bate na parede, quando minha cabeça afunda no colchão.

Gio agarra meu queixo e molda meus lábios nos deles. Me beijando com a paixão que tenho por ele.

Meus calcanhares cavam em sua bunda, querendo mais. Quero a fera que me tomou, preciso disso agora.

— Não. — diz Gio, se afastando de mim, mas não parando seu ritmo impiedoso. — Preciso de você assim. Natural, vulnerável e comigo. — me beija forte e com um desejo que não posso negar. — Como agora. — Ele empurra e puxa para fora lentamente, tomando seu tempo e deixando meu clímax cada vez mais próximo.





— Gio. — Sussurro, quando me beija ao longo do pescoço. Meu corpo aquece e o desejo acumula em meu ventre, ameaçando me jogar num precipício.

— Eu te amo. — sussurro as palavras, enquanto arqueio as costas e meus mamilos endurecidos esfregam em seu peito. A pele sensível está diretamente ligada ao meu clitóris latejante e me deixa ainda mais perto da libertação.

— Eu te amo, Grace. — Gio diz puxando uma respiração e bombeando cada vez mais rápido dentro mim. Seu olhar azul mergulha no meu. — Te amo tanto.

Suas unhas curtas cavam meus quadris quando empurra seu pau grosso dentro de mim uma e outra vez. Um grito e lágrimas de prazer saem à medida que cada nervo do meu corpo arde com um orgasmo tão intenso que mal posso suportar.

Seus olhos nunca deixam os meus quando ele continua a bombear durante o meu orgasmo, uma, duas, três vezes, antes de empurrar profundamente e gozar comigo.

Deitamos na cama, ofegantes e saciados, nos agarrando. O seguro, cada centímetro da minha pele precisando tocar a dele, não querendo soltá-lo. Não quero que ele me deixe.

Acho que ele nunca voltará.





# Vite e sete

## Gio

Dirijo lentamente para entrada da casa do meu pai, a mente completamente concentrada na tarefa em questão. Sei que Grace está a salvo na outra casa e ninguém a encontrará. Não sei porque confio que os Rossi manterão sua parte do acordo, mas Toni não tem qualquer motivo para voltar à sua palavra. E sei que sua sobrinha tem que significar algo. É a melhor. Toni seria um imbecil para não querer o melhor para ela.

Ele é o Don agora e como o Don, precisa impor determinado nível de respeito. Se ele voltar atrás no primeiro acordo que fez, isso lhe dará um péssimo precedente para o resto de seu tempo no comando.

Respiro fundo, focando minha mente. Meu pai mora em um trailer no final de uma longa estrada de terra. Ele comprou vários hectares há alguns anos e montou ali, copiando o que fiz no lado oposto da cidade. Exceto que no lugar de construir uma casa linda, ele manteve seu muquifo e acumulou seu dinheiro.





Raiva me controla, mas tenho que mantê-la à distância. Meu pai me traiu, armou pelas minhas costas e quase me matou. Pior que isso, colocou Grace em perigo. Ele a devolveu ao homem que fez de sua vida um inferno por todos esses anos. Grace foi forçada a matar seu próprio pai e poderia ter sido colocada em uma posição ainda pior se não tivesse feito. Tudo porque meu pai foi idiota o bastante para pensar que os Rossi o aceitariam. Sua ganância. Ele vai morrer por causa disso.

Seu tempo acabou. Foi forte por tanto tempo e conseguiu fazer as coisas muito bem. Construiu nosso negócio do zero sozinho. Mas agora é seu fim.

Ele foi longe demais. É meu pai e eu deveria amá-lo, mas odeio aquele desgraçado. Sempre o odiei, mesmo quando era criança. Nós trabalhávamos bem juntos e cuidou de mim, me ensinou o seu ofício e me fez o homem que sou hoje, mas o desprezava. Por sua causa, a escuridão governou minha vida, me empurrou a fazer coisas que normalmente não faria.

Mas isso não me comanda mais. Isso se tornou claro para mim. A escuridão está silenciosa quando eu estaciono o carro e olho para o trailer. Parte de mim tem medo de que ela está lá, apenas esperando o momento certo para vir à tona, mas não posso viver minha vida supondo que isso vai acontecer.

Agora tenho Grace. Tenho a minha Princesa. Vê-la em perigo e saber que não pude salvá-la, destruiu uma parte de mim. Ela é a cura que precisei por toda a minha vida e nunca a deixarei ir embora. Sei que preciso dela. Embora não saiba o porquê. Tem algo a ver com minha necessidade de cuidar dela,





dar-lhe banho, alimentá-la, vesti-la e lhe dar prazer. Finalmente tenho uma razão para existir fora de meus próprios desejos. Eu tenho alguém para satisfazer agora.

Me aproximo do trailer e estaciono na frente da porta. Sua caminhonete está no lugar de sempre à direita, então sei que está em casa. Desço lentamente do carro, uma espingarda pendurada no ombro.

— Bruno. — chamo. — Venha aqui fora.

Há um silêncio no trailer. Posso imaginar o que ele está pensando. Ele provavelmente está me observando, chocado, sem saber o que fazer. Ele sabe por que estou aqui, mas não sei o que ele vai decidir.

— Bruno. — grito novamente. — Venha me enfrentar. Venha enfrentar o filho que deixou para morrer.

Lentamente, a porta abre. Meu pai sai, sua bota pesada no chão, seus olhos assombrados, quando olha para mim.

Ele está visivelmente bêbado. Pego a arma nas mãos e aponto para seu peito. Ele tropeça no degrau de baixo vestindo jeans rasgados e uma blusa branca manchada de cerveja. Seus olhos estão vermelhos e turvos quando vem em minha direção, sua cabeça inclinada.

Puta que pariu. Ele está bebendo há dias, com certeza. Provavelmente, desde o momento que fui capturado, ele começou a beber. Talvez isso me fizesse sentir melhor, que meu pai tenha alguma humanidade, mas ele não tem. Não me importo com o que sobrou desta casca de homem que uma vez vi.

— Como? — diz.





— Você me subestimou. — Digo.

— Não. — sussurra. — Eu não fiz isso.

— Fez sim. Me entregou para a morte. Você me vendeu aos Rossi, mas infelizmente para você, os Rossi fizeram um acordo diferente. —

— Gio. — diz ele, vindo até mim. — Meu filho. Eu nunca te vendi. Nunca.

— Mentiroso. — digo em uma voz forte e uniforme que não reflete o que estou sentindo. Dúvida se infiltra em minha cabeça. Quero acreditar nele, mas sei que está mentindo.

— Como eu poderia fazer isso? — indaga. — Você é meu filho, meu sangue. Por favor, filho, tem que acreditar em mim. Eu nunca faria isso. Nunca.

— Mentiroso. — repito, meu dedo firme no gatilho.

Ele se aproxima cada vez mais. Não mexo a espingarda. Finalmente, o cano está em seu peito e ele levanta as mãos, envolvendo-as em torno da arma. Ele me olha, seus olhos arregalados e acho que vejo lágrimas começando a formar.

Ele fala: — Te criei. Te ensinei tudo o que sei. Te formei em um homem.

— Você me destruiu. — Digo.

Seus olhos arregalam quando entende o que estou prestes a fazer. Me sinto oco, nada além de vazio e a escuridão não está lá. Esperava que aparecesse, mas ela nunca chega. Sem raiva, sem emoção, nada além de indiferença. Ele não é nada para mim. Isso não é nada para mim.

— Adeus, pai. — Digo sob meu fôlego.





— Filho... — o sorriso escorrega de seu rosto.

Puxo o gatilho. A espingarda explode em seu peito, forçando-o a recuar. Respingos de sangue em todas as direções enquanto seu tronco desmorona. Seu corpo cai no chão com um único suspiro e então cede.

Ando até seu corpo, pressiono a arma contra seu coração e atiro novamente. Só para ter certeza que o infeliz está morto.

Abaixo sobre o cadáver do meu pai sangrando e encaro seus olhos sem vida. Em todos esses anos com ele, nunca imaginei que acabaria assim. Sempre pensei que morreríamos em um trabalho ou mofando na prisão. Jamais pensei que iria assassiná-lo. Nunca imaginei que poderia traí-lo.

Isso mudou quando ele me traiu. Ele estava morto assim que tomou a decisão. Ou talvez acontecesse mais cedo que isso. Talvez Grace tenha me mostrado o que é ser um homem de verdade, defender aquilo em que se acredita, proteger aquilo que importa. Antes, vivi por dinheiro e golpes e era isso. Mas, agora, vivo por ela.

Meu pai teria encontrado um jeito de acabar assim. Ele nunca tentaria parar de me destruir. E agora ele está morto, como queria que acontecesse.

Vou até minha caminhonete e jogo a espingarda na caçamba. Pego minha faca grande de caça e um rolo de plástico. Volto até o corpo do meu pai e paro, respirando fundo.

É hora de acabar com isto.

Me debruço sobre ele e faço o meu trabalho.





Horas depois, me encontro a caminho da sede dos Romano. Não me incomodo em ligar porque sei que não serei bem-vindo de qualquer maneira. Prefiro que esta visita seja uma surpresa e quero terminá-la logo, antes de voltar para minha Princesa. Sei que ela está preocupada e tenho o telefone na minha mão, mas não posso ligar ainda. Não até que isso esteja feito.

Os Romano frequentemente se reúnem em uma grande casa vitoriana em um terreno discreto fora da cidade ao norte. É uma bela e pequena propriedade, provavelmente possuída por algum babaca rico daquela época, mas agora é usado como sede de uma das máfias mais poderosas deste lado do litoral.

Paro em frente ao portão. Um homem segurando um rifle me encara quando abaixo o vidro.

— Gio. Vim ver o Marco. — Digo.

— Quem? — O homem pergunta.

— Gio. Diga a Marco que tenho algo de meu pai. É importante.

O homem olha para mim e acena. Ele pega o rádio e chama a casa principal. Após uma breve conversa, retorna para mim.

— Marco disse para subir.

Aceno para o homem quando abre o portão. Entro e estaciono a caminhonete lá na frente. Mais homens portando armas circulam por ali. Me olham com desconfiança, mas não me importo. Pego o saco plástico e desço do carro.

— Espere. — diz o capanga. — Tenho que te revistar.





— Certamente. — Sorrio quando ele me apalpa. Quando termina, gesticula para o saco.

— Isso também. — diz.

Mostro a ele. Ele recua ao ver o que está dentro.

— Mais alguma coisa? — Pergunto.

— Ah, merda, não. — Está claramente abalado e tem um olhar de repulsa no rosto.

— Obrigado. — Eu ando por ele e vou à frente da casa.

Marco está me esperando na cozinha. Vários de seus homens estão espalhados pela grande sala e posso cheirar algo cozinhando no fogão. É provavelmente algum tipo de molho de tomate e macarrão, se eu tivesse que adivinhar. É um clichê, mas massa é a solução quando se trata de alimentar um grande número de homens.

— Gio. — diz Marco, de pé. — Que prazer.

— Marco. — Não apertamos as mãos. Ele me olha com um sorriso no rosto, mas sei que há ameaça por trás de tudo o que faz.

— A que devo esse prazer? — Indaga.

— Tenho uma mensagem para você dos Rossi.

Seu semblante escurece e o sorriso desaparece. — Desde quando você trabalha para eles?

— Não trabalho. — digo. — Mas ele trabalhou.

Abro o saco e despejo a cabeça do meu pai em cima da mesa.





Os homens recuam exceto Marco, ele pregado no chão com a expressão congelada. Marco olha para a cabeça, com um silêncio chocado nos cercando, seus homens à espera de ordens.

Covardes. Para um bando de criminosos durões, certamente agem como um bando de bebês medrosos por causa de uma cabeça decepada.

— Esse é teu pai. — Marco diz finalmente.

— Isso mesmo. Íamos abater o Don dos Rossi, mas meu pai me vendeu ao invés disso. — Ele estala a língua e dá um passo atrás, estreitando os olhos e considerando minhas palavras.

— Como... isso aconteceu? — indaga, gesticulando para a cabeça.

— Os Rossi fizeram um novo acordo comigo. O antigo Don está morto, Martino, sua filha o matou, e Toni está no comando agora. A oferta de paz de Toni é que se eu matasse meu pai e lhe trouxesse a cabeça, estaríamos quites. — Encolho os ombros e aceno com a cabeça. — Isso é o que eu fiz.

— Por quê? — indaga, boquiaberto. — Por que ele iria quer essa porra?

— Meu pai era um filho da puta desleal que me vendeu ao inimigo. Até toda essa história de guerra, ele não tinha ideia do porquê vocês começaram isto. Ele me perguntou por que não queriam contar. Acho que Toni está tentando avisar que a guerra só vai piorar a partir de agora. — Dou de ombros. — Eu não sei e não me importo.





— Por que você faria isso com seu próprio pai? — Marco me encara, balançando a cabeça e olhando como se eu fosse um rato, como se eu fosse a escória aqui. Isso me irrita.

— Você o conhece. Ele era desprezível. Nunca o deixariam entrar. — Começo a voltar à porta da frente. — Ele me traiu e pagou por isso. Agora estamos quites.

— Espera. — diz ele.

— Não. Encerrei com você, Marco. Encerrei com os Rossi, também. Você vai me deixar sair deste lugar e nunca mais voltarei.

— Por que deixaria você ir embora? — indaga. — Como sei que isso não é um truque?

— Você me conhece, Marco. Se te quisesse morto, você estaria morto. — Eu paro e sorrio para ele. — Boa sorte com a guerra.

Sem mais uma palavra, viro e saio da sala. Minhas costas estão viradas para ele para que saiba que não é uma ameaça para mim. Meu sangue gela sabendo que eles podem me matar, mas isso quebraria o código. Não haveria honra em meu assassinato.

Meu trabalho está terminado. Marco não diz nada quando saio. Ninguém vem atrás de mim e ninguém me para quando entro no meu carro e dirijo para a estrada principal.

O portão se fecha atrás de mim e sinto um ligeiro alivio, mas não será completo até que eu tenha minha Grace nos meus braços.

Abro a janela e sinto a brisa fresca em meu rosto. Me sinto livre pela primeira vez em toda minha vida. Meu pai está





morto e meus laços com a Família estão oficialmente rompidos. Os Romano não me querem de volta e os Rossi provavelmente irão me matar se eles me virem outra vez, mas enquanto ficarmos longe, eles não têm razão para vir atrás de nós.

Agora somos só eu e Grace. Já não sou o pau mandado de ninguém. Não há mais contratos com mafiosos e não há mais assassinatos. Minha vida está em minhas mãos.

E a única coisa que quero é a minha Princesa. Ela é a única coisa que realmente importa.

Meu coração retumba no peito enquanto acelero em sua direção. Pego o meu telefone no banco do passageiro e disco seu número. A escuridão está longe de ser vista e me sinto otimista pela primeira vez na vida. Acredito que a escuridão se foi, ou pelo menos está enterrada bem fundo sob este novo sentimento.

Mal posso esperar para voltar para casa. Mal posso esperar para contar tudo a Grace. Quero que ela saiba que estou livre. Quero que saiba o que sinto por ela. Ela é minha, completamente minha e sempre será.

Piso no acelerador e aproveito a velocidade, me sentindo leve e bem.

Ela atende ao primeiro toque. — Gio? — Sua voz é baixa e cheia de preocupação.

— Estou voltando, Princesa. Estarei aí em breve.





# Epílogo

## Gio

Saio na varanda e respiro o ar fresco do mar. Levo a caneca aos lábios e saboreio o café francês fresco e forte, à medida que a cidade se revela a minha frente. Rig está encolhido no canto debaixo da mesa pequena, cochilando na brisa da manhã. Ele ficou mais preguiçoso desde que nos mudamos, assim como um típico cão francês.

Saint Tropez é uma bela cidade. Situada no sul da França entre Cannes e Marselha, é um lugar pequeno que não vive lotado de turistas. É absolutamente impressionante, assim como a maioria do Sul da França, com lindas casas em tons pastel e uma vista extensa do azul profundo do oceano.





Grace que escolheu. De todos os lugares do mundo, ela queria vir para cá. Agora é a nossa casa. E ela adora. Isso é tudo que importa para mim. Não lembro quanto tempo faz. Dois meses, talvez três. O tempo realmente não importa mais. A vida é tranquila em Saint Tropez, que é exatamente o que eu queria.

Eu não mato mais. Desde que saímos de Chicago, as ânsias desapareceram. A escuridão nunca mais surgiu, nem mesmo nos piores momentos.

Respiro fundo, me sentindo calmo e satisfeito pela primeira vez.

Viro-me e olho para o nosso quarto. Grace se ergue em um cotovelo, sorrindo para mim. A brisa que entra pelas portas abertas sopra o cabelo do rosto dela. Ela é tão linda. Sou um homem de sorte.

— Acordou cedo. — diz com um bocejo.

Entro e a beijo suavemente nos lábios. — Queria que tomássemos café da manhã juntos.

— Você está me mimando. — Ela ri.

Dou de ombros, sorrindo. — Sim, estou. Você é minha princesa.

— O que há na agenda para hoje, então? — indaga se espreguiçando.

— O que quiser. Pensei em ir até o mercado conseguir algo para almoço e jantar e depois dar uma volta na praia. Talvez parar para beber em algum lugar.

— Ou seja, o mesmo de ontem?

Sorrio.





— Exatamente. Também pensei que poderíamos visitar aquele pequeno e privado afloramento de rochas...

Ela ri.

— Que safado! Você está apenas tentando entrar em minha calcinha novamente. — Ela descansa a cabeça no travesseiro e olha para mim como se fosse inocente. Ela é tão pervertida quanto eu e sabe disso.

— Malditamente certo que estou. — A beijo com força quando a memória de a comer naquela praia pública no dia anterior me atinge.

Depois de tudo, fui buscar Grace, fiz algumas malas e saímos naquela noite. Dirigimos pelo país por um tempo, vivendo do meu dinheiro, até que um dia conhecemos um cara que fez passaportes falsos na Filadélfia, ninguém poderia nos rastrear e descobrir onde iríamos.

De lá, voamos para Londres. Ficamos por um tempo antes de ir para a Alemanha. Partimos para a Itália, Espanha, norte da França e, finalmente, nós nos estabelecemos em Saint Tropez.

Acabei por comprar este apartamento e pela primeira vez desde que largamos nossa casa, conseguimos uma vida diária normal.

Bem, normal o suficiente. Ainda tenho uma porrada de dinheiro guardado, além de ter pego o que o meu pai tinha, o que significa que nenhum de nós vai precisar trabalhar por um bom tempo. Se alguma vez precisarmos.





Por sua vez, posso dizer que Grace é mais feliz do que nunca. Me certifiquei que ela visitasse tudo que queria, visse e fizesse todo o possível. Ela teve tantas experiências para pôr em dia e adorei vê-la se encontrar no mundo.

Ela é livre. É minha Princesa, mas livre. Pode sair a qualquer momento, se quiser, mas eu sei que nunca irá.

Não quando somos tão estupidamente felizes juntos. Não quando parece que finalmente nos tornamos completos e os horrores do nosso passado não são mais importantes.

A tratarei como a princesa que ela é pelo resto de sua vida. Ela nunca trabalhará um dia, se não quiser. Ou pode fazer qualquer trabalho que der vontade. Não importa para mim, contanto que ela seja mimada, adorada e feliz.

Essa é minha vida agora e é mais gratificante do que qualquer outra coisa. Nós comemos, dormimos, transamos e eu cuido dela. É assim que a vida deve ser.

— Você não deveria me deixar dormir. — ela diz finalmente sentando e dando uma olhada no quarto.

— Precisa descansar agora. Você sabe disso.

Ela suspira.

— Só porque estou grávida não quer dizer que eu esteja inválida.

Eu rio.

— Claro que sim. Tem que me deixar cuidar de você.

— Você já cuida. — O sorriso suave que toca seus lábios faz o meu coração apertar.





Olho para o anel em seu dedo. O casamento aconteceu na Espanha em uma antiga igreja na costa. Não falamos uma palavra de espanhol, mas foi lindo e perfeito e, o mais importante, ela ficou feliz. Um olhar para a igreja e ela sabia que queria que acontecesse lá. Então fiz isso acontecer.

Ela suspira e se espreguiça novamente. Vou até a mesa e sirvo o suco de laranja. Grace aceita o copo grata.

— Você ainda vai me amar quando eu estiver grande e gorda, certo?

Eu rio. — Você nunca será grande e gorda.

— Resposta correta.

Deito ao lado dela e beijo seu pescoço.

— Sabe, Princesa, podemos ficar aqui.

— Oh, podemos? — Ela sorri para mim, um pouco travessa. — E por que faríamos isso?

— Você precisa descansar.

— Você não vai me deixar descansar e sabe disso.

— Verdade. Sou um péssimo mentiroso.

Ela ri da minha piada e coloca o copo na mesa de cabeceira. Aproveito a chance e monto em cima dela.

Beijo-a completa e profundamente, felicidade brotando dentro de mim. Em breve, seremos uma família normal. Eu criarei meu filho ou filha, assim como os outros que Grace quer, com amor e respeito às pessoas e não permitirei que tenham a vida que tivemos.

Tudo o que importa é que Grace pode se encontrar e podemos viver juntos, em paz, amor, uma família no paraíso. Seu





francês é maravilhoso e estou melhorando. Em breve seremos oficialmente cidadãos franceses com bebezinhos franceses.

Nunca imaginei que seria assim, mas não poderia estar mais feliz.

Com Grace e nosso bebê, sou mais feliz do que poderia imaginar. O oceano se estende à distância e eu a tenho, minha Princesa, meu amor, a única que me mantém vivo. Cuidarei dela até que meu coração pare de bater e para sempre.





# Avisos

## Aviso 1

Por favor, não publicar o arquivo do livro em comunidade de redes sociais, principalmente no facebook!

Quer baixar livros do PL? Entre no grupo de bate-papo, entre no fórum, no blog, lá você encontrará toda a biblioteca do PL ou envie por email a quem pedir.

Postagens de livros no facebook podem acarretar problemas ao PL!

Ajude-nos a preservar o grupo!

## Aviso 2

Gostou do livro e quer conversar com sua autora favorita?

Evite informá-la que seus livros em inglês foram traduzidos e distribuídos pelos grupos de revisão!

Se quiser conversar com ela, informe que leu os arquivos no idioma original, mas, por favor, evite tocar no nome do PL para autores e editoras!

Ajude a preservar o seu grupo de romance!

A equipe do PL agradece!

## Aviso 3

Cuidado com comunidades/fóruns que solicitam dinheiro para ler romances que são trabalhados e distribuídos gratuitamente!

Nós do PL somos contra e distribuímos livros de forma gratuita, sem nenhum ganho financeiro, de modo a incentivar a cultura e a divulgar romances que possivelmente nunca serão publicados no Brasil.

Solicitar dinheiro por romance é crime, é pirataria!

Seja esperta (o).